



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



Profletras
mestrado profissional

WÂNIA ELIAS VIEIRA DE OLIVEIRA

PROPOSTA DE ENSINO DE VARIAÇÃO DIATÓPICA EM AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA PARA CLASSE HOSPITALAR

UBERLÂNDIA - MG

2016

WÂNIA ELIAS VIEIRA DE OLIVEIRA

PROPOSTA DE ENSINO DE VARIAÇÃO DIATÓPICA EM AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA PARA CLASSE HOSPITALAR

Dissertação, como trabalho de conclusão final, apresentado ao Programa Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção de título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Professora Dra. Adriana Cristina Cristianini

UBERLÂNDIA - MG

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48p
2016

Oliveira, Wânia Elias Vieira de, 1970-

Proposta de ensino de variação diatópica em aulas de língua portuguesa para classe hospitalar / Wânia Elias Vieira de Oliveira. - 2016.

140 f. : il.

Orientadora: Adriana Cristina Cristianini.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS.

Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Teses. 3. Língua portuguesa - Variação - Teses. 4. Língua portuguesa - Vocabulário - Teses. I. Cristianini, Adriana Cristina. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS. III. Título.

CDU: 801

WÂNIA ELIAS VIEIRA DE OLIVEIRA

PROPOSTA DE ENSINO DE VARIAÇÃO DIATÓPICA EM AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA PARA CLASSE HOSPITALAR

Dissertação, como trabalho de conclusão final, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Prof.^a Dr.^a. Adriana Cristina Cristianini (UFU)

Prof. Dr. José Sueli Magalhães (UFU)

Prof.^a. Dr.^a. Vera Lúcia Dias dos Santos (UEG)

Uberlândia – MG, 23 de novembro de 2016.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A meus filhos, Phelipe e Ênio Júnior, meus bens preciosos, pela compreensão, quando de minha ausência.

Ao meu esposo, Shirleidson Moisés, pela paciência, compreensão e apoio incondicional.

A minha avó Alice (*in memorian*), pela herança de força, determinação e amor.

A meus pais, Hélio e Maria Alice, pelo incentivo.

Ao amigo, Prof. Dr. Ricardo Teixeira, pelo incentivo e apoio constantes.

Ao amigo e parceiro, David, pela construção e desenvolvimento do aplicativo proposto, neste estudo.

À Prof^a. Dra. Adriana Cristina Cristianini, pela orientação e confiança em mim depositada.

À Universidade Federal de Uberlândia e ao PROFLETRAS pela oportunidade de realizar este curso.

Aos amigos e companheiros de caminhada do Mestrado pelos momentos de convivência, pela solidariedade e disposição em nos ajudar.

Aos educandos da classe hospitalar envolvidos na pesquisa pela colaboração, empenho e interesse em aprender.

Aos professores do Programa de Mestrado PROFLETRAS, pela competência, profissionalismo e parceria.

Aos professores, Dr. José Sueli de Magalhães e Dra. Vera Lúcia Dias dos Santos, que gentilmente aceitaram a tarefa de ler e avaliar o trabalho para a Banca de Defesa. Com certeza, todas as observações são bem-vindas e enriquecem nosso trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior – CAPES, pela bolsa, sem a qual, com certeza, teríamos mais dificuldades em realizar esta pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho apresenta como objetivo principal desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica, utilizando um aplicativo voltado para o estudo da variação diatópica de itens lexicais referentes ao corpo humano nas aulas de Língua Portuguesa de duas classes hospitalares. Os objetivos específicos da pesquisa são: (i) desenvolver a proposta pedagógica para a criação de um aplicativo; (ii) avaliar, por meio de intervenção pedagógica, o aplicativo junto aos educandos de classes hospitalares; (iii) colaborar com a ampliação do acervo lexical dos educandos envolvidos; (iv) contribuir com o professor de Língua Portuguesa, oferecendo um recurso tecnológico para o ensino de variação diatópica; (v) contribuir para que os educandos ampliem seu conhecimento acerca da variação semântico-lexical de caráter diatópico referente às partes do corpo humano; (vi) contribuir para que o alunado tenha uma postura crítico-reflexiva em relação ao preconceito linguístico. Despertaram o nosso interesse pelo tema a falta de trabalhos e de discussões que envolvem o ensino de Língua Portuguesa em classe hospitalar, especificamente, a variação semântico-lexical e o uso de recursos tecnológicos que sejam capazes de despertar no educando o desejo de aprender de maneira prazerosa. Dessa maneira, buscamos em pesquisas teóricas sobre a classe hospitalar, o léxico e a variação linguística, um suporte teórico para elaborarmos os planejamentos e as atividades pedagógicas com a finalidade de nos orientar para o desenvolvimento do aplicativo. Voltamos para a variação semântico-lexical com foco na variação diatópica de itens lexicais do corpo humano. Os aspectos teóricos relacionados à variação linguística, Sociolinguística, tipos de variação, Dialetoлогия, Geolinguística, Sociogeolinguística e norma também estão presentes em nossa pesquisa. A fundamentação teórica para nossas discussões e para a elaboração das atividades pedagógicas e desenvolvimento do aplicativo pautou-se em pesquisadores ligados às temáticas supramencionadas, dentre eles: Fonseca (2008), Matos e Mugiatti (2008), Assis (2009), Albertoni (2014), Fernandes et al. (2014), Barbosa (1978; 1990; 1997); Cardoso (2010); Coseriu (1979; 1980); Bagno (2003; 2007; 2013); Faraco (2008; 2012); Preti (2003); Labov (2008). Desenvolvendo este trabalho, por meio da metodologia da pesquisa-ação, ressaltamos que as mediações de aprendizagem e as atividades realizadas de maneira interativa em classe hospitalar foram de suma importância para que o alunado desenvolvesse uma nova forma de ver e de olhar para a língua que usam. A utilização do aplicativo e o corpus coletado mostram que, durante a intervenção pedagógica, colaboramos bastante na desconstrução e desmistificação do que eles traziam sobre a concepção de língua como algo rígido e imposto. Constatamos que nosso trabalho conseguiu trazer resultados positivos, embora tenhamos consciência de que não alcançamos a totalidade dos educandos das classes hospitalares de Goiânia. Por meio desta pesquisa, entendemos que o trabalho com variação semântico-lexical em classe hospitalar é necessário e que muito contribui com a perspectiva inclusiva de educação para todos.

Palavras-chave: Léxico. Variação diatópica. Língua Portuguesa. Aplicativo. Classe hospitalar.

ABSTRACT

The present study aims develop a pedagogical intervention proposal by using an app that is focused for the study of the diatopic variation of lexical items related to the human body in the Portuguese Language lessons in two hospital classes. The research's specific objectives are: (i) develop the pedagogical proposal for the creation of an app; (ii) evaluate through pedagogical intervention the app along with the students of the hospital classes; (iii) collaborate with the increase of lexical collection of the students; (iv) contribute with the Portuguese Language teacher by offering a technological resource for the education of diatopic variation contribute to increase students's knowledge about the lexical-semantic variation related to human body parts; (v) contribute to the student's critical reflexive attitude in relation to linguistic discrimination. Our interest for the theme was stimulated by the lack of studies and discussions that involves the Portuguese Language education in hospital class, specifically, the lexical-semantic variation and the use of technological resources that are capable of arousing the student's learning desire in a pleasant way. Therefore, we searched in theoretical researches about the hospital class, the lexicon and the linguistic variation, a theoretical support to elaborate the planning and the pedagogical activities in order to guide us to the app development. We emphasize that we turn to the lexical semantic education foccusing on the diatopic variation of lexical items of the human body. The theoretical aspects related to the linguistic variation, Sociolinguistic, types of variation, Dialectology, Geolinguistic, Sociogeolinguistic and standard are also in our study. The theoretical substantiation to our discussions and to the elaboration of the pedagogical activities and development of the app took as reference researchers that are related to the mentioned topics above, like: Fonseca (2008), Matos and Mugiatti (2008), Assis (2009), Albertoni (2014), Fernandes et al. (2014), Barbosa (1978; 1990; 1997); Cardoso (2010); Coseriu (1979; 1980); Bagno (2003; 2007; 2013); Faraco (2008; 2012); Preti (2003); Labov (2008); among others. Developing this study through the action research methodology, we emphasize that the learning mediations and the activities performed in an interactive way in hospital class had great importance for that the student could develop a new way to see and look at the language that is used. The use of the app and the collected corpus shows that during the pedagogical intervention we collaborate in the deconstruction and demystification of what they brought about the language design as something rigid and forced. In this way, we found that this work was able to bring positive results, although we have consciousness that we did not reach all of the students from Goiânia's hospital classes. Through this study, we understand that working with lexical-semantic variation in hospital class is necessary and that it contributes a lot with the inclusive perspective of education for all.

Keywords: Lexicon. Diatopic variation. Portuguese Language. App. Hospital class.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Dados pessoais do participante e tutorial informativo	66
FIGURA 2 - Dados pessoais do participante	66
FIGURA 3 - Itens lexicais referente a partes do corpo humano	67
FIGURA 4 - Itens lexicais referente a partes do corpo humano	67
FIGURA 5 - Itens lexicais referente a partes do corpo humano	68
FIGURA 6 - Itens lexicais referente a partes do corpo humano	68
FIGURA 7 - Itens lexicais referente a partes do corpo humano	69
FIGURA 8 - Respondendo a perguntas	69
FIGURA 9 - Corpo humano	114
FIGURA 10 - Partes do corpo humano e cuidados com a saúde	116
FIGURA 11 - Partes do corpo humano	119
FIGURA 12 - Itens lexicais referente a partes do corpo humano	125
FIGURA 13 - Você sabe o que é?	130

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Sujeitos da Classe hospitalar 1- Quimioterapia	61
QUADRO 2 - Sujeitos da Classe hospitalar 2 (EJA) - Hanseníase	61
QUADRO 3 - Variações por regiões geográficas	78
QUADRO 4 - Variações por regiões geográficas	79
QUADRO 5 - Variações por regiões geográficas	83

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Item A da Atividade 1	72
TABELA 2 – Item B da Atividade 1	72
TABELA 3 – Item C da Atividade 1	72
TABELA 4 – Item D da Atividade 1	72
TABELA 5 – Item E da Atividade 1	72
TABELA 6 – Item F da Atividade 1	72
TABELA 7 – Item G da Atividade 1	73
TABELA 8 – Item H da Atividade 1	73
TABELA 9 – Item I da Atividade 1	73
TABELA 10 – Item J da Atividade 1	73
TABELA 11 – Item K da Atividade 1	73
TABELA 12 – Item L da Atividade 1	74
TABELA 13 – Item M da Atividade 1	74
TABELA 14 – Item N da Atividade 1	74
TABELA 15 – Item O da Atividade 1	74
TABELA 16 – Item P da Atividade 1	74
TABELA 17 – Item Q da Atividade 1	75
TABELA 18 – Item R da Atividade 1	75
TABELA 19 – Item A da Atividade 2	77
TABELA 20 – Item B da Atividade 2	77
TABELA 21 – Item C da Atividade 2	77
TABELA 22 – Item D da Atividade 2	77
TABELA 23 – Item E da Atividade 2	77
TABELA 24 – Item A da Atividade 3	81
TABELA 25 – Item B da Atividade 3	82
TABELA 26 – Item C da Atividade 3	82
TABELA 27 – Item D da Atividade 3	82
TABELA 28 – Item E da Atividade 3	82

LISTA DE ABREVIATURAS

ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALIB	Projeto Atlas Linguístico do Brasil
ALMS	Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
ALS – II	Atlas Linguístico de Sergipe - II
CNE / CEB	Conselho Nacional de Educação /Câmara de Educação Básica
CRER	Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo
EaD	Educação a Distância
EE	Educação Especial
EI	Educação Indígena
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EP	Educação Profissional
GEEE	Gerência de Ensino Especial
HAI	Hospital Araújo Jorge
HC	Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás
HDS	Hospital de Dermatologia Sanitária e Reabilitação Santa Marta
HDT	Hospital de Doenças Tropicais
HGG	Hospital Geral de Goiânia Dr. Alberto Rassi
HMI	Hospital Materno Infantil
HSCM	Hospital Santa Casa de Misericórdia de Goiânia
HUGO	Hospital de Urgências de Goiânia
HUGOL	Hospital de Urgência Governador Otávio Lage
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NAEH	Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SEDUCE	Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
CAPÍTULO 1 – O ENSINO E A CLASSE HOSPITALAR: A ESCOLA NO AMBIENTE HOSPITALAR.....	20
1.1 Breve Histórico da Classe Hospitalar	22
1.2 Ensino de Língua Portuguesa: da Sala de Aula Regular para as Classes Hospitalares.....	27
CAPÍTULO 2 – O LÉXICO	31
CAPÍTULO 3 – VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS.....	36
3.1 Sociolinguística – Um Estudo Voltado para a Classe Hospitalar	42
3.2 Tipos de Variação Linguística.....	44
3.3 Variação Diatópica	45
3.4 Dialetologia, Geolinguística e Sociolinguística: Variações presentes em Comunidades Linguísticas.....	47
3.5 Norma – Realidade e Mediação de Aprendizagem em Contexto	53
CAPÍTULO 4 – MÉTODO E PROCEDIMENTOS	58
4.1 A Pesquisa-ação e o Cenário de Pesquisa	58
4.2 Os Sujeitos da Pesquisa.....	60
4.3 O Aplicativo como Estratégia de Ensino-aprendizagem em Classe Hospitalar – da Ideia ao Desenvolvimento.....	62
4.4 O Aplicativo: Apresentação, Orientação e as Atividades.....	65
4.5 Procedimentos para Início da Intervenção	70
CAPÍTULO 5 – TRATAMENTO, DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICE A: PLANO 1.....	99
APÊNDICE B: PLANO 2.....	102
APÊNDICE C: PLANO 3.....	105
APÊNDICE D: PLANO 4.....	107
APÊNDICE E: PLANO 5.....	109
APÊNDICE F: PLANO 6.....	111
APÊNDICE G: ATIVIDADE 1.....	113
APÊNDICE H: ATIVIDADE 2.....	115

APÊNDICE I: ATIVIDADE 3	118
APÊNDICE J: ATIVIDADE 7	122
APÊNDICE K: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O APLICATIVO	124
APÊNDICE L: ORIENTAÇÃO SOBRE AJUDA DO APLICATIVO	134
APÊNDICE M: APRENDENDO VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS (AVL)	136

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Delors (1998, p. 9), no prefácio da obra *Educação: um tesouro a descobrir*, declara,

Ante os múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. Ao terminar os seus trabalhos a Comissão faz, pois, questão de afirmar a sua fé no papel essencial da educação no desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades. Não como um “remédio milagroso”, não como um “abre-te sésamo” de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais, mas, entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras [...]. (Grifos do autor).

Acreditamos que a educação voltada para a *práxis* das classes hospitalares¹ muito se identifica com a abordagem do autor. Nessa modalidade de ensino, há a necessidade de despertar o sujeito para uma educação de qualidade que ofereça possibilidades de mudanças e transformações para o enfrentamento da realidade (momentânea ou não), que é o tratamento clínico e a sua reinserção social após a alta hospitalar.

O espaço de desenvolvimento desta pesquisa configura-se como uma classe hospitalar. Nesse ambiente de escolarização hospitalar, o educador encontra inúmeros desafios, desde a sua formação acadêmica que não inclui estudos na área, relacionados aos cuidados em biossegurança necessários para atuação neste contexto, à prática diária em uma instituição de saúde que abriga uma classe hospitalar. E, o mais importante, as escolhas das estratégias adequadas para mediar aprendizagens com o educando que se encontra em situação delicada de saúde, fazendo tratamento clínico. Nesse momento, há influências de origem patológicas e psicológicas que precisam ser consideradas pelo educador, ao realizar o planejamento diário² das aulas.

Um hospital é um ambiente frio e alheio, pouco acolhedor em relação à dor

¹ Sistema de atendimento educacional, em ambientes hospitalares e domiciliares, criado pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Especial do Estado de Goiás. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download> > .

² Em classe hospitalar, o planejamento é desenvolvido diariamente para contemplar o educando que se encontra em condições clínicas de participar da mediação de aprendizagem.

do paciente³. Nesse ambiente, não se valoriza o ser em sua integralidade biológica, psicológica, social e tampouco a cognitiva. O que o representa são números e prontuários técnicos. É conhecido apenas por sua patologia e seu número de leito.

Precisamos considerar que o ser humano que se encontra fragilizado, em um ambiente hospitalar, também traz consigo uma realidade externa que o faz ser reconhecido pela identificação pessoal, características, gostos e ações próprias. Em seu interior, não há ruptura com o mundo que deixou antes de ser internado e iniciar um tratamento clínico. No entanto, o ambiente hospitalar o obriga a apartar-se de tudo o que deixou.

No Século XXI, o educador reflexivo percebe que é necessário e urgente despertar para uma educação que supere o tradicionalismo. Compreender e entender para atender pedagogicamente o educando é uma das formas de nos libertarmos e atuarmos de maneira mais humanizada.

O conhecimento que, ao longo dos anos vamos acumulando, precisa ser renovado e visto com outros olhares, revisitados, por meio da reflexão e crítica do nosso próprio fazer-ação, como professores. Devemos compreender que somos seres aprendentes em todos os momentos e que a Educação deve fascinar e ser instigante para a criação e recriação, além de ser prazerosa. Tudo isso é fundamental para o nosso ofício de mediar aprendizagens.

De acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) e da Câmara de Educação Básica (CEB), n. 2, de 11 de setembro de 2001, o atendimento pedagógico hospitalar é uma realidade dentro do ensino especial que vem garantir o direito à educação a crianças, jovens e adultos que se encontram em situação especial de saúde; e que, por isso, estejam impossibilitados de frequentar o ensino regular nas instituições escolares.

Esse atendimento pedagógico em instituições hospitalares é importante, porque possibilita à criança, ao adolescente e ao adulto hospitalizado, em tratamento e/ou em convalescença, o início ou a continuidade de sua escolaridade, estimulando seu desenvolvimento e possibilitando a diminuição da defasagem idade/série, da evasão e do fracasso escolar, conforme apresenta o Parecer CNE / CEB, n. 17, de 3 de julho de 2001:

³ Consideramos o sujeito como paciente para a instituição de saúde. Para o educador ele é sujeito ativo que prossegue aprendendo diariamente.

Os objetivos das classes hospitalares e do atendimento em ambiente domiciliar são: dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar; e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular. (BRASIL, 2001, p. 24).

Mesmo estando, nesse momento, em um estado especial de saúde, o educando pode aprender e produzir conhecimentos úteis para a compreensão de sua vida, seu estado e suas possibilidades, ao sair do hospital (alta médica). Isto não é um “remédio milagroso”, mas colabora sobremaneira para a formação do ser em sua integralidade, respeitando os seus direitos e proporcionando que o educando, atendido em um leito de uma enfermaria hospitalar pelo educador, tenha condições de ressignificar sua vida, além de atuar na sociedade como sujeito, crítico e reflexivo, capaz de mudar a sua realidade.

O atendimento educacional hospitalar é uma das modalidades da Educação Especial, destinado a crianças, jovens e/ou adultos que estejam em situação de internação, albergado, em reabilitação e convalescença, com assistência médica diária ou periódica. (CNE/CEB, n. 2, 2001).

Foi, a partir de nossa experiência, como educador em classe hospitalar e de reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa, principalmente, no que se refere ao léxico e à variação linguística, que decidimos desenvolver o projeto de pesquisa do qual resultou o presente trabalho.

Segundo Preti (1994), é sabido que a língua se adequa às transformações socioeconômicas e às questões culturais. Nesse processo de adequação, o sujeito também se ajusta ao contexto e ao seu espaço geográfico para conviver e interagir com os seus pares. No decorrer dessas transformações, o léxico sofre inúmeras variações para atender às necessidades dos sujeitos da comunidade de fala.

Precisamos levar em consideração que, além da instituição escolar, existem outras instituições que oferecem espaços para a construção da aprendizagem. Nesse caso, referimo-nos à classe hospitalar que tem o seu espaço dividido com a equipe de saúde nas instituições hospitalares. Portanto, esse espaço também passa a ser responsável pelo início ou continuidade da formação dos educandos inseridos na rede escolar e que momentaneamente se encontram impossibilitados de frequentar a escola regular.

Nesse ambiente hospitalar, o educando amplia o seu acervo de itens lexicais, devido ao contexto social em que está inserido. Portanto, é preciso considerar as inúmeras situações em que o sujeito é exposto a interações diferentes daquelas que ele tinha por costume ao longo da sua vida.

O educador de classe hospitalar precisa compreender a dinâmica diferenciada em que se encontra e também perceber as necessidades de seus educandos. Esse espaço da instituição hospitalar e a interação com a equipe da saúde é um lugar fértil para ampliar o léxico dos sujeitos envolvidos.

Então, dada a nossa vivência em classe hospitalar e a observação das necessidades dos educandos, resolvemos desenvolver um trabalho sobre a variação diatópica que tem um olhar direcionado para as variações que perpassam os itens lexicais referentes às partes do corpo humano e à saúde.

Partimos da hipótese de que o estudo das variações linguísticas, mais especificamente, abordando uma área semântico-lexical relacionada à saúde e ao corpo humano, proporciona aprendizagens significativas e úteis sobre a língua e seus falantes, valorizando as características peculiares dos grupos sociais em seu contexto, além de contribuir com os educandos em relação aos cuidados de saúde tão importantes nesse momento especial de suas vidas.

O educando de classe hospitalar precisa receber estímulos que o façam se interessar pelo conteúdo proposto para as aulas. No que diz respeito à Língua Portuguesa, especificamente às variações linguísticas, para o trabalho pedagógico, em classe hospitalar, precisamos buscar meios ou recursos capazes de promover aprendizagem significativa para o contexto onde o educando se encontra, isto é, o hospital e, também, para que a produção do conhecimento seja de fato útil para a sua formação.

Elaboramos, então, também a hipótese de que o trabalho com aplicativo pode colaborar sobremaneira para a construção dessa aprendizagem e facilitar a mediação do conhecimento, além de despertar o interesse do educando e enriquecer as aulas, tornando-as mais dinâmicas e eficientes.

Os materiais didáticos e a mediação da aprendizagem devem ser motivo de atenção do educador, visto que, por meio deles, podemos despertar, no educando, o desejo de participar desses momentos de construção do saber.

Assim, as questões que nortearam nosso trabalho de pesquisa e para as quais buscamos respostas, são as seguintes:

- As variações diatópicas relacionadas ao corpo humano e à saúde são utilizadas, durante a reconstrução do significado, para a ampliação do acervo lexical?
- A utilização de um aplicativo, durante a intervenção pedagógica, produz resultados positivos para o estudo de itens lexicais em classe hospitalar?

Nessa intenção, propusemos estratégias de ensino-aprendizagem em variação linguística, por meio de um aplicativo tecnológico, capaz de despertar no educando que se encontra em estado especial de saúde, o prazer em prosseguir com os seus estudos no ambiente de classe hospitalar, espaço diferenciado de uma sala de aula regular, mas que oportuniza encontros de educandos de variadas séries, diferentes faixas etárias e de espaços geográficos distintos.

Portanto, com esta pesquisa, objetivamos desenvolver um recurso tecnológico educativo para a mediação de aprendizagem de Língua Portuguesa, em especial do ensino das variações diatópicas de aspecto semântico-lexical em classe hospitalar.

Na linha desse objetivo geral, nossa pesquisa apresenta os seguintes objetivos específicos:

- Desenvolver uma proposta pedagógica, incluindo a criação de um aplicativo⁴;
- Aplicar, por meio de intervenção pedagógica, o aplicativo desenvolvido, junto aos educandos de classes hospitalares;
- Colaborar com a ampliação do acervo lexical dos educandos envolvidos;
- Contribuir com o professor de Língua Portuguesa, oferecendo um recurso tecnológico para o ensino de variação diatópica.
- Contribuir para que os educandos ampliem seu conhecimento acerca da variação semântico-lexical de caráter diatópico referente às partes do corpo humano;
- Contribuir para que o alunado tenha uma postura crítico-reflexiva em relação ao preconceito linguístico.

Entendemos que esse trabalho é importante para educadores e educandos de classe hospitalar, uma vez que a proposta contempla o estudo das variações diatópicas do educando em seu *lócus* temporários, de acordo com a realidade vivenciada por ele.

Cabe-nos ressaltar que estudos específicos, relacionados a classes

⁴ O aplicativo foi desenvolvido para classe hospitalar, porém, poderá ser utilizado por educadores em outros ambientes, inclusive no ensino regular.

hospitalares, são poucos, além de não oferecerem recursos apropriados para a mediação da aprendizagem na classe hospitalar. Em vista disso, nosso trabalho assume relevância, ao visar o desenvolvimento de um aplicativo que sirva como instrumento pedagógico para o educador que deseja trabalhar as variações diatópicas e ampliar o acervo lexical do educando.

O educando de classe hospitalar precisa receber estímulos que o façam se interessar pelo conteúdo proposto para as aulas. No que diz respeito à Língua Portuguesa, especificamente às variações linguísticas, para o trabalho pedagógico em classe hospitalar, precisamos buscar meios ou recursos capazes de promover aprendizagem significativa para o contexto onde o educando se encontra, o hospital; e também para que a produção do conhecimento seja de fato útil para a sua formação.

Para organização do presente trabalho, dividimos o texto em algumas seções.

Nas Considerações Iniciais, apresentamos o tema de nossa pesquisa, as justificativas, as questões da pesquisa, as hipóteses, os objetivos, e, por fim, delimitamos a organização deste estudo.

No Capítulo 1, abordamos sobre classe hospitalar, quem são os sujeitos atendidos e como acontece o ato pedagógico, nesse ambiente.

No Capítulo 2, focalizamos alguns estudos sobre o Léxico e suas características inerentes à língua falada em grupos, comunidades e regiões diversas, além de analisar e descrever como acontece a formação da fala dos sujeitos nas diferentes comunidades linguísticas e nos diferentes espaços.

No Capítulo 3, realizamos um percurso sobre estudos em Variação Linguística, Sociolinguística, Tipos de variação, Dialetologia, Geolinguística, Sociogeolinguística e Norma.

Já, no Capítulo 4, tratamos da Metodologia utilizada no trabalho, considerando o ambiente, os educandos, a coleta e análise dos dados para o desenvolvimento do aplicativo. Discutimos, ainda, sobre os resultados da aplicação desse recurso tecnológico.

No Capítulo 5, apresentamos a análise e a interpretação dos dados quantitativos obtidos, por meio do uso do Aplicativo, Aprendendo Variação Linguística (AVL), à luz das teorias estudadas e de acordo com os objetivos delimitados e informações dos sujeitos envolvidos na pesquisa - educador e educandos.

Por fim, apresentamos as Considerações Finais sobre a mediação da

aprendizagem em variação diatópica⁵ com o uso do aplicativo desenvolvido e, em seguida, as Referências Bibliográficas.

⁵ De acordo com Bagno (2007), a variação diatópica pode ser compreendida como aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares distintos.

CAPÍTULO 1 - O ENSINO NO AMBIENTE HOSPITALAR

Neste capítulo, apresentamos algumas considerações e reflexões sobre classe hospitalar. Fazemos um breve histórico dessa modalidade do Ensino Especial, focalizando esse espaço diferenciado que promove aprendizagem de sujeitos, em tratamento clínico para restabelecimento de saúde, mas que prosseguem aprendendo no percurso de sua vida. Abordamos também o desafio do educador, ao mediar aprendizagens que sejam realmente significativas para o educando e que colaborem efetivamente para a sua formação e reinserção na escola regular, posteriormente.

Conforme Delors (1998), em todos os âmbitos da sociedade, a educação apresenta-se como uma necessidade primordial e imprescindível ao homem, sujeito de sua história e atuante em seu meio social na busca por transformações que atendam aos seus anseios pessoais, as quais também lhe ofereçam condições de trabalho, capazes de garantir a sua sobrevivência e qualidade de vida em seu meio.

Entendemos que a ação de educar não é neutra, ou seja, isenta de ideologias. Sendo assim, sofre influências diretas e indiretas do sistema, o Estado, que favorece as implantações políticas e estabelece objetivos do que se espera para a formação do cidadão. Sendo assim, e, em busca de uma forma de colaborar na ampliação de horizontes, por meio do conhecimento e da libertação ideológica, vemos, com seriedade e importância, a formação do sujeito para a cidadania, o qual deve ser consciente, crítico e com valores que lhe permitam tomar atitudes capazes de promover mudanças em seu meio que beneficiem a si e aos outros.

Para que as grandes mudanças aconteçam, na educação, precisamos entender que há uma série de desafios a serem vencidos. E, isso só será possível, por meio de políticas educacionais que sejam traçadas e implementadas, com vistas a atingir objetivos em âmbito nacional.

A educação brasileira segue determinações da Constituição Federal Brasileira, de 1988, e de orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que traça a estrutura da educação nacional. O Governo Federal, por meio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), apresenta propostas e sugestões de organização dos programas educacionais a serem implementados em cada esfera administrativa.

A Constituição de 1998, em seus Artigos 205 e 206, aborda a educação e aos seus objetivos de maneira ampla, enfatizando-a como direito de todos e dever do

Estado.

Art. 205 – A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206- O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III- pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

V- valorização dos profissionais do ensino, garantidos, na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;

VI- gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII- garantia de padrão de qualidade. (BRASIL, 1998, [n.p.]).

Sobre a modalidade, a LDB (1996), em seu Art. 5º, § 5º, atribui “[...] ao poder público a responsabilidade de garantir o direito à educação e criar formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino”, e expressa no Art. 23, que deve “[...] organizar-se de diferentes formas para garantir o processo de aprendizagem”.

Essa legislação regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da Educação Básica ao Ensino Superior) e regulamenta, também, todos os níveis da educação que está dividida em Educação Básica e o Ensino Superior.

A Educação Básica abriga a Educação Infantil, o Ensino Fundamental – anos iniciais (do 1º ao 5º ano) e anos finais (do 6º ao 9º ano), e o Ensino Médio. O Ensino Superior é de competência da União que o autoriza e o fiscaliza, podendo ser oferecido por Estados ou Municípios.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996, educação brasileira conta ainda com outras modalidades de educação, que perpassam todos os níveis da educação nacional, a saber: Educação Especial (EE), Educação a Distância (EaD), Educação Profissional (EP), Educação de Jovens e Adultos (EJA), e Educação Indígena (EI).

Em dezembro de 2002, o Ministério da Educação / Secretaria de Educação Especial lançou uma cartilha, intitulada, *Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar – Estratégias e Orientações* que apresenta e estrutura as ações políticas de organização do atendimento educacional em ambientes hospitalares e domiciliares, bem como oferece sugestões para o desenvolvimento da prática

pedagógica nessa modalidade, a fim de atender à diversidade humana.

Neste estudo, fazemos uma proposta de intervenção voltada para um público da EE: educandos de classe hospitalar, os quais devem receber respaldo da família e da unidade escolar em que estão matriculados, com apoio didático-pedagógico e adaptações físicas necessárias que lhes garantam igualdade de condições para o acesso ao conhecimento e continuidade de seus estudos, de acordo com currículo escolar vigente.

Dessa forma, a legislação resguarda e nos dá respaldo para o desenvolvimento desse trabalho, cujo foco está no atendimento ao educando em condição especial de saúde, garantindo o início e/ou continuidade dos seus estudos e o seu pleno desenvolvimento.

1.1 Breve Histórico da Classe Hospitalar

Conforme já exposto, a classe hospitalar é um ambiente diferenciado. Dar continuidade aos estudos dos educandos, nesta situação adversa, representa um desafio para o educador.

Consideramos importante fazer uma breve incursão a respeito da história das classes hospitalares e outras considerações relevantes para a nossa pesquisa. Para tanto, selecionamos alguns autores que estudaram e desenvolveram pesquisas no âmbito da pedagogia hospitalar, das classes hospitalares e sua *práxis*. Dentre eles, citamos Fonseca (2008), Matos e Mugiatti (2008), Assis (2009), Albertoni (2014), Fernandes et al. (2014).

O início do histórico desse tipo de atendimento remonta à Europa, na França. Ao redor de Paris, em 1935, um médico, chamado Henri Sellier, iniciou este trabalho atendendo crianças vítimas da Segunda Guerra Mundial, que eram consideradas inadequadas para as escolas regulares.

Sobre esse assunto Albertoni (2014, p. 31) afirma que:

Considera-se a Segunda Guerra Mundial um marco na história das Classes Hospitalares, pois para inúmeras crianças e adolescentes em idade escolar, que sofreram graves ferimentos e longos períodos de permanência nos hospitais, esta modalidade educacional teve o propósito de amenizar e oferecer oportunidades educacionais, a fim de que pudessem prosseguir em seus estudos, ali mesmo no hospital.

No Brasil, temos São Paulo e o Rio de Janeiro como os pioneiros para esse tipo de atendimento. Segundo Mazzotta e Assis (1996; 2009 apud Albertoni, 2014, p. 31):

A história da Classe Hospitalar no Brasil é bem mais recente. Em São Paulo, foi na Santa Casa de Misericórdia que se instalou a primeira classe Hospitalar. Segundo Assis, apesar deste serviço ter sido iniciado na década de 1930, somente a partir de 1953 encontram-se registros escolares mais acurados.

E, sobre as classes hospitalares no Rio de Janeiro, Fernandes e Issa (2014, p.89) afirmam que: “No Brasil, o Hospital Municipal de Jesus, localizado na cidade do Rio de Janeiro, iniciou oficialmente as atividades pedagógicas hospitalares, em 1950, sendo a primeira Classe Hospitalar implantada no Brasil”.

No Estado de Goiás, este atendimento pedagógico em classe hospitalar é desenvolvido pela Secretaria de Educação, Cultura e Esporte (SEDUCE), por meio da Gerência de Ensino Especial (GEEE). Desde o mês de agosto de 1999, o Atendimento Educacional Hospitalar é desenvolvido pelo Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar (NAEH). Atualmente, esse trabalho é realizado em 10 instituições hospitalares de Goiânia e nos domicílios (Goiânia e municípios).

De acordo com o NAEH, as instituições de saúde que possuem classe hospitalar são:

- Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo (CRER);
- Hospital Araújo Jorge (HAJ);
- Hospital Materno Infantil (HMI);
- Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (HC/UFG);
- Hospital de Doenças Tropicais (HDT);
- Hospital Geral de Goiânia Dr. Alberto Rassi (HGG);
- Hospital de Urgências de Goiânia (HUGO);
- Hospital de Urgência Governador Otávio Lage (HUGOL);
- Hospital Santa Casa de Misericórdia de Goiânia (HSCM);
- Hospital de Dermatologia Sanitária e Reabilitação Santa Marta (HDS).

O Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar foi aprovado, ao longo de sua história, pela Resolução n. 161, de 13 de novembro de 2001, Resolução n. 065 de março de 2004, Resolução nº 41 de 2 de dezembro de 2010, do Conselho Estadual de Educação e Parecer 0267/2015 do Conselho Estadual de Educação que valida,

recredencia, renova e autoriza o trabalho desenvolvido pelo Núcleo até a data de 31 de dezembro de 2019.

O referido núcleo tem como objetivo possibilitar à criança, ao adolescente e ao adulto hospitalizado, em tratamento e/ou em convalescença, o início ou a continuidade de sua escolaridade, estimulando seu desenvolvimento e possibilitando a diminuição da defasagem idade/série, da evasão e do fracasso escolar.

O espaço da classe hospitalar é um ambiente diferenciado, dentro de uma instituição hospitalar, propiciando interações entre educador e educando em busca de aprendizagens significativas. Nessa intenção, o educador precisa compreender a necessidade de entender o educando, conhecê-lo para desenvolver a mediação da aprendizagem.

Segundo Matos e Mugiatti (2001, p. 67), a hospitalização escolarizada, ou seja, o espaço escolar em classe hospitalar: “[...] se constitui num espaço temporal diferenciado, em que as condições de aprendizagem fogem à rotina escolar e o aluno é uma criança/adolescente adoentada”.

Consideramos importante compreender que, no ambiente de uma classe hospitalar, a aquisição da aprendizagem é efetiva e legítima⁶, mesmo não sendo em um ambiente formal da escola regular. Outros espaços, além dos concebidos por nós como espaços formais de aprendizagem (escolas, universidades, centros de ensino), também, podem ser considerados espaços propícios para a mediação da aprendizagem.

O tratamento médico ou a doença não deve ser considerado(a) limitador(a) para a produção do conhecimento. Nesse caso, é necessário que o educador trabalhe de maneira diferenciada e escolha com cuidado a metodologia e estratégias adequadas que possam despertar o desejo de aprender naquele que é paciente apenas para a instituição hospitalar, porque para a educação, ele (educando) é um sujeito que mesmo doente continua aprendendo.

Sobre as ações pedagógicas em classe hospitalar, Fernandes e Issa (2014, p. 96) apontam que

[...] o atendimento pedagógico-educacional ajuda a criança e o adolescente *[sic]* hospitalizado a mediar suas interações com o mundo

⁶ Legítima, no sentido de ser válida para a instituição escolar, com documentos oficiais da Secretaria de Educação que reforçam o caráter legal da ação pedagógica.

fora desse contexto hospitalar. O professor por ser mediador do ensino e aprendizado deve instigar paciente/aluno a busca pelo conhecimento sempre levando em consideração os diferentes interesses e limitações de cada um. O profissional que está nesta área, precisa possuir muita sensibilidade, comunicação, didática e saber expor suas finalidades e objetivos. Deve ouvir a criança/adolescente, ouvir suas ansiedades, história, desejos e medos. Deste *[sic]* modo construirá um bom vínculo com a criança e/ou adolescente internado.

Nessa modalidade de trabalho, é importante valorizar, principalmente, o sujeito, respeitando as suas necessidades e potencialidades a serem desenvolvidas. Estabelecer vínculos é primordial para a prática pedagógica. O trabalho em classe hospitalar trata-se de um desafio para os educadores; e é novo aos olhos de quem descobre que o mundo está em construção, sendo tudo dinâmico, mesmo independentemente de nossa vontade. Para exercer o papel de educador, nessa modalidade, é necessário que estejamos abertos ao novo, ao diferente e saibamos nos reconhecer no outro.

Outro aspecto importante a ser considerado, em relação ao trabalho pedagógico em classe hospitalar, é a capacidade que o educador deve ter para lidar com situações limites que envolvem a dor, a vida e a morte. Para tanto, precisamos entender que o equilíbrio emocional é um dos requisitos básicos para essa atuação.

As classes hospitalares não são, necessariamente, uma sala ou um espaço separado dentro de um hospital, ou dentro de uma área específica na instituição de saúde. Em algumas instituições hospitalares, esse espaço é específico e separado dos leitos ou das enfermarias, por exemplo, em salas amplas, bem arejadas e com alguns materiais pedagógicos, doados pela comunidade ou fornecidos pela equipe da psicologia do hospital. Porém, na maioria dos casos, esse espaço físico específico não existe, tendo em vista a grande demanda de pacientes atendidos pela equipe de saúde. Nesse caso, o educador utiliza salas compartilhadas com a equipe de saúde apenas para desenvolver os planejamentos diários e preencher as documentações de registro dos educandos atendidos.

Cabe-nos ressaltar que, em um grande número das classes hospitalares, o atendimento ao aprendiz hospitalizado acontece nos leitos, nas salas de hemodiálise, nas salas de quimioterapia, ou ainda, nas salas de espera e alas de clínicas médicas.

Esse atendimento educacional é realizado de maneira personalizada, desde o planejamento da aula a ser desenvolvido, até o momento da mediação da

aprendizagem, ou seja, da prática pedagógica. Isso se faz necessário, porque são salas multisseriadas, apesar de o documento a ser seguido para a escolha dos conteúdos e planejamento diário ser único: Currículo Referência da Rede Estadual. Nele, os conteúdos encontram-se bimestralizados e dispostos por eixos temáticos. (NAEH, 2001).

A validação do planejamento é feita pela Secretaria de Educação Cultura e Esporte (SEDUCE) do Estado de Goiás, instituição a que as classes hospitalares estão diretamente subordinadas por meio de uma Gerência de Ensino Especial (GEEE) e do Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar (NAEH). Esse planejamento deve ter como parâmetro o documento oficial da Secretaria, *Currículo Referência* da rede estadual em que os conteúdos se encontram divididos por bimestres.

O Currículo Referência (2012) é um instrumento pedagógico orientador dos aspectos indispensáveis no processo de ensino-aprendizagem em cada disciplina, ano de escolaridade e bimestre. Um documento de referência com uma base comum e importante para os estudantes da rede estadual de ensino do Estado de Goiás, em consonância com as legislações vigentes, Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS).

Todo esse processo do atendimento pedagógico desenvolvido com o trabalho em conjunto entre a educação e a saúde, por meio de parcerias das instituições hospitalares junto à Secretaria de Educação possibilita ao educando não interromper suas atividades escolares, além de contribuir para elevar a autoestima dos participantes. Percebemos, também, que a educação nesses espaços, de certa forma, humaniza as relações entre todos os envolvidos (equipe de saúde, educadores, educandos e familiares ou responsáveis).

1.2 Ensino de Língua Portuguesa: da Sala de Aula Regular para as Classes Hospitalares

A Língua Portuguesa no Brasil apresenta variações linguísticas relacionadas à cultura do local onde o sujeito está inserido e deve ser objeto de pesquisa, estudo e ensino na escola básica para que sejam reconhecidas as variantes da língua e respeitadas as escolhas comunicativas do falante, evitando assim discursos com elementos discriminatórios. (PRETI, 1994).

A língua é um elemento de identificação do sujeito nos diversos contextos sociais. E, por muitas vezes, essa forma de identificação leva-nos a fazer juízos morais e pessoais que rotulam e excluem os falantes.

Segundo Cristianini (2012), é inconcebível iniciar qualquer discussão linguística sem ressaltar que a língua está relacionada à questão cultural do seu usuário e da comunidade da qual o sujeito faz parte, visto que a língua é o principal elemento de interação social.

Dessa forma, linguagem e sociedade estão interligadas. De acordo com as histórias das sociedades, estas foram organizadas, em torno de um sistema de comunicação que a princípio era oral, e, posteriormente, por meio da escrita. Por isso, quando falamos de linguagem e sociedade, é necessário pensar sobre as variações linguísticas ou sobre os fenômenos linguísticos que refletem concepções particulares, descrevem-nos e analisam o seu papel na vida social. (PRETI, 1994).

O estudo da língua e suas variações nas aulas de Língua Portuguesa alcançaram espaços diferenciados de uma sala de aula regular. Um desses espaços não convencionais é a classe hospitalar. A mediação da aprendizagem da língua em uso pelo sujeito, nesse contexto, exige mediações diversificadas para conseguir envolver os educandos e obter resultados satisfatórios.

Políticas públicas garantem o atendimento educacional para educandos impossibilitados de frequentar a escola regular e trazem grandes desafios aos educadores. A instituição escolar e os diversos segmentos das Secretarias Estaduais da Educação dos estados brasileiros, que cumprem a legislação voltada ao ensino especial, atendem alunos oriundos das mais variadas classes sociais, de diferentes lugares do Brasil e com idades diversas que frequentam instituições também diferentes dos ambientes escolares convencionais. O atendimento a esses alunos, por exemplo, dá-se nas classes hospitalares.

A prática pedagógica em uma classe hospitalar é desenvolvida com a finalidade de, posteriormente, após o tratamento clínico, o aluno, ser reinserido no contexto da escola regular de origem, sem *déficit* em aprendizagens básicas para o prosseguimento ou a continuidade dos estudos.

Por se tratar de situação adversa (tratamento médico), o sujeito nesse período deve ser considerado capaz de aprender e transformar a realidade onde está inserido, além de ocupar o tempo ocioso em um leito de hospital. Entendemos que o aspecto da construção de aprendizagem, significativa ao educando, com a valorização da variedade linguística utilizada pelo falante, nessa situação e nesse contexto de uma classe hospitalar, por meio de atividades diferenciadas com o uso de recursos tecnológicos, pode ser um atrativo a mais, valorizando o ser em sua integralidade (biopsicossocial), e contribuindo para o resgate de sua autoestima.

No contexto de uma classe hospitalar, há o encontro de pacientes/educandos de regiões geográficas diversas que acabam formando uma comunidade linguística menor que perdura pelo tempo de tratamento de cada um (às vezes um tratamento clínico dura anos ou uma vida inteira). As variações percebidas nos momentos de diálogos e nas interações diárias podem provocar, muitas vezes, mudanças que agregam outras variações na fala do sujeito que reflete a questão humana da necessidade de construir e se relacionar com os outros.

Sobre essas constantes modificações da língua, Cunha (1975, p. 38) observa que:

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações. [...] Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.

Assim, compreendendo que as variações fazem parte do dia a dia desse alunado de classe hospitalar e, também, por entendermos que a língua é um sistema heterogêneo, buscamos diversificar as práticas pedagógicas, a fim de fugirmos um pouco do ensino da língua que valoriza apenas a cultura dominante, de forma que as variações utilizadas por esses educandos sejam compreendidas e valorizadas.

Diante disso, o planejamento de Língua Portuguesa para educandos de

classe hospitalar requer do educador um trabalho de estudo e pesquisa constante. Outro aspecto a ser considerado nessa modalidade de ensino é o fato de que se tratam de classes hospitalares multisseriadas e, com isso, o alunado apresenta idade e níveis de compreensão também diferenciados.

Precisamos considerar que esses educandos vêm de lugares distintos, e se encontram juntos, no momento, devido à condição especial de saúde que requer tratamento clínico. Por isso, o educador precisa conhecer particularidades de cada ser (bio/psíquica/social) para desenvolver um planejamento que atenda às necessidades educacionais. A ação pedagógica que acontece, posteriormente aos passos já mencionados, desenvolve-se de modo individual e personalizado ou também coletivo, em grupos de alunos, o que facilita e enriquece o intercâmbio de ideias e conhecimentos.

Importa-nos ressaltar aqui a importância de se considerar a questão psicológica desses educandos, pois percebemos ao longo de nossa prática docente que a escolha acertada da metodologia e da estratégia de ensino, durante o planejamento pedagógico para a mediação da aprendizagem, é capaz de despertar o interesse e produzir resultados satisfatórios na construção do conhecimento.

O papel do educador, na mediação da aprendizagem em ambiente hospitalar, tem início, a partir da clareza e na conscientização, a respeito da concepção social da educação e do seu papel social na humanização das relações entre a educação e a saúde. Mediar essa construção de maneira significativa ao processo de aprendizagem e formação do sujeito ativo e transformador social tem como ponto de partida a reflexão sobre o ato pedagógico e o papel da educação.

No ambiente regular (sala de aula convencional), o aluno é, muitas vezes, passivo em relação ao conhecimento, recebe informações e não as elabora a fim de retirar das informações o que lhes servirá à vida diária de cidadão e agente de transformações. Na proposta da pedagogia hospitalar, ou seja, no ambiente hospitalar o aluno é o sujeito que, embora doente, continua aprendendo.

O contato com o educador e com uma "escola no hospital" funciona, de modo significativo, um elo entre os padrões da vida comum dos alunos com os seus pares e da sua rotina diária. São momentos de acreditar na vida e no sujeito, permitindo que ele se expresse e seja valorizado. Precisamos nos lembrar de que a doença não o impede de aprender, com rara exceção. Aprender é fruto de esforço.

O ensino de Língua Portuguesa, desenvolvido nas classes hospitalares,

apresenta um texto inicial que faz parte do tema gerador, desde o início do planejamento. A partir do texto, explora-se o conteúdo proposto para a aula do dia em formato de eixos temáticos: prática da oralidade; prática de leitura; prática de escrita; e prática de análise da língua. (CURRÍCULO REFERÊNCIA, 2012).

Ressaltamos que, neste estudo, objetivamos demonstrar que os recursos tecnológicos são meios capazes de despertar o interesse do educando em participar ativamente da mediação de aprendizagem em Língua Portuguesa, nesse caso, contemplando o ensino de variação diatópica em classe hospitalar. Por ser um ambiente diferenciado de uma sala de aula regular, a escolha de como mediar a aprendizagem deve ser um motivo a mais para o educador diversificar a sua prática.

CAPÍTULO 2 - O LÉXICO

Nesse estudo, partimos do princípio do léxico como um “[...] conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” (DUBOIS et al., 2006, p. 364). E, nessa vertente, podemos observar que os educandos das classes hospitalares em que desenvolvemos nosso trabalho, apresentam diferentes maneiras para se referirem às partes do corpo humano. Ressaltamos que o estudo em questão se refere aos itens lexicais das partes do corpo humano. Optamos pelo termo item lexical (também chamado de listema), o qual, segundo Lenharo ([s.d.,n.p.]), “[...] denota um item armazenado no léxico, isto é, na memória passiva do falante de uma língua natural”.

Nossa pesquisa foi desenvolvida em duas classes hospitalares distintas. Uma delas recebe educandos do ensino regular, oriundos de municípios do Estado de Goiás e, em menor número, educandos de outros estados. Nesse grupo, especificamente, constatamos um menor número de variações em relação aos itens lexicais pesquisados. Por outro lado, na outra classe hospitalar, o alunado da Educação de Jovens e Adultos (EJA) são idosos, mesmo residindo há muito tempo no local em que fazem o tratamento clínico, revelou a utilização de itens lexicais com maior variação, possivelmente utilizando itens lexicais oriundos das respectivas localidades de origem.

Biderman (2001, p. 179), ao conceituar léxico, afirma que:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua.

Percebemos, dessa forma, que o léxico constitui um “vasto universo” ou um acervo aberto, já com inúmeros itens, por isso, entendemos ser complexo descrever o léxico de uma língua, uma vez que está em constante expansão. Os sujeitos, que são os formadores de um grupo ou de uma comunidade, utilizam o léxico de maneira particular para ler, compreender e se comunicar com os demais. E, nesse intercâmbio há uma constante alteração e renovação do léxico utilizado, resultante também da realidade em que se encontra inserido o sujeito.

Sendo assim, entendemos que o estudo do léxico, a partir de Dubois et al. (2006) e Biderman (2001), leva-nos a perceber que, ao voltarmos o nosso olhar para o falante, é possível constatar que o léxico é uma espécie de arcabouço de itens lexicais, os quais, ao serem utilizados, permitem-nos estabelecer relações sociais em qualquer que seja o contexto.

Assim como é importante conhecer esse acervo lexical também é imprescindível a valorização do sujeito que faz o uso desse conjunto de itens lexicais. Nesse caso, referimo-nos, particularmente, ao educando de classe hospitalar, uma vez que ele se encontra afastado de seu grupo ou comunidade de origem, sentindo-se, de certa forma, em um ambiente adverso e pouco acolhedor, que é uma instituição hospitalar.

Conforme já mencionado, com esta pesquisa, buscamos estudar itens lexicais que se referem ao corpo humano e à saúde. Entendemos, portanto, que esse aspecto em estudo se configura um campo lexical, o qual é caracterizado por Ilari (2005, p. 39) como:

[...] as palavras que nomeiam um conjunto de experiências em algum sentido análogas. Os nomes das cores, por exemplo, que se referem a um tipo particular de experiência visual ou os nomes dos animais, que organizam parte de nossa experiência dos seres vivos, constituem campos lexicais.

Já, para Coseriu (1987, p. 146), um campo lexical

[...] és, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que resulta de la repartición de un contenido léxico continuo entre diferentes unidades dadas en la lengua como palabras y que se oponen de manera inmediata unas a las otras, por medio de rasgos distintivos mínimos. Así, por ejemplo, la serie jung - neu - alt ("joven" - "nuevo" - "viejo") es, en alemán, un campo léxico.⁷

De acordo com Ilari (2005) e Coseriu (1987), um campo lexical refere-se a um conjunto de palavras pertencentes a uma área de conhecimento inserido no léxico de uma língua.

⁷ [...] é, de um ponto de vista estrutural, um paradigma lexical resultante da veiculação de um conteúdo lexical contínuo entre as diferentes unidades dadas na língua como palavras e que se opõem de maneira imediata umas às outras, por meio de características distintas. Assim, por exemplo, a série jung - neu - alt ("jovem" - "novo" - "velho") é, em alemão, um campo lexical. (COSERIU, 1987, p. 146, tradução nossa).

A seguir, alguns exemplos de campos lexicais:

- **Campo lexical de escola:** escolar, escolarizado, aprendizagem, estudo, matéria, disciplina, dentre outros.
- **Campo lexical de esporte:** esportivo, esportista, atleta, futebol, natação, ginástica, tênis, dentre outros.
- **Campo lexical de medicina:** médico, medicinal, medicação, pediatra, cirurgião, estetoscópio, dentre outros.

O léxico armazenado na mente do falante pode revelar características particulares, desse modo, indubitavelmente, não é o mesmo para todos, uma vez que é obtido, por meio das experiências pessoais de cada um, sofrendo também influência do meio.

Assim, consideramos que o estudo do léxico, utilizado pelo sujeito em espaços geográficos distintos, em situações específicas e em grupos sociais e/ou comunidades, pode favorecer o conhecimento de realidades diversificadas de uso da língua, como exercício social, uma vez que esta é:

Um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. [...] é um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis socialmente motivadas. (CASTILHO, 2000, p. 12).

O estudo do léxico dos falantes pode proporcionar uma maior compreensão de uma língua, se pensarmos que, ao ser exposto a diferentes e variados estímulos, o sujeito poderá ampliar a sua experiência linguística individual e influenciar outros em seu meio, em uma troca recíproca. Sendo assim, o léxico, ou melhor, o acervo lexical do sujeito recebe influência direta dos acontecimentos sociais e culturais, os quais podem trazer modificações para a sociedade como um todo. (CASTILHO, 2000).

Consideramos, então, que o léxico, fundamental em todas as línguas, é um instrumento para aprendizagens nas várias áreas do saber. É, por meio dele, que o sujeito pode acessar o conhecimento e ter domínio sobre o saber. Portanto, os estudos lexicais são de suma importância, porque revelam as características inerentes à língua falada em grupos, comunidades e regiões diversas, além de analisar e descrever como acontece a formação da fala dos sujeitos nas diferentes comunidades linguísticas. (FARACO, 2004, 2008).

A língua, sendo diretamente ligada aos fatos sociais, revela também a maneira com que cada comunidade percebe o mundo ao seu redor, por meio da expressão dos pensamentos e ideias. Na classe hospitalar com educandos da EJA, constatamos que, a escolha lexical da maioria deles traz valores e experiências de vida entrelaçados, como se uma parte do que foi experimentado também estivesse presente ali, naquele item lexical.

Segundo Villalva e Silvestre (2014, p. 23):

O léxico de uma língua é, pois, uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se às palavras em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua; às palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que estiverem em uso em sincronias passadas, de que temos notícia pela documentação escrita e que, por vezes, ressurgem; aos dados da escrita, unem-se os da oralidade, quando é possível aprendê-la, dada a muito maior fluidez da oralidade face à escrita.

Desse modo, percebemos que, à medida que utilizamos a língua, também alteramos o léxico, quando acrescentamos ou deixamos de utilizar alguns itens lexicais pelo seu uso ou desuso. Assim sendo, podemos pensar que a língua constrói identidades sociais e culturais e serve de elo em relação a outras comunidades. (LABOV, 2008).

Nesse espaço diversificado em que nos relacionamos, a competência lexical do sujeito forma-se, a partir suas interações sociais em um mundo heterogêneo e dinâmico, sendo que a condição social, cultural, econômica e espacial (geográfica) influencia a composição do vocabulário ativo, assim como as oportunidades de se expor a outras culturas também acrescentam. (MATTOS; SILVA, 2004).

Em nossa pesquisa, abordamos o estudo da variação linguística dos educandos de duas classes hospitalares (Classe hospitalar da Quimioterapia no Hospital Araújo Jorge e classe hospitalar da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Hospital Dermatológico Sanitário) e de diferentes faixas etárias (adolescentes e idosos) que, por trazerem experiências diversificadas de seu meio e por se encontrarem temporariamente impossibilitados de frequentar a escola regular, acabam incorporando ao seu vocabulário ativo itens lexicais específicos da área da saúde, uma vez que mantêm diariamente um convívio estreito com médicos, enfermeiros, psicólogos e terapeutas.

Aliado a isso, ainda assimilam itens lexicais por conviverem com outras

crianças, adolescentes, adultos ou idosos oriundos de estados diferentes dos seus e que, na ocasião, também estão em tratamento clínico.

Acreditamos ser importante informar que a sistematização do *corpus* coletado nesta pesquisa e o estudo dos itens lexicais revelaram informações para além da questão cultural e educativa, ou seja, os aspectos sociais, políticos e econômicos dos grupos de educandos também puderam ser observados neste material.

Com isso, queremos ressaltar que a ampliação dos estudos lexicais em classe hospitalar é importante para esse público ser melhor assistido pedagogicamente, uma vez que conhecer a língua e suas variações em ambientes diversos proporciona conhecimento amplo do funcionamento e do comportamento histórico, social e cultural dos seus sujeitos.

CAPÍTULO 3 - VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

A língua utilizada pelos sujeitos em uma sociedade não é homogênea e nem uniforme sob o ponto de vista de seu uso, mas configura-se como um fenômeno interativo e dinâmico em constante modificação, bem como todo o contexto social. Língua e sociedade estão intimamente relacionadas e, por isso, podemos dizer que uma influencia a outra e vice-versa, conferindo assim a heterogeneidade da língua. (MONTEAGUDO, 2011).

Labov (2008[1972]) foi o grande responsável pela ampliação dos estudos relativos à heterogeneidade da língua em relação aos fatos sociais. Ele propôs um modelo teórico metodológico que, levando em conta a relação existente entre língua e sociedade, sistematiza a ‘variação natural’ da língua falada.

Portanto, é a partir Labov que a Sociolinguística passa a ser reconhecida como a área da Linguística responsável por estudar a língua inserida em seu contexto social. Por meio da Sociolinguística conseguimos perceber a grande dimensão social da língua nos mais variados espaços e culturas.

A heterogeneidade na perspectiva laboviana é o resultado natural de fatores linguísticos e sociais básicos que condicionam a variação de forma sistemática.

Segundo Santos (2008, p.19):

A heterogeneidade ordenada dos sistemas linguísticos, confirmada pelas várias situações em que se constata mais de uma forma para se dizer a mesma coisa, não compromete a estrutura desses sistemas. Tanto é que, nos momentos de variação, que precedem as mudanças linguísticas, as línguas não deixam de atender perfeitamente as necessidades comunicativas do falante.

Visto dessa forma, compartilhamos com Lemle (1978), quando afirma que a heterogeneidade linguística em um país como o Brasil é um fato natural e inevitável, pois faz parte da natureza da linguagem e é resultado da diversidade de grupos sociais e da relação que tais grupos mantêm com as normas linguísticas. E, de acordo com Lucchesi (2002, p. 66-67): “Em outras palavras, a heterogeneidade interna dos sistemas linguísticos é funcional, a homogeneidade é que resultaria disfuncional”.

Em razão dessa heterogeneidade observada na língua em uso nos diversos contextos sociais e institucionais, entendemos que a variação linguística deve ser objeto central de estudo para o ensino da língua, ou seja, não deve ser relegada a um

plano inferior em nossa prática pedagógica.

Cada sujeito desenvolve maneiras peculiares que são adequadas e convenientes ao seu uso, de acordo com a sua necessidade de fala. Bagno (2014, p.16) afirma que, "[...] se a língua está dentro de nós e se a língua é o ambiente social em que circulamos, não pode haver separação entre a linguagem e seu uso, entre quem fala e onde fala".

De acordo com o local onde se encontra o sujeito, do grupo a que pertence ou mesmo do momento em que interage, o falante faz suas escolhas para se comunicar da forma que achar mais pertinente para determinado contexto, uma vez que a própria condição da língua e suas constantes mudanças lhe permitem optar por um ou outro modo de adequação para o uso. Ainda sobre a heterogeneidade da língua, Bagno (2007, p. 36) afirma:

Justamente pelo caráter heterogêneo, instável e mutante das línguas humanas, a grande maioria das pessoas acha muito mais confortável e tranquilizador pensar na língua como algo que já terminou de se construir, como uma ponte firme e sólida, por onde a gente pode caminhar sem medo de cair e de se afogar na correnteza vertiginosa que corre lá embaixo. Mas essa ponte não é feita de concreto, é feita de abstrato... O real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar, que sobem e descem conforme o regime das chuvas, sujeitas a se precipitar por cachoeiras, a se estreitar entre as montanhas e a se alargar pelas planícies.

Em toda comunidade de fala, há presença de variações da língua que identifica o falante e cumpre bem o seu papel de comunicação e interação em um determinado contexto com valores próprios. Entretanto, precisamos nos lembrar de que a variação não acontece desordenadamente na língua, como afirma Labov (2008[1972]).

A esse respeito Bagno (2007, p. 40) também observa:

Um dos postulados básicos da Sociolinguística é o de que a variação não é aleatória, fortuita, caótica – muito pelo contrário, ela é estruturada, organizada, condicionada por diferentes fatores. [...] A Sociolinguística trabalha com o conceito de heterogeneidade ordenada.

Considerar que a língua pela sua dinamicidade apresenta outras formas de ser utilizada que foge a certos padrões sociais é compreender que a língua em uso tem grande importância por ser uma atividade coletiva que permite o acesso à

expressão, à compreensão e à explicação das ideias do falante em um contexto. (LEMLE, 1978).

Sobre língua e contexto Bagno (2014, p.17) ressalta:

Abrir a boca e começar a falar uma língua é, instantaneamente, criar um ambiente sociocultural e sociocognitivo moldado pelos falantes daquela língua. É criar um contexto de relações e interações. Ou seja: língua é contexto.

Portanto, temos a língua como responsável por fazer veicular as relações humanas, facilitando a comunicação entre os sujeitos de uma comunidade com outras, promovendo o intercâmbio de culturas por esse meio em comum.

Desta forma, pensamos também que, durante a interação, o sujeito, ao se comunicar e fazer-se entendido pelos demais, utiliza a língua, por meio da fala de forma a lhe favorecer uma determinada tomada de posição.

Acerca desse assunto, Alkimin (2001, p. 39) diz que

[...] em qualquer comunidade de fala podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica da cada comunidade. Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso que reflete a hierarquia dos grupos sociais. Isto é: em todas as comunidades, existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores.

Para Monteagudo (2011, p.19), o fenômeno da variação linguística

[...] manifesta-se na existência de variáveis, isto é, de unidades de qualquer plano do sistema gramatical (fônico, morfológico, sintático...) que apresentem realizações diferentes. Cada uma dessas possíveis realizações representa uma variante. Por conseguinte, uma variante é um elemento linguístico que se encontra em concorrência com outro ou outros, representando cada um deles realizações alternativas de uma mesma unidade; o conjunto das variantes constitui tal unidade (a variável).

As variações linguísticas são também influenciadas por fatores externos. Bagno (2007, p. 43) elenca um conjunto de fatores sociais chamados de fatores extralinguísticos que, segundo ele, podem auxiliar na identificação dos fenômenos de variação linguística, quais sejam:

- **Origem geográfica:** a língua varia de um lugar para o outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes

regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa;

- **Status socioeconômico:** as pessoas que tem um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que tem um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;

- **Grau de escolarização:** o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos;

- **Idade:** os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores;

- **Sexo:** homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece;

- **Mercado de trabalho:** o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este os mesmos de um cortador de cana;

- **Redes sociais:** cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico.

Ancorados nos referenciais apontados, abordando estudos sobre a língua, dada a sua característica de ser sistêmica, heterogênea, dinâmica, contextual e coletiva, além de ser um fenômeno de natureza sociocognitiva⁸, mais uma vez recorreremos a Bagno (2014, p.22) para uma definição de língua que corrobore com o nosso estudo:

Uma língua é um **conjunto** de representações simbólicas do mundo físico e do mundo mental que:

(1) é **compartilhado** pelos membros de uma dada comunidade humana como **recurso comunicativo**;

(2) serve para **interação** e integração sociocultural dos membros dessa comunidade;

(3) se organiza fonomorfossintaticamente (sons+palavras+frases) segundo **convenções** firmadas ao longo da história dessa comunidade;

(4) **coevolui** com os desenvolvimentos cognitivos e os desenvolvimentos culturais dessa comunidade, sendo então sempre **variável e mutante**, um **processo** nunca acabado;

(5) se manifesta concretamente por meio de um repertório limitado de **sons** emitidos pelo aparelho fonador de cada indivíduo. (Grifos do autor).

⁸ De acordo com Bagno (2014, p.22) “[...] ela existe no cérebro de cada indivíduo, mas também depende das interações sociais para ser ativada [...]”.

O sujeito em sua comunidade é livre para fazer as escolhas de como se comunicar. E, essa diversidade de usos da língua que pode ser coletiva ou individual é também percebida como elemento identificador de determinado grupo. (BAGNO, 2014).

De acordo com Irandé (2007, p. 96):

Na verdade, nossa língua nos deixa ver de onde somos. De certa forma, ela nos apresenta aos outros. Mostra a que grupo pertencemos. É uma espécie de atestado de nossas identidades. Revelamo-nos pela fala. Começamos a dizer-nos por ela. Simplesmente pela forma, pelos sons, pela entonação, pelo jeito com que falamos. Antes mesmo que nos revelemos pelas coisas que dizemos. As ideias, se dizem de nós, só vem depois do que disseram nosso sotaque, nossas escolhas lexicais e opções sintáticas.

Portanto, entendemos não ser possível haver língua sem que haja variações, uma vez que estas advêm do uso da língua e, a partir delas, podem ocorrer possíveis mudanças linguísticas, considerando o tempo e o espaço geográfico, dentre outros aspectos.

Para Cunha (1975, p. 38):

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações. Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.

Em relação à prática do educador, Faraco (2015, p. 20) aponta que:

Mesmo no interior do sistema escolar, avançamos muito pouco. Nas práticas escolares cotidianas, ainda predomina uma concepção mais tradicional da variação linguística e se lança mão ainda da régua estreita do certo e do errado tomados como valores absolutos e não como valores relativos.

Essas variações precisam ser compreendidas e trabalhadas em nossa prática diária de sala de aula, de modo que as ações pedagógicas não reforcem os preconceitos linguísticos. Entendemos que o educador, como formador, deve trabalhar de modo que seja possível refletir juntamente com os alunos sobre os usos da língua nos variados contextos de uso, ou seja, sobre a variação linguística,

combatendo assim o preconceito linguístico.

Em uma abordagem tradicionalista, vemos a língua como o modo do bem escrever e falar, porém, isso vem sendo combatido. Há uma grande preocupação em apresentar assuntos sobre a diversidade linguística em documentos oficiais como nos PCNS, sinalizando que devemos trabalhar com o educando de forma que eles possam:

a) ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais; b) expressar-se adequadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias do seu universo imediato; c) refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. (BRASIL, 1998, p. 59).

Segundo Bortoni-Ricardo (2006, p. 130), é preciso “[...] desenvolver uma pedagogia que seja sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos, para tanto é necessário que haja mudança de postura da escola – de professores e alunos – e da sociedade em geral”.

Dessa forma, compartilhamos também com Faraco (2004, p. 2), quando afirma que:

[...] cabe ao ensino ampliar a mobilidade sociolinguística do falante (garantir-lhe um trânsito amplo e autônomo pela heterogeneidade linguística em que vive) e não se concentrar apenas no estudo de um objeto autônomo e despregado das práticas socioverbaís (o estrutural em si).

Sabemos que as variações linguísticas acontecem justamente, porque vivemos em uma sociedade complexa e estamos inseridos em diferentes grupos sociais formados por outros grupos menores diversificados em que podemos encontrar sujeitos de origens distintas. Por isso, reforçamos a necessidade de se levar em consideração a variação da língua em situações específicas de uso, ou seja, de acordo com a necessidade de adequação linguística.

A variação e as mudanças no contexto social são observadas e estudadas em comunidades, uma vez que a língua é da comunidade e não apenas do falante. Em relação a essas mudanças Weinreich, Labov e Herzog (2006, [1968], p. 87), sinalizam, como sendo “[...] um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística”.

A dinamicidade da língua e da sua diversificação é objeto de estudo de uma das áreas da Linguística que estuda a língua em uso e a associa aos aspectos sociais: a Sociolinguística.

Por ser a língua heterogênea e apresentar variações linguísticas, tornam-se necessários estudos e análises abordando de maneira diferenciada o modo de falar do sujeito, considerando o contexto social onde está inserido. Sobre os estudos da Sociolinguística, Bagno (2007, p.39) afirma:

A grande mudança introduzida pela Sociolinguística foi a concepção de língua como um “substantivo coletivo”: debaixo do guarda-chuva chamado LÍNGUA, no singular, se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes. (Grifos do autor)

Precisamos pensar que a Sociolinguística apresenta ampla abrangência “[...], a sociolinguística abordaria problemas que vão além das simples relações entre língua/sociedade, objeto da sociologia da linguagem, porque sua finalidade seria a comparação da estrutura linguística com a estrutura social.” (BRIGHT, 1974 apud PRETI, 1994, p. 15).

Em nosso trabalho, focalizamos a língua em uso e a sociedade em que se insere o sujeito, conforme já mencionado. Dessa união da sociedade com a língua, temos a Sociolinguística. Nessa perspectiva, pensamos em algumas questões para nos direcionar, durante o desenvolvimento do nosso estudo: Quem diz?; Sobre o quê?; Diz o quê?; Onde diz?; Em que circunstância?; Em qual contexto ou meio?; De que maneira?; Por quê?; Para quem?; dentre outras.

Por meio desses questionamentos, buscamos conhecer melhor os pressupostos da Sociolinguística e a sua articulação sobre os estudos da língua em relação aos estudos da sociedade. Para tanto, fazemos a abordagem a seguir.

3.1 Contribuições da Sociolinguística para o estudo da língua

Os estudos da Linguística, nos últimos tempos, voltam-se para o uso da língua e não para o sistema da língua em si. Vários campos de pesquisa são considerados para esse estudo em perspectiva interdisciplinar, envolvendo a Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia e outras áreas afins.

Entendemos a grande importância e contribuição da Sociolinguística, quando

observamos que sociedade e língua são indissociáveis, uma vez que o falante ao nascer já tem contato direto com os signos linguísticos que lhe são apresentados por meio da família e da comunidade a qual ele pertence e que o incentiva a desenvolver habilidades e capacidade para se comunicar com os demais. E, não podemos nos esquecer de que cada sujeito que faz uso da língua também a modifica, pois ele é um agente que confere a essa língua em uso novas mudanças por intermédio de suas marcas pessoais. (LUCCHESI, 2002).

Labov (2008[1972]) estudou a relação entre língua e sociedade por meio da sistematização da variação existente, própria da língua falada.

Em Tarallo (1982), encontramos uma referência sobre o desafio da Sociolinguística, no que se refere à sistematização do universo da língua. De acordo com a Sociolinguística, as variações podem ser explicadas, a princípio, podemos pensar em quais são as formas dessas variações e as suas causas. Em seguida, pensar a respeito das funções das diversas variedades linguísticas e, finalmente, na relação dessa variação com o uso que o falante faz em seu contexto.

Em outro âmbito, podemos constatar que o estabelecimento da comunicação entre os membros de uma família ou da comunidade é um canal sempre presente na história da civilização do homem, porque é por intermédio da interação comunicativa que o sujeito entende e se faz entender em seu meio. Essa ação é requisito básico para a convivência social. (MUSSALIN; BENTES, 2006).

Podemos pensar então que a língua é um elemento indispensável para que a sociedade se forme. E, nesta formação, temos os grupos sociais ou as comunidades que apresentam as suas particularidades em relação à linguagem e essas especificidades configuram a área de estudo e atuação da Sociolinguística.

Sobre isso, Mollica (2013, p.10) afirma que “[...] são muitas as áreas de interesse da Sociolinguística: contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança constituem temas de investigação na área”.

O estudo da Sociolinguística vai além das relações entre a língua e sua forma de ser estruturada, e a sociedade em seus aspectos sociais de classe, cultura ou economia. A Sociolinguística observa os aspectos já mencionados e estabelece comparações, por meio das variações encontradas nos vários contextos, contemplando a diversidade de uso da língua em respeito à identidade social do sujeito.

Frente a essas considerações, pensamos ser importante fazer uso das variações linguísticas, neste estudo, uma vez que todo sujeito aprendiz se diferencia dos outros sujeitos no que se refere à idade, à classe social, ao ambiente, ao sexo, à nível de escolaridade, dentre outros.

A seguir, abordamos sobre os tipos de variação linguística, visando maiores esclarecimentos a respeito do assunto.

3.2 Tipos de Variação Linguística

De acordo com Bagno (2007, p. 46-47), são vários os tipos de variação linguística, quais sejam:

- variação diatópica: é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, a zona rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. O adjetivo DIATÓPICO provém do grego DIÁ-, que significa “através de”, e de TÓPOS, “lugar”
- variação diastrática: é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais. O adjetivo provém de DIÁ- e do latim STRATUM, “camada, estrato”.
- variação diamésica: é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego MÉSOS, “meio”, no sentido de “meio de comunicação”.
- variação diafásica: é a variação estilística que vimos mais acima, isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego PHÁSIS, “expressão, modo de falar”.
- variação diacrônica: é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua. As línguas mudam com o tempo (vamos ver isso mais de perto no capítulo 8) e o estudo das diferentes etapas da mudança é de grande interesse para os linguistas. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego KHRÓNOS, “tempo”. (Grifos do autor).

Conforme Cristianini (2007), as variações não acontecem isoladamente, elas se misturam em determinados contextos. Por questões metodológicas, elegemos apenas uma, a variação diatópica, a ser pesquisada em duas classes hospitalares, a partir de critérios comparativos de maneira sincrônica. Porém, consideramos que cada parte está dentro de um todo.

De acordo com Mussalin e Bentes (2006, p. 34), “[...] de uma perspectiva

geral, podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica ou (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática) ”.

As autoras ainda asseguram que:

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. (MUSSALIN; BENTES, 2006, p. 34).

Segundo Preti (1994, p.24), as variedades geográficas ou diatópicas

[...] são aquelas que ocorrem num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais. Suas manifestações são contidas na comunidade por uma hipotética linguagem comum do ponto de vista geográfico que, geralmente compreendida e aceita, contribui para o nivelamento das diferenças regionais.

Nesta pesquisa, realizamos um estudo da variação diatópica, observando também os estudos da Dialetologia, da Geolinguística e da Sociogeolinguística, para que seja possível perceber e compreender as diferentes formas do uso da língua e suas variações, tendo em vista que os falantes são de variadas faixas etárias (crianças, adolescentes e idosos) e de classes hospitalares distintas⁹.

A seguir, abordamos a variação diatópica, nosso recorte na pesquisa-ação.

3.3 Variação Diatópica

A variação diatópica refere-se a uma diversidade linguística que envolve os espaços regional e/ou geográfico, representada nos falares dos sujeitos oriundos de regiões diferentes, usuários ativos da língua para a interação e inserção social.

Segundo Irlandé (2007, p. 95):

Exatamente, por essa heterogeneidade de falares é que a língua se torna complexa, pois, por eles, se instaura o movimento dialético da língua: da língua que está sendo, que continua igual e da língua que

⁹ Referimo-nos às classes hospitalares da Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esporte de Goiás que se encontram no Hospital Dermatológico Sanitário e Hospital Araújo Jorge em Goiânia.

vai ficando diferente. Não querer reconhecer essa natural tensão do movimento das línguas é deixar de apanhar a natureza mesma de sua forma de existir: histórica e culturalmente situada.

Essas variações apresentam-se sob a forma de regionalismos ou falares de locais específicos e identificam ou representam os costumes e a cultura de cada região e de seu povo. Por exemplo, a forma que os falantes da classe hospitalar utilizam para se referir a uma parte do corpo humano:

- (i) **braço** – cana, cana do braço;
- (ii) **estômago** – barriga, estâmbago, estambo, estômago;
- (iii) **ombro** – vamu, pá, ombro.

Esses exemplos de variação de itens lexicais¹⁰ estão intrinsecamente ligados ao espaço geográfico. A Língua Portuguesa utilizada no Brasil apresenta muitas variações de região para região e de estado para estado. Também, junto a essas variações podemos considerar os sotaques que estão relacionados às marcas orais da linguagem. Precisamos entender essas variações e valorizá-las como uma riqueza da diversidade cultural. Sobre isso, Labov (1972) afirma que diferença não é deficiência.

Os educandos de classe hospitalar, em sua maioria, são sujeitos simples que se encontram afastados de seu convívio social pela imposição do tratamento clínico, por isso, nosso trabalho também cumpre a função de valorizá-los, principalmente, nesse contexto temporário¹¹.

De acordo com os PCNS:

[...] é importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (BRASIL, 1998, p. 82).

¹⁰ Optamos por não utilizar “palavra” por sua ampla possibilidade de interpretação, por isso escolhemos “item lexical”.

¹¹ Os educandos da classe hospitalar do Hospital Dermatológico Sanitário saíram de seus locais de origem para tratamento da hanseníase e estão na instituição há mais de dez anos. Muitos foram abandonados pelos familiares.

Frente a essa realidade, o educador precisa assumir-se como pesquisador para mediar aprendizagem sobre a variação linguística.

Sobre essa questão, Lemle (1978, p. 60) observa:

Um dos requisitos imprescindíveis para o desenvolvimento de um ensino escolar de língua portuguesa de real utilidade para os aprendizes é uma atitude lúcida diante do fenômeno da heterogeneidade dialetal da parte dos professores, que sem isso ficam sem rumo em sua tarefa de favorecer o desenvolvimento e o disciplinamento da expressão espontânea de seu educando. O caminho para tal lucidez requer duas etapas: a primeira, teórica, é a compreensão dos fatores que determinam a variação dentro de uma mesma língua; a segunda é o conhecimento dos fatores específicos dessa variação na área em que o professor atua. [...].

Sendo assim, nós, professores, precisamos conhecer a respeito da diversidade cultural e social que influencia diretamente a língua em uso, e buscar, por meio de práticas pedagógicas reflexivas, despertar, no educando e na comunidade envolvida, o interesse pela valorização do nosso rico patrimônio linguístico. Essa diversidade deve ser respeitada por todos, garantindo ao sujeito a liberdade da escolha lexical e sua inserção na sociedade, além da ampliação da competência linguística, efetiva em nossas práticas socioculturais.

A seguir, fazemos uma abordagem a respeito da Dialetologia, da Geolinguística e da Sociogeolinguística, uma vez que entendemos que a variação geográfica ou diatópica, ao abordar as variações linguísticas, também é objeto de estudo dessas áreas as quais consideram os traços regionais de uma língua e sua interpretação.

3.4 Dialetologia, Geolinguística e Sociolinguística: Variações presentes em Comunidades Linguísticas

Conforme, Cristianini (2007, p. 11), “A Dialetologia é a disciplina que assumiu a tarefa de descrever os diferentes dialetos em que a língua se diversifica no espaço e de lhes estabelecer limites”. A Dialetologia aliada à Geolinguística contribuem para que possamos compreender melhor a fala utilizada por uma comunidade específica, em nosso caso, o grupo de educandos das duas classes hospitalares.

Bright (1974, p. 41), sobre dialeto social e história da linguagem, afirma:

Em cada comunidade linguística, encontram-se normalmente

variações em todos os níveis de estrutura linguística: fonológico, gramatical e lexical. Algumas dessas variações estão correlacionadas à localização geográfica [...] Esse tipo de variação linguística tem sido estudado em detalhe pelos dialetologistas

Os pressupostos teóricos dos estudos dialetológicos nos despertam para o fato de relacionar a teoria com o ensino, e para as possíveis adequações no trabalho do educador. Portanto, a Dialetologia pode colaborar e acrescentar à prática pedagógica, quanto à mediação da aprendizagem em Língua Portuguesa, em nosso caso, nos estudos referentes às variações diatópicas presentes nas classes hospitalares, uma vez que, como já foi dito, os educandos são oriundos de lugares distintos (municípios do estado de Goiás e de outros estados).

Para Dubois (2006, p.185),

O termo dialetologia, usado às vezes como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família.

Embora sejam áreas distintas, a Sociolinguística e a Dialetologia, podem oferecer contribuições importantes para o nosso estudo, especificamente a Dialetologia, visto que abrange o estudo das falas, em relação às variedades regionais e sociais.

Como afirma Silva (2003, [n.p]):

[...] para fins de organização de tarefas, tem-se por desejável que os fatos recolhidos de diferenças horizontais, regionais, estariam afeitos à Dialetologia, enquanto os verticais, sociais, seriam do interesse da Sociolinguística. Dizendo doutra forma: a Dialetologia tem por centro de interesse o estudo das unidades sintópicas e, sobretudo, as diversidades diatópicas, enquanto à Sociolinguística caberia o estudo das unidades sinstráticas e diastráticas, ficando com a estilística as unidades sinfásicas e a diversidade diafásica.

Entendemos a pertinência da Dialetologia em nosso trabalho de pesquisa, já que utilizamos atividades sobre as variações linguísticas relacionadas às partes do corpo humano e, com os resultados obtidos, por meio dessas atividades, fizemos o estudo das variantes regionais encontradas. Lembramos que o enfoque de maior atenção foi dado aos itens lexicais encontrados nos grupos pesquisados da classe

hospitalar.

Por compreendermos que a variação linguística se expande no espaço geográfico, e que em sempre é possível estabelecer fronteiras fixas para os estudos da Dialetoлогия, recorremos, em nosso estudo, à Geolinguística para verificarmos outras variações em uso dos itens lexicais referentes às partes do corpo humano. Para isso, consultamos alguns Atlas Linguísticos que subsidiaram o desenvolvimento do produto final, deste trabalho – o aplicativo.

A Geolinguística permite o estudo dos dialetos de uma determinada região geográfica, de forma interdisciplinar, observando a língua e suas variações, relacionando-as ao espaço geográfico. Dessa forma, entramos no campo da Dialetoлогия, pois é por meio da fala que nos expressamos, isto é, por intermédio de variações permitidas pela própria língua.

Segundo Coseriu (1987, p. 79), a Geolinguística

[...] pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais), comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.

Os estudos referentes a estas áreas nos permitem aprofundar os conhecimentos sobre as variações diatópicas. Segundo Câmara Jr. (1981), a Geolinguística é uma técnica de análise linguística que consiste no levantamento de cartas da distribuição geográfica de cada traço dialetal.

A abordagem da heterogeneidade da língua, utilizando Atlas Linguísticos no Brasil, teve início na década de 1960, por intermédio de Nelson Rossi (1967), na Universidade Federal da Bahia, precursor da análise linguística, por meio de atlas linguísticos.

Segundo esse pesquisador,

Hoje não precisa de mais do que bom senso e isenção para compreender que eles (os atlas) permanecem como uma das maiores conquistas da Linguística do século XX, mas padecem, como qualquer outro instrumento de trabalho resultante de qualquer outro método, das suas limitações. Dizem muito, dizem mais do que seria possível dizer por outro processo conhecido, valem pelo que permitem dizer a partir deles com segurança e objetividade, mas não dizem tudo. Permitem ver muito em extensão, mas com o sacrifício da profundidade e do pormenor, embora como inventário preliminar

constituam o ponto de partida mais seguro para o aprofundamento dos estudos mais exaustivos de áreas menores [...] com dados [...] colhidos ao vivo, que frequentemente contrariam todos os pressupostos apriorísticos. (ROSSI, 1967, p. 93).

Ainda sobre Atlas Linguísticos, Alvar (1958, p.85) afirma que:

O grande interesse do atlas está na grande massa de materiais que oferece agrupados; penso sobretudo nas múltiplas surpresas que oferece. [...] As descobertas feitas por um atlas são como brechas numa muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado [...].

Desse modo, podemos fazer relações entre o espaço geográfico e os fenômenos linguísticos, observando as variações diatópicas, peculiares aos sujeitos inseridos em determinada comunidade. Percebemos que não há uma forma única para compreender as variações, uma vez que o conhecimento está intimamente relacionado a vários fatores culturais, sociais e econômicos, configurando, assim, uma interdisciplinaridade ou até mesmo uma maneira transdisciplinar de estudar e compreender as variações linguísticas.

Conforme Dubois (2006, p. 185),

[...] a Geolinguística como uma área interdisciplinar que identifica e descreve outras áreas linguísticas nos permite verificar a dinamicidade do espaço geográfico e seus sujeitos configurando assim uma espécie de entrelaçamento entre falante e *locus* no que diz respeito à variação no uso da língua. [...] Então, a dialetologia, para explicar a propagação ou a não-propagação desta ou daquela inovação, faz intervir razões geográficas (obstáculos ou ausência de obstáculos), políticas (fronteiras mais ou menos permeáveis), socioeconômicas, socioculturais (rivalidades locais, noção de prestígio) ou linguística (influência de substrato, de superestrato, de adstrato). Estabelece-se, assim, o mapa das ondas linguísticas, fazendo aparecer zonas centrais em que a inovação é generalizada e zonas periféricas em que se mantêm os arcaísmos. (Grifos do autor).

Sobre esse assunto, também, merecem destaque os estudos desenvolvidos por Nascentes (1953); Ferreira e Cardoso (1994); Mota e Cardoso (2006) que fizeram a sistematização de estudos dialetais no Brasil¹².

Destacamos, ainda, a Geografia Linguística francesa, considerada a precursora, nessa área, com a publicação do Atlas Linguístico da França, em Paris,

¹² Sobre esse assunto, Cf. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. (ROMANO, 2013).

entre 1902 e 1910, de autoria do linguista suíço Jules Guilliéron (1854-1926), pai da geografia linguística, desenvolvendo estudos para a preservação e registros dos dialetos franceses.

Constatamos, então, que a Geolinguística corrobora com a nossa pesquisa, porque os educandos de classe hospitalar vêm de regiões distintas¹³ (dentro do próprio estado e de outros) e, durante um período de suas vidas que corresponde ao tratamento clínico a que se submetem, encontram-se e trocam experiências.

As interações, nesse ínterim, permitem não apenas o conhecimento superficial desses educandos, seus familiares ou responsáveis, mas uma convivência que estabelece vínculos duradouros.

Há uma troca considerável de variações que são específicas de cada família, em particular, por meio da interação com as demais. Nesse sentido, consideram-se os fatores geográficos e também os fatores sociais, sinalizando que os estudos da Sociogeolinguística também são importantes para o nosso empreendimento, nesta pesquisa. E, é exatamente sobre a Sociogeolinguística que nos incumbiremos, a seguir.

Acreditamos que o sujeito seja formado por meio de relações biológicas, psicológicas e socioculturais. Esse sujeito ocupa um determinado espaço geográfico e traz influências de falantes de outros lugares. Portanto, o meio responsável por manter as interações sociais, a língua, deve ser possivelmente uma mistura resultante de todas as formas de comunicação e relações multiculturais, assim como as variações linguísticas que ocorrem são carregadas de significados, prenhes de informações. (LUCCHESI, 2002).

Consideramos difícil desvincular o sujeito desse emaranhado de relações que se interpenetram e provocam mudanças.

Segundo Morin (2000, p. 73),

Essa visão nos leva a compreender o mundo físico como uma rede de relações, de conexões, e não mais como uma entidade fragmentada, uma coleção de coisas separadas. Se separarmos as partes, se as isolarmos do todo, estaremos eliminando algumas delas na tentativa de delinear cada uma. Portanto, não existem partes isoladas.

¹³ Alguns educandos e familiares do Estado de Goiás já residiram por um tempo razoável em outros estados e trazem o léxico bastante variado.

Nas relações sociais e nos diversos espaços, entrecruzam-se, então, o espaço social, vinculado ao geográfico. Referimo-nos aqui à Sociogeolinguística.

Para tanto, mencionamos os estudos de Cristianini (2012, p.25), quando observa que:

Para cunhar o termo Sociogeolinguística, tomamos a mesma regra de formação de palavras que ocorre em Geolinguística e Sociolinguística, em que o elemento antepositivo acrescentado ao substantivo “linguística” amplia/modifica o significado do nome. (Grifo da autora).

Podemos constatar que o uso da língua pelos sujeitos de uma comunidade é influenciado, dentre outros fatores, pelas relações entre os sujeitos da própria comunidade; e desses mesmos com os sujeitos de outras comunidades que se relacionam, socialmente, com outros, ainda, diferentes, os quais apresentam outras formas de vivências culturais e sociais. Um elo sempre aberto a possibilidades.

Essas relações e influências recebidas pelos falantes ou trocadas entre eles formam uma teia interdisciplinar e transdisciplinar. (MORIN, 2000).

Para melhor compreender essa complexidade das relações, ou seja, a interação do sujeito com o contexto social, com o outro, em um determinado espaço geográfico, apoiamo-nos em Morin (2011, p.85), quando ele apresenta a seguinte exemplificação.

Tomemos uma tapeçaria contemporânea. Ela comporta fios de linho, de seda, de algodão e de lã de várias cores. Para conhecer esta tapeçaria seria interessante conhecer as leis e os princípios relativos a cada um desses tipos de fio. Entretanto, a soma dos conhecimentos sobre cada um desses tipos de fio componentes da tapeçaria é insuficiente para se conhecer esta nova realidade que é o tecido, isto é, as qualidades e propriedades próprias desta textura, como, além disso, é incapaz de nos ajudar a conhecer sua forma e sua configuração.

As diferenças coexistem dentro de uma comunidade e vão apresentando-se de maneira diversificada no espaço geográfico, mostrando as diferenças sociais e identificando os grupos que podem sofrer interferências e modificar a fala dos sujeitos. Uma espécie de “todo”, formado a partir da soma das partes menores dentro do contexto, do espaço em si e, de acordo com cada sujeito em particular. (MORIN, 2000).

O nível socioeconômico, o grau de instrução, a idade e o sexo influenciam na

escolha dos itens lexicais, durante a interação, assim como diferentes formas de pronúncia entre regiões distintas também são fatores que modificam o comportamento linguístico do sujeito. (NASCENTES, 1960).

A respeito do termo Sociogeolinguística, Cristianini e Encarnação (2009, p. 91) afirmam que

[...] o termo Sociogeolinguística surge, no florescer do século XXI (em 2004), empregado inicialmente pelo Grupo de Pesquisa em Dialetologia e Geolinguística da Universidade de São Paulo – GPDG/USP – para designar os estudos geolinguísticos que consideram fatores tanto geográficos quanto sociais para coleta, registro e análise de dados linguísticos.

Diante disso, precisamos lembrar que, mesmo no interior de uma comunidade, são formadas comunidades linguísticas menores que circundam os centros disseminadores da cultura, da política e da economia. Conforme Morin (2011, p. 87), uma espécie de “[...] o produto é produtor do que o produz”. Fatores esses que são capazes de definir os padrões linguísticos utilizados naquela região específica.

Os sujeitos inseridos nesse contexto e nessas relações utiliza a língua para suas interações. Nessa perspectiva do uso coletivo do sistema, ele (o sujeito que a utiliza), também sofre influências do próprio sistema para a sua adesão. A essa organização sistemática e que influencia o sujeito quanto ao uso da língua chamamos de Norma. (FARACO, 2004).

E é sobre a Norma que nos detemos, na sequência.

3.5 Norma – Realidade e Mediação de Aprendizagem em Contexto

As normas, segundo Faraco (2004), são criações abstratas que representam uma ordem de valor e imposição à língua. São leis a serem seguidas e se constituem na realização coletiva. Assim, quando falamos em norma padrão, precisamos levar em consideração que esta se vincula diretamente a uma língua ideal falada por um falante ideal. É um constructo social, um modelo que marca as regras que definem o que é gramatical e mais adequado em Língua Portuguesa. A noção do adequado ou não tem origem social.

Quando pensamos, nesse modelo, não podemos nos esquecer da instituição escolar que muitas vezes corrobora para acentuar esse caráter. Conforme afirma

Possenti (1998, p.17) “[...] o objetivo da escola é ensinar o português padrão”.

Dessa forma, podemos entender que continuamos, na escola, contemplando a prescrição das gramáticas normativas. Reforçando, ainda mais, o que trazemos arraigados de que é preciso saber gramática, sem isso não saberemos falar e escrever bem. Tudo isso de uma forma normativa.

O estudo do conceito de norma na contribuição do linguista romeno Eugenio Coseriu, parte da dicotomia da língua, segundo Saussure, e apresenta um acréscimo. Assim, Coseriu (1979) apresenta uma divisão tripartida da língua. Sua tricotomia abrange o concreto (fala, uso individual da norma), o abstrato (língua, sistema funcional), e perpassa por um intermediário: a norma (uso coletivo da língua).

De acordo com o autor, na norma, a referência que se faz é ao como se diz e não ao como se deve dizer. Portanto, o sistema pode ser compreendido como um conjunto de oposições, ou seja, a norma diz respeito à realização coletiva do sistema, incluindo, também, o próprio sistema. Dessa forma, inferimos que a norma seria o costume que se faz presente nos hábitos de uso da língua de uma determinada comunidade, “[...] um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente”. (COSERIU, 1979, p. 50).

Em relação à norma, Faraco (2008, p.40) observa que:

Numa síntese, podemos então dizer que norma é o termo que usamos, nos estudos linguísticos, para designar os fatos de língua usuais, comuns, corrente numa determinada comunidade de fala. Em outras palavras, norma designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo os fenômenos em variação.

Desta forma, é preciso observar que algumas situações ou expressões são valorizadas e já consagradas socialmente pelo uso. Essas são explicadas e aceitas pelo sistema funcional. Isso diz respeito à norma a qual determina os usos que a comunidade faz linguisticamente, conforme o grupo e a região a que fazem parte.

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e de escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas [...] A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (BRASIL, 1998, p. 31).

Coseriu (1979 apud CRISTIANINI, 2007, p. 108) define Norma da seguinte maneira:

A Norma consiste nos padrões de uso, na forma como os usuários fazem uso do Sistema para comunicar-se. É devido à Norma que os falantes podem se servir de algumas possibilidades do Sistema, descartar outras e, ainda, não utilizar outras. Podemos dizer que a Norma é padrão grupal de uso. É Norma tudo o que é de uso comum e corrente numa dada comunidade linguística.

Em relação à Norma, Barbosa (1989, p.573- 574 apud CRISTIANINI, 2007, p. 116) afirma que:

[...] uma norma de grupo de indivíduos, por exemplo, se define de um ponto de vista, como conjunto de modelos de realizações concretas, e, de outro lado, como o conjunto dos fatos de alta frequência e distribuição regular nos discursos dos sujeitos falantes [...].

Assim, Cristianini (2007, p. 116) assegura que: "Dessa forma, a norma, além de conjunto de modelos de realizações concretas ou modelos fixados, consagrados e usados por um grupo, destaca-se igualmente pela alta frequência e distribuição regular".

E, corroborando com o estudo sobre Norma apresentamos o que Santos (1991, p.11 apud CRISTIANINI, 2007, p.109), afirma:

[...] modelos fixados, usados e consagrados por uma comunidade linguística ou segmento social. O conceito de Norma se estabelece em uma dupla abstração, dado que, por um lado, elimina tudo o que é puramente subjetivo, inédito, originalidade expressiva individual e, por outro lado, abstrai uma norma única, geral na comunidade.

A respeito do conceito de Norma, segundo Faraco (2008, p. 31) temos que:

O conceito de norma, nos estudos linguísticos, surgiu da necessidade de estipular um nível teórico capaz de captar, pelo menos em parte, a heterogeneidade constitutiva da língua. Como os estudos científicos da linguagem verbal tem mostrado, nenhuma língua é uma realidade unitária e homogênea. Só o é, de fato, nas representações imaginárias de uma cultura e nas concepções políticas de uma sociedade.

Em nossa pesquisa, firmamo-nos, também, em Bortoni-Ricardo (2006), no que se refere à não identificação da diferença linguística que pode ser prejudicial à aprendizagem do educando, quando o educador não volta sua atenção para as

escolhas lexicais que ele (educando) faz, gerando uma certa invisibilidade do sujeito.

Compartilhamos com o posicionamento de Faraco (2004, p. 2), quando ele aponta a responsabilidade que nós, como educadores, devemos ter em relação ao ensino:

[...] cabe ao ensino ampliar a mobilidade sociolinguística do falante (garantir-lhe um trânsito amplo e autônomo pela heterogeneidade linguística em que vive) e não se concentrar apenas no estudo de um objeto autônomo e despregado das práticas socioverbaís (o estrutural em si).

Sobre esse assunto, em uma pesquisa de sala de aula, a respeito da conduta do professor quanto ao uso de uma regra linguística não-padrão pelos alunos, Bortoni-Ricardo (2004, p. 38) elenca que:

- o professor identifica “erros de leitura”, isto é, erros na decodificação do material que está sendo lido, mas não faz distinção entre diferenças dialetais e erros de decodificação na leitura, tratando-os todos da mesma forma;
- o professor não percebe usos de regras não-padrão. Isto se dá por duas razões: ou o professor não está atento ou o professor não identifica naquela regra uma transgressão porque ele próprio a tem em seu repertório. A regra é, pois, “invisível” para ele;
- o professor percebe o uso de regras não padrão e prefere não intervir para não constranger o aluno;
- o professor percebe o uso de regras não-padrão, não intervém, e apresenta, logo em seguida, o modelo da variante-padrão. (Grifos da autora).

Para tanto, consideramos fundamental que haja um despertar, um novo olhar para a conscientização da diversidade linguística; e que novas possibilidades e estratégias para o ensino-aprendizagem, por meio de práticas pedagógicas diferenciadas, inclusive para a classe hospitalar, possam surgir.

Concordamos também com o seguinte posicionamento de Bagno (2011, p.154): “[...] tudo vale alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores”. Tudo vai depender de “quem diz o quê, a quem, como, quando, onde, por que e visando que efeito”.

Essa conscientização deve promover bem-estar, durante a mediação da aprendizagem em salas de aula regular e em classe hospitalar, fazendo com que os educandos não se fechem em si, mas sintam-se à vontade para expor suas ideias, utilizando a linguagem que lhes aprouver, independentemente do dialeto, variedade-

padrão ou variedades não padrão que utilizem.

Para isso, o educador precisa desenvolver o seu planejamento de maneira contextualizada. Esse é um dos meios de envolver a todos os educandos, porque possibilita que conheçam a língua padrão sem, em nenhum momento, desprezar seu dialeto.

Dessa forma, desenvolvemos práticas pedagógicas, a partir de um olhar diferenciado, quando trabalhamos as variações linguísticas em classe hospitalar, uma vez que levamos em consideração o ambiente, ou seja, o espaço de aprendizagem e, até mesmo, o tempo para a produção do conhecimento que também é uma variável diferenciada de uma sala de aula regular. São nuances que um educador de classe hospitalar deve conhecer e compreender, isto é, as especificidades para desempenhar melhor o seu papel em uma proposta de educação inclusiva e de respeito às diferenças.

As contribuições a respeito do estudo da Norma fazem-nos perceber como a língua está intimamente ligada às questões das diferenças socioculturais e econômicas. Deste modo, precisamos desconstruir o que trazemos culturalmente como o certo e o errado e que nos mantém aprisionados em determinados conceitos tradicionais que geram preconceitos linguísticos.

Para tanto, entendemos ser necessário um esforço em conjunto: educadores da classe hospitalar e do ensino regular, educando e a sua comunidade escolar de origem, em um trabalho integrado, que favoreça momentos de mediação da aprendizagem com enfoque nas variações utilizadas pelo alunado. Discussões e seminários sobre as concepções do uso da língua que estão arraigadas a nossa ação pedagógica, como proposta de mudança e valorização das diversas possibilidades de nos expressarmos, livre das amarras e dos modelos de prestígio da língua que ainda não foram totalmente superados.

CAPÍTULO 4 - MÉTODO E PROCEDIMENTOS

4.1 A Pesquisa-ação e o Cenário de Pesquisa

A proposta metodológica para este trabalho é a da pesquisa-ação. Este meio de intervenção e investigação valoriza a participação de todos os envolvidos - em nosso caso, educando, educador e comunidade para que juntos possam refletir sobre a realidade que os cercam.

Segundo Thiollent (1985, p. 14):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Entendemos que a pesquisa-ação requer uma interação entre os pesquisadores e os sujeitos envolvidos. No caso de nossa pesquisa, temos os educandos e seus responsáveis e a equipe de saúde que está dentro da instituição hospitalar. Mesmo não sendo o público atendido, essa equipe, em alguns momentos, participa das mediações de aprendizagem.

Acreditamos ser importante que os envolvidos saibam que não se trata de um mero levantamento de dados, uma vez que a nossa participação, enquanto pesquisador, no processo, envolve o conhecimento da realidade e as necessidades dos envolvidos. Para tanto, buscamos o estudo e a ação, o fazer, o intervir para colaborar com o todo. A esse respeito, Thiollent (1985, p. 16) afirma que “[...] é necessário definir com precisão, qual ação, quais agentes, seus objetivos e obstáculos, qual exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação”.

Segundo Bosco (1989, apud BALDISSERA, 2001, p.7), a proposta de uma pesquisa-ação deve apresentar: (i) o acesso ao conhecimento técnico-científico, que possibilite a participação e o “desvelamento” da realidade e sua efetiva transformação pelo trabalho/ação; (ii) o incentivo à criatividade, a fim de gerar novas formas de participação; (iii) a organização da base em grupos, nos quais eles sejam o “[...] sujeito/agente de sua transformação/libertação”.

Dessa forma, uma pesquisa-ação, devido ao seu caráter participativo

implica interação, diálogo constante entre os pesquisadores e os sujeitos envolvidos para que haja socialização das experiências e dos conhecimentos teóricos e metodológicos pesquisados.

Nosso estudo, para o qual adotamos como procedimento metodológico a pesquisa-ação, desenvolveu-se em duas classes hospitalares de instituições diferentes: Hospital Araújo Jorge (HAJ) e Hospital de Dermatologia Sanitária e Reabilitação Santa Marta (HDS Santa Marta), na cidade de Goiânia.

A primeira classe hospitalar - HAJ -, é um espaço que recebe pacientes/educandos para tratamento do câncer, uma sala de Quimioterapia. Os educandos, enquanto recebem atendimento médico, também, são atendidos pedagogicamente pela educadora. Essa instituição hospitalar encontra-se situada na região do Setor Universitário, uma região bastante movimentada e próxima ao centro de Goiânia.

O outro espaço encontra-se na região periférica da cidade, um pouco mais afastada. A instituição de saúde HDS é um lugar amplo, com várias repartições e moradias dos pacientes/educandos que vieram para fazer tratamento de hanseníase, há mais de uma década, lá fixando suas residências, muitos por perderem o contato com a família de origem. Isto porque, nesse novo, espaço estabeleceram vínculos sólidos que são considerados laços de família. E esse local sempre foi o lugar de referência deles para todas as ações sociais, inclusive, para enterrar aqueles que não resistiram à doença.

O HDS Santa Marta também conhecido como Colônia Santa Marta, a princípio, esteve sob responsabilidade de freiras católicas. Atualmente, desde dezembro de 2013, a instituição é gerida pela Associação Goiana de Integralização e Reabilitação (AGIR).

As aulas na classe da Quimioterapia, no HAJ, acontecem de segunda à sexta-feira, no turno matutino, das 7h às 11h. E, na classe hospitalar do HDS, também de segunda-feira à sexta-feira, no turno vespertino, das 13h às 17h. O planejamento das aulas acontece, diariamente, seguindo o modelo padrão da Secretaria de Educação, Cultura e Esporte do Estado de Goiás (2013), de acordo com o Currículo Referência, utilizado por todas as escolas da rede. Isso é fundamental para garantirmos ao educando que a sua reinserção em sala de aula regular, posterior ao seu tratamento clínico, ocorra de maneira que ele não encontre prejuízo ou defasagens em relação aos conteúdos ministrados pelos professores das escolas regulares.

Enfatizamos que, mesmo flexibilizando e adaptando os conteúdos bimestralizados do Currículo Referência da Rede Estadual, esse trabalho é desafiador, uma vez que vai além do próprio espaço físico, das condições físicas do educando, da escolha do material pedagógico e da estratégia para a mediação da aprendizagem. O tempo desse atendimento pedagógico também é diferenciado, entrecortado por visitas médicas, de familiares, aplicações medicamentosas, além de exames rotineiros para o tratamento. Assim, o espaço, o tempo e o ritmo de aprendizagem são bastante variados e influenciam em todo o preparo e desenvolvimento da ação pedagógica.

4.2 Os Sujeitos da Pesquisa

A escolha por duas classes hospitalares distintas deu-se por acreditarmos que as variações linguísticas pudessem ser diferenciadas e, ao mesmo tempo, trouxessem informações a respeito dos falantes para que, por meio delas, pudéssemos identificar suas origens ou naturalidade. Também havia a expectativa, de nossa parte, no que se refere à incorporação de alguns termos técnicos da área de saúde pelos alunos, conforme já mencionado. Assim sendo, apresentamos, na sequência, o perfil dos sujeitos da pesquisa.

Os dados referentes aos sujeitos participantes da pesquisa são os seguintes: classe hospitalar, data de nascimento, idade, naturalidade, endereço atual, escola e ano. Desenvolvemos o trabalho de intervenção com 10 sujeitos de uma classe hospitalar (crianças e adolescentes) e 11 sujeitos de outra classe hospitalar (idosos da EJA).

A seguir, apresentamos, no Quadro 1, os dados dos sujeitos pertencentes à Classe Hospitalar 1, no tratamento de quimioterapia. No Quadro 2, os dados referentes aos sujeitos da Classe Hospitalar 2 - EJA, em tratamento da hanseníase.

QUADRO 1 - Sujeitos da Classe Hospitalar 1 – Quimioterapia

SUJEITO	Data de nascimento	Hospital	Idade	Natural - cidade	Natural - estado	Ano
1	16/05/1999	HAI	17	Caturai	GO	8º Ano
2	12/02/2002	HAI	14	Aparecida de Goiânia	GO	9º Ano
3	24/09/2002	HAI	14	Goiânia	GO	
4	06/02/2001	HAI	15	Itaberaí	GO	9º Ano
5	14/07/2005	HAI	11	Leopoldo de Bulhões	GO	6º Ano
6	29/08/2003	HAI	13	Goiânia	GO	7º Ano
7	06/10/2003	HAI	13	Dom Eliseu	PA	8º Ano
8	31/05/2005	HAI	11	Imperatriz do Maranhão	MA	6º Ano
9	29/11/2001	HAI	15	Goiânia	GO	9º Ano
10	04/10/2002	HAI	14	Coribe	BA	9º Ano

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016).

QUADRO 2 - Sujeitos da Classe Hospitalar 2 (EJA) - Hanseníase

SUJEITO	Data de nascimento	Hospital	Idade	Natural - cidade	Natural - estado	Ano
11	29/03/1947	HDS	69	Pires do Rio	GO	EJA - 1ª Etapa
12	01/11/1960	HDS	56	Corumbá de Goiás	GO	EJA - 1ª Etapa
13	31/07/1952	HDS	64	Conceição do Araguaia	PA	EJA - 1ª Etapa
14	28/07/1934	HDS	82	Goiânia	GO	EJA - 1ª Etapa
15	08/03/1955	HDS	61	Paraíso do Norte	GO	EJA - 1ª Etapa
16	10/04/1938	HDS	78	Anicuns	GO	EJA - 1ª Etapa
17	12/05/1942	HDS	74	São Luís de Montes Belos	GO	EJA - 1ª Etapa
18	22/10/1955	HDS	61	Caiapônia	GO	EJA - 1ª Etapa
19	10/01/1964	HDS	52	Bom Jardim	GO	EJA - 2ª Etapa
20	20/11/1992	HDS	24	Açailândia	MA	EJA ¹⁴ - 1ª Etapa
21	31/08/1953	HDS	63	Montes Claro	MG	EJA - 1ª Etapa

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016).

¹⁴ O sujeito 20 iniciou os estudos na Classe Hospitalar 2, no dia do início da nossa pesquisa e fez questão de participar. Apesar da discrepância de idade em relação aos demais, participou ativamente da intervenção.

4.3 O Aplicativo como Estratégia de Ensino-aprendizagem em Classe Hospitalar – da Ideia ao Desenvolvimento

A escolha do aplicativo deu-se pelo fato de conhecermos bem os alunos de nossas classes hospitalares e acompanhar a construção da aprendizagem, por parte deles, diariamente. O alunado dessa modalidade de ensino requer muito mais que uma decodificação de saberes, mais do que explanações e exposições gerais do conteúdo por si só. Pensando nesse perfil de educandos, buscamos uma maneira alternativa para encontrar meios diferenciados de mediar a aprendizagem sem deixar de cumprir com o currículo proposto pela rede estadual.

Durante o desenvolvimento do trabalho com os educandos, ao utilizarmos uma ferramenta tecnológica para a mediação, percebíamos que o interesse dos alunos em participar desses momentos era muito maior. Além disso, a interação fluía, prazerosamente, as inferências, por parte do alunado, também, eram bastante produtivas.

Assim, atentos a essas informações diárias, resolvemos buscar alternativas, utilizando um recurso tecnológico para mediar aprendizagens sobre variação linguística em classe hospitalar. Isto porque, em alguns momentos, e por necessidade ou condição de saúde dos educandos, alguns não conseguem escrever, nem mesmo manusear objetos escolares, como caderno, lápis, caneta, borracha, dentre outros.

Diante dessas situações, bastante comuns, consideramos importante flexibilizar e viabilizar maneiras didático-pedagógicas que contemplem a necessidade do alunado.

Sobre essa questão, o documento orientador Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações Brasil (2002, p.17) pontua:

O atendimento pedagógico deverá ser orientado pelo processo de desenvolvimento e construção do conhecimento correspondente da educação básica, exercido numa ação integrada com os serviços de saúde. A oferta curricular ou didático-pedagógica deverá ser flexibilizada, de forma que contribua com a promoção de saúde e ao melhor retorno e/ou continuidade dos estudos pelos educandos envolvidos.

Tendo isso em vista uma proposta pedagógica de intervenção que atenda às necessidades dos nossos alunos da classe hospitalar, a qual também possa ser utilizada nas salas de aula regular, pensamos em implementar essa proposta com a

criação de um aplicativo.

A concepção da ideia, *a priori*, o uso de um aplicativo para *mobile*¹⁵, a análise conceitual de requisitos envolveram vários questionamentos, quais sejam: Qual a finalidade desse aplicativo?; Quais as condições para gerar esse produto?; Que linguagem computacional deverá ser utilizada?; Como será o design?; E os custos? Atenderá ao público e à demanda?

Essas questões de suma importância, antecederam ao desenvolvimento, ou seja, à implementação e elaboração de um protótipo que pudesse ser submetido a testes e, posteriormente, conforme nossa intenção, pudesse ser utilizado para a ampliação do número de atividades didáticas. Com esse objetivo, desenvolvemos também um banco de dados do aplicativo que, após análise, poderia contribuir para que fossem elaborados e inseridos outros exercícios de variação linguística.

A nossa proposta de intervenção culmina com o produto desenvolvido por meio de uma pesquisa, realizada por nós, que atuamos diariamente em classes hospitalares, de diferentes instituições de saúde. Isto não representa um ponto final, mas sinaliza para a abertura de caminhos outros, em relação ao desenvolvimento de outras atividades que se referem, principalmente, ao nosso tema de pesquisa: *Proposta de ensino de variação diatópica em aulas de língua portuguesa para classe hospitalar*.

Em uma nova análise de requisitos, após a primeira utilização do aplicativo pelos educandos, fizemos a inserção de mais atividades pedagógicas, e selecionamos algumas outras que poderão ser incluídas, deixando-as como sugestão. Ressaltamos que esse trabalho de análise favorece a nossa observação em relação à aprendizagem dos educandos, são ações processuais e, conseqüentemente, demandam tempo.

A proposta de nosso estudo, cujo produto é um recurso tecnológico, está suscetível a mudanças e aperfeiçoamentos posteriores, assim como é feito em outras criações que utilizam a informatização. O desenvolvimento de *software* para a área da educação como forma de auxílio na mediação da aprendizagem e aplicação prática vem sendo utilizado largamente em instituições escolares.

Precisamos avaliar se os *softwares* apresentam o que realmente esperamos deles, se cumprem com a função planejada, ou seja, se apresenta boa funcionalidade

¹⁵ Dispositivos móveis, dentre os quais, destacam-se os *Smartphones* e os *Tablets*.

e usabilidade na aplicação de normas de qualidade. Segundo Rocha e Campos (1993, [n.p.]): “Qualidade é um conceito multidimensional que se realiza através de um conjunto de atributos”. Portanto, os atributos desses instrumentos devem atender aos requisitos que já abordamos neste capítulo: finalidade, condições, linguagem, designer, custos e demanda.

De acordo com Sommerville (2005 apud ARAÚJO; ALMEIDA, 2016, [n.p.]) “[...] os modelos são abstrações dos processos que são utilizadas para explicar diferentes enfoques para os desenvolvimentos de software”. Assim, para desenvolver um aplicativo, devemos escolher qual o melhor modelo que atenda e se enquadre ao projeto proposto. O processo de descrever o recurso tecnológico é “[...] uma descrição simplificada do processo de software que apresenta uma visão desse processo”. No caso de nossa pesquisa, precisamos de um modelo para desenvolvermos o projeto do aplicativo.

Em nossas pesquisas sobre os modelos de processos, percebemos que a maioria deles toma por base um dos três modelos gerais de desenvolvimento de *software*, quais sejam: (i) O modelo em Cascata¹⁶- as atividades só poderão seguir quando a anterior findar-se. O aplicativo desenvolvido neste estudo segue esse modelo; (ii) O modelo de desenvolvimento Iterativo - envolve atividades de especificação, desenvolvimento e validação; (iii) Engenharia de *software* baseada em componentes (CASE) – presume-se que as partes do sistema já existem. (ARAÚJO; ALMEIDA, 2016).

O aplicativo que desenvolvemos segue o Modelo Cascata, um dos clássicos da Engenharia de *Software*. Ele apresenta fases que são lineares, dependentes umas das outras, ou seja, sequenciadas; não se começa uma fase sem antes terminar a anterior. Um dos problemas mais comum acontece, quando se torna necessário modificar alguma parte no decorrer do projeto. Por isso, ele é mais utilizado em projetos em que os requisitos são fixos e seguem de maneira linear.

Esse modelo que escolhemos, de acordo com Sommerville (2005), apresenta as seguintes etapas de desenvolvimento:

¹⁶ Um dos modelos clássicos bastante utilizado.

1. Análise e definição de requisitos;
2. Projeto do sistema e do software;
3. Implementação e teste de unidades;
4. Integração e teste do sistema; e
5. Funcionamento e manutenção.

Enfatizamos que, a partir de um aplicativo, podemos buscar novas informações e conhecimentos, a fim de nos aprofundarmos mais nos estudos com as ferramentas e *softwares* em uso; e conhecer mais sobre os pressupostos básicos para a complementação do recurso utilizado, ou mesmo, outro modelo que atenda às necessidades impostas aos *softwares* educacionais.

4.4 O Aplicativo: Apresentação, Orientação e as Atividades

Para a organização das atividades e seleção dos itens lexicais que comporiam o aplicativo, pesquisamos nos seguintes atlas linguísticos: Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS (2002); Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS (2007); Atlas Linguístico de Sergipe – ALS (1987) e no Atlas Linguístico do Brasil - ALIB (2001). Nesses atlas, constatamos semelhanças lexicais entre o que eles apresentam e o que os educandos das classes hospitalares registraram, principalmente, em relação ao material pesquisado no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul. Por exemplo: banguela, boca murcha, sovaco, aleijado, defeituoso, terçol etc.

Nas figuras, abaixo, apresentamos imagens das telas do aplicativo *Aprendendo Variação Linguística (AVL)*¹⁷:

¹⁷ Aprendendo variação linguística (AVL): nome dado, por nós, ao aplicativo, pela sua funcionalidade.

FIGURA 1 - Dados pessoais do participante e tutorial informativo

Tela 1

Responder

Ajuda

Sair

Tela 2

Olá, prezado estudante! Como vai?
Este é um software educativo. Um aplicativo desenvolvido especialmente para você e que irá colaborar em seus estudos e aprendizagens em Língua Portuguesa. Trata-se do aplicativo Aprendendo Variações Linguísticas (AVL).

Como devo proceder?

Ao acessar o AVL pela primeira vez, ele irá solicitar os seus dados. Preencha-os e Clique em "Ok". Em seguida, ele abrirá as atividades sobre variação linguística de itens lexicais referentes ao corpo humano: "Que nome se dá para" – Parte I. Digite a sua resposta e ao final clique em Ok para concluir esta etapa e iniciar a próxima.

Prosseguindo você encontrará a atividade "Você sabe o que é?" – Parte II. A partir do item lexical escolha a opção de imagem que julgar pertinente. Depois, se você conhecer o que está representado na imagem por outro nome, insira-o no espaço correspondente. Ao finalizar esta fase clique em Ok. Aproveite e continue

Voltar

Fonte: Aplicativo Aprendendo Variação Linguística (2016).

FIGURA 2 - Dados pessoais do participante

Tela 3

Nome:

Dt. Nascimento:

16/07/16

Sexo:

Estado de Origem:

Ok

Tela 4

Acre (AC)

Alagoas (AL)

Amapá (AP)

Amazonas (AM)

Bahia (BA)

Ceará (CE)

Distrito Federal (DF)

Espírito Santo (ES)

Goiás (GO)

Maranhão (MA)

Mato Grosso (MT)

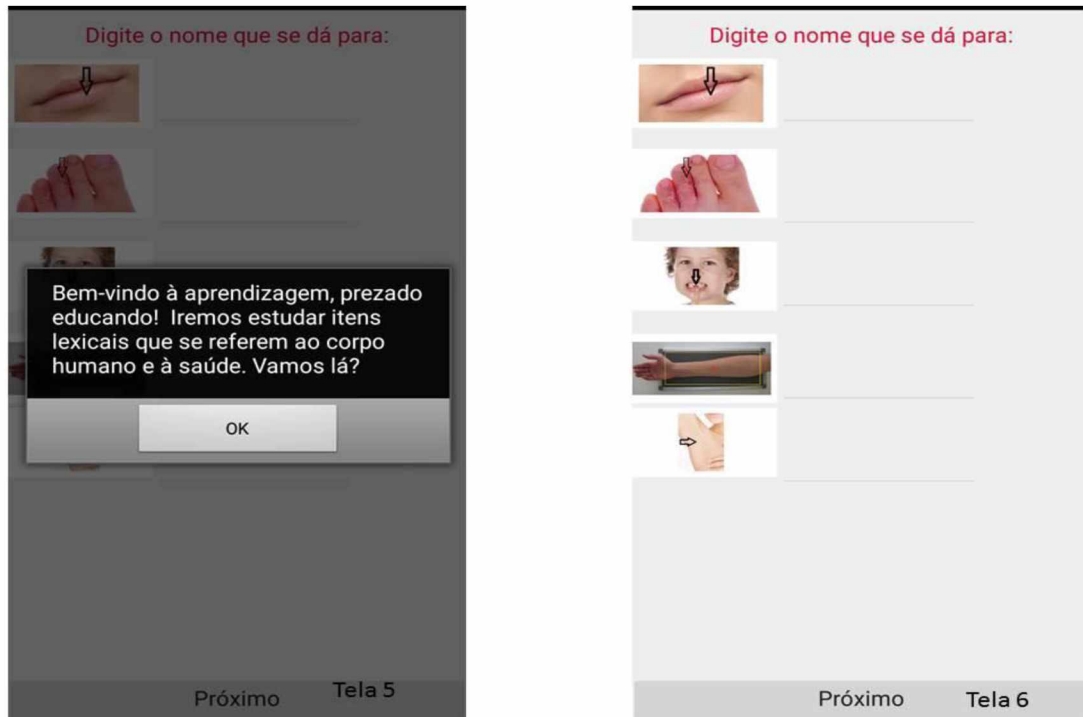
Cancelar OK

Fonte: Aplicativo Aprendendo Variação Linguística (2016).

Atividade 1

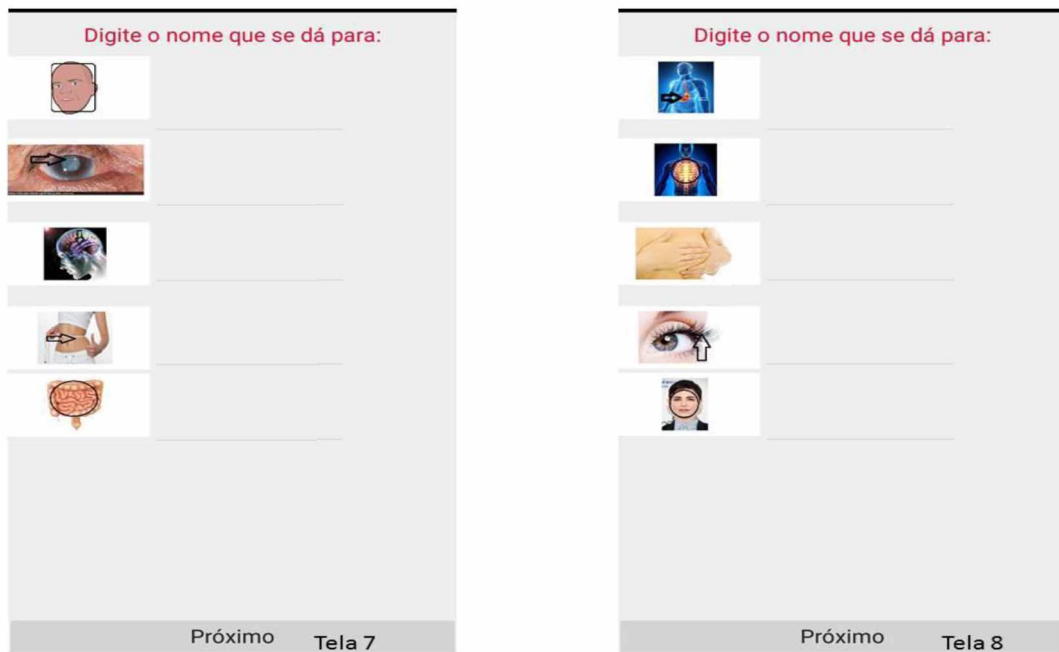
Digite o nome que se dá para:

FIGURA 3 - Itens lexicais referentes a partes do corpo humano



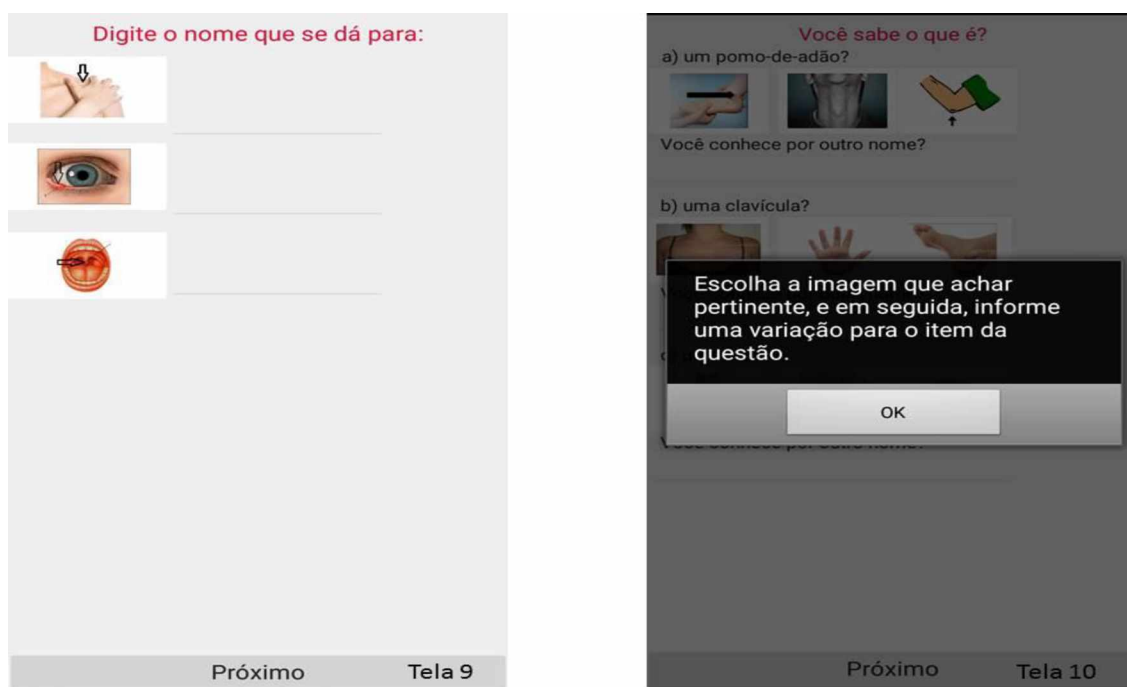
Fonte: Aplicativo Aprendendo Variação Linguística (2016).

FIGURA 4 - Itens lexicais referentes a partes do corpo humano



Fonte: Aplicativo Aprendendo Variação Linguística (2016).

FIGURA 5 - Itens lexicais referentes a partes do corpo humano

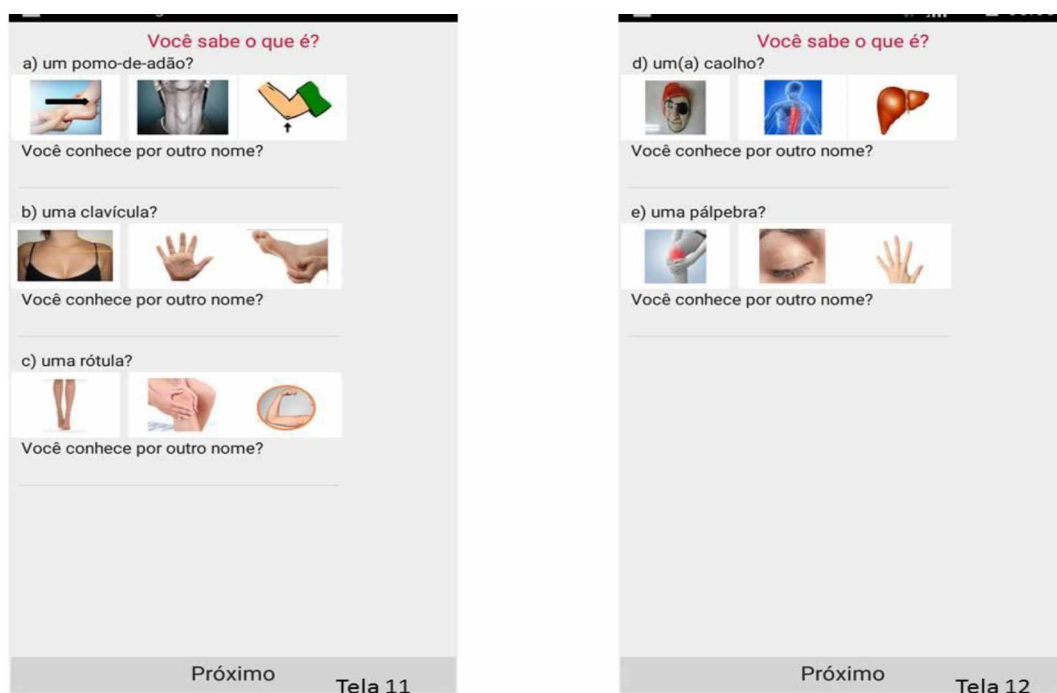


Fonte: Aplicativo Aprendendo Variação Linguística (2016).

Atividade 2

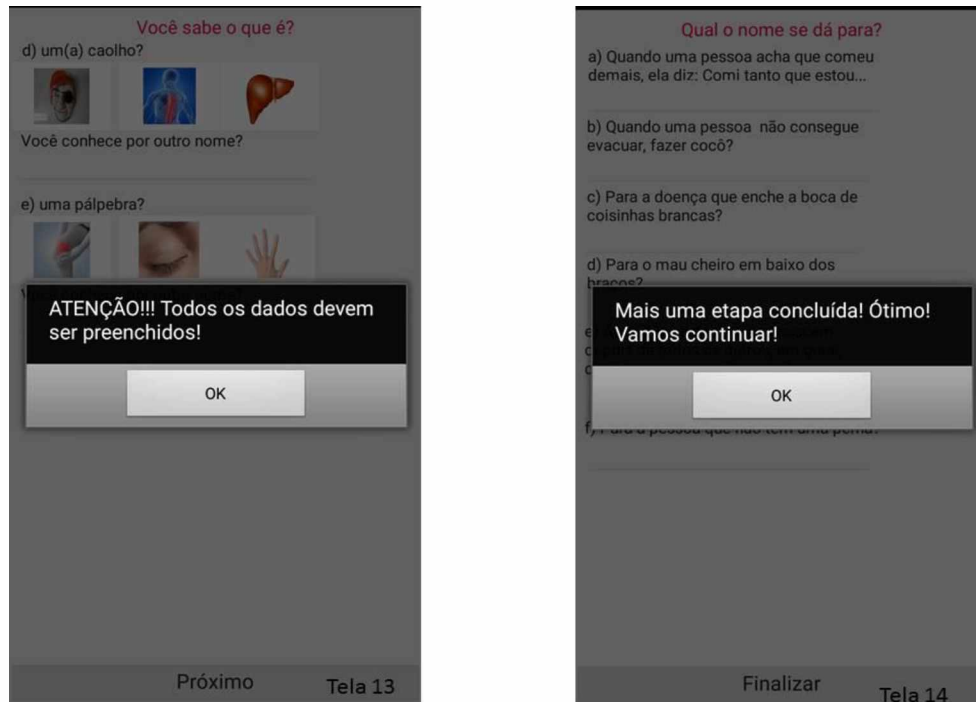
Você sabe o que é?

FIGURA 6 - Itens lexicais referentes a partes do corpo humano



Fonte: Aplicativo Aprendendo Variação Linguística (2016).

FIGURA 7 - Itens lexicais referentes a parte do corpo humano

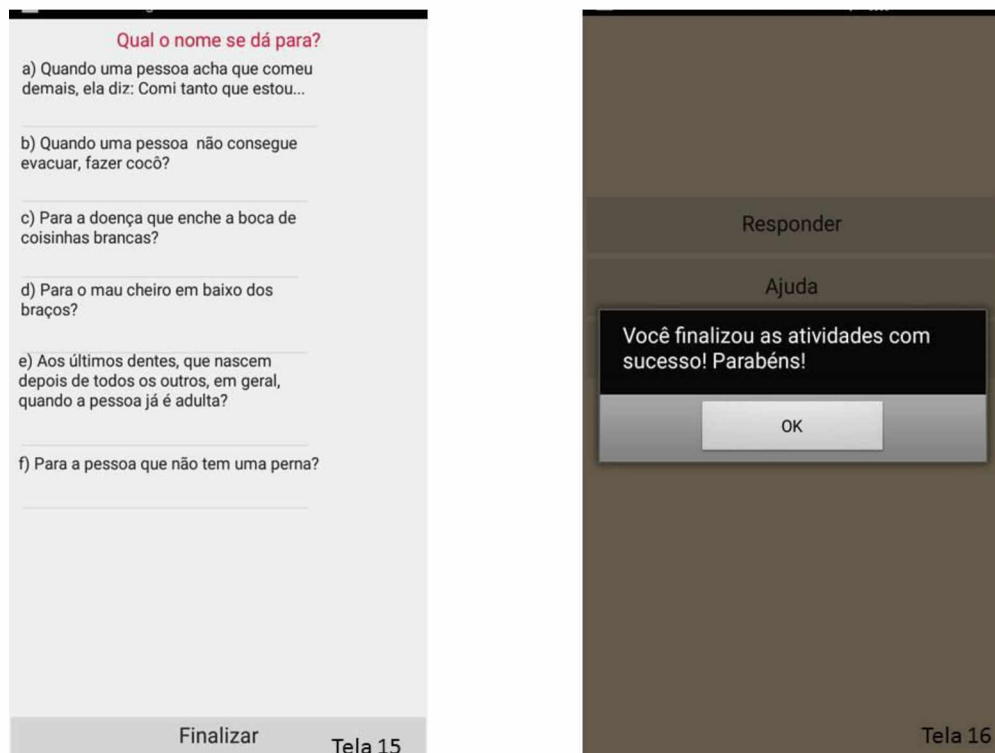


Fonte: Aplicativo Aprendendo Variação Linguística (2016).

Atividade 3

Qual nome se dá para?

FIGURA 8 - Respondendo a perguntas



Fonte: Aplicativo Aprendendo Variação Linguística (2016).

4.5 Procedimentos para Início da Intervenção

A atividades de intervenção foram realizadas, a partir de 17 de setembro de 2016, em consonância com as orientações do Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar. Fizemos os planejamentos das aulas, conforme o modelo disponibilizado para os professores do Núcleo e iniciamos o nosso trabalho.

Essa parte de mediação da aprendizagem, de acordo com os planejamentos, antecedeu a utilização do aplicativo. Foi necessário, a princípio, preparar os educandos, apresentando-lhes, por meio de vídeos, poesia, textos e discussões (algumas dessas atividades encontram-se em apêndice).

Após essa introdução, iniciamos então as atividades do aplicativo a qual demandou mais tempo: duas semanas. Nas instituições hospitalares, há setores que cuidam das regras da Biossegurança. São as orientações e medidas higiênicas pessoais para uso particular de objetos dentro do hospital. Por isso, desenvolvemos em um aparelho de celular e de maneira personalizada e individualizada as atividades do aplicativo. Após cada utilização pelos educandos, o aparelho era higienizado para prosseguirmos (os educandos apresentam baixa imunidade). No último dia de intervenção, fomos autorizados a instalar o arquivo do aplicativo nos celulares de todos os educandos e nos celulares de alguns dos seus responsáveis que lá se encontravam.

CAPÍTULO 5 - TRATAMENTO, DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Em nosso trabalho, utilizamos a pesquisa-ação conforme já mencionado. Por isso, entendemos que é necessário analisarmos a prática desenvolvida em um processo de ação-reflexão-ação. Organizar os dados coletados quantitativamente favorece a interpretação e nos permite observar e avaliar a proposta de intervenção desenvolvida, levando em consideração as aprendizagens construídas pelos educandos. Portanto, esse estudo apresenta caráter qualitativo, e é importante destacarmos que a análise dos dados não é apenas uma mensuração, mas uma interpretação, à luz das teorias estudadas, de acordo com os objetivos delimitados e as informações dos envolvidos (educador e educando). Os dados quantitativos, nesse caso, reforçam a interpretação do resultado e a sua relação com a aprendizagem.

As atividades do aplicativo foram divididas em três partes, conforme apresentado anteriormente. Fizemos uma análise dos dados de cada etapa: Análise série 1; Análise série 2; e Análise série 3, de acordo com as respostas obtidas nas atividades do aplicativo. Consideramos aspectos relevantes por questão (A, B, C, D...); número total (N); porcentagens (%); classe hospitalar (HAJ, HDS) e regiões geográficas. Utilizamos as seguintes notações:

- 1 A, 1B, 1C, 1D... 1R: atividades referentes à primeira parte do aplicativo;
- 2 A, 2B, 2C, 2D...: atividades referentes à segunda parte do aplicativo;
- 3A, 3B, 3C, 3D...: atividades referentes à terceira parte do aplicativo.

As tabelas, a seguir, apresentam, separadamente, os totais de cada item lexical do corpus coletado na intervenção, por meio do uso do aplicativo.

Análise da série 1: Digite o nome que se dá para as seguintes partes do corpo humano:

TABELA 1: Item A da Atividade 1

1A	N	%	1A	HAJ	HDS	Total Geral
beijo	9	42,9%	beijo		9	9
boca	2	9,5%	boca	2		2
lábio	10	47,6%	lábio	8	2	10
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 2: Item B da Atividade 1

1B	N	%	1B	N	%	1B
esfrieira	1	4,8%	esfrieira	1	4,8%	esfrieira
frieira	12	57,1%	frieira	12	57,1%	frieira
micose	5	23,8%	micose	5	23,8%	micose
não sabe	3	14,3%	não sabe	3	14,3%	não sabe
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	21	100,0%	Total Geral

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 3: Item C da Atividade 1

1C	N	%	1C	HAI	HDS	Total Geral
banguela	13	61,9%	banguela	7	6	13
boca murcha	3	14,3%	boca murcha		3	3
falhado	2	9,5%	falhado		2	2
janelinha	1	4,8%	janelinha	1		1
sem dente	2	9,5%	sem dente	2		2
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 4: Item D da Atividade 1

1D	N	%	1D	HAI	HDS	Total Geral
braço	14	66,7%	braço	10	4	14
cana do braço	6	28,6%	cana do braço		6	6
canela do braço	1	4,8%	canela do braço		1	1
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 5: Item E da Atividade 1

1E	N	%	1E	HAI	HDS	Total Geral
axila	9	42,9%	axila	7	2	9
sovaco	12	57,1%	sovaco	3	9	12
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 6: Item F da Atividade 1

1F	N	%	1F	HAI	HDS	Total Geral
cabeça	20	95,2%	cabeça	10	10	20
cuca	1	4,8%	cuca		1	1
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 7: Item G da Atividade 1

1G	N	%	1G	HAJ	HDS	Total Geral
catarata	11	52,4%	catarata		11	11
íris	2	9,5%	íris	2		2
olho	8	38,1%	olho	8		8
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 8: Item H da Atividade 1

1H	N	%	1H	HAJ	HDS	Total Geral
cabeça	3	14,3%	cabeça	3		3
cérebro	15	71,4%	cérebro	7	8	15
miolo	3	14,3%	miolo		3	3
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 9: Item I da Atividade 1

1I	N	%	1I	HAJ	HDS	Total Geral
barriga	2	9,5%	barriga	2		2
cinta	1	4,8%	cinta		1	1
cintura	18	85,7%	cintura	8	10	18
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 10: Item J da Atividade 1

1J	N	%	1J	HAJ	HDS	Total Geral
bucho	4	19,0%	bucho		4	4
fato	1	4,8%	fato		1	1
intestino	10	47,6%	intestino	7	3	10
tripa	6	28,6%	tripa	3	3	6
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 11: Item K da Atividade 1

1K	N	%	1K	HAJ	HDS	Total Geral
barriga	2	9,5%	barriga		2	2
bucho	3	14,3%	bucho		3	3
estômago	16	76,2%	estômago	10	6	16
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 12: Item L da Atividade 1

1L	N	%	1L	HAJ	HDS	Total Geral
costela	2	9,5%	costela	2		2
peito	9	42,9%	peito	5	4	9
titela	2	9,5%	titela		2	2
tórax	3	14,3%	tórax	3		3
tronco	5	23,8%	tronco		5	5
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 13: Item M da Atividade 1

1M	N	%	1M	HAJ	HDS	Total Geral
mama	3	14,3%	mama	3		3
mamá	5	23,8%	mamá		5	5
peito	8	38,1%	peito	2	6	8
seio	5	23,8%	seio	5		5
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 14: Item N da Atividade 1

1N	N	%	1N	HAJ	HDS	Total Geral
capela	4	19,0%	capela		4	4
cílios	10	47,6%	cílios	10		10
fiapeira	1	4,8%	fiapeira		1	1
pestana	6	28,6%	pestana		6	6
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 15: Item O da Atividade 1

1O	N	%	1O	HAJ	HDS	Total Geral
cara	5	23,8%	cara		5	5
rosto	16	76,2%	rosto	10	6	16
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 16: Item P da Atividade 1

1P	N	%	1P	HAJ	HDS	Total Geral
ombro	17	81,0%	ombro	10	7	17
pá	2	9,5%	pá		2	2
vamu	2	9,5%	vamu		2	2
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 17: Item Q da Atividade 1

1Q	N	%	1Q	HAI	HDS	Total Geral
caroço	2	9,5%	caroço		2	2
não sabe	5	23,8%	não sabe	2	3	5
terçol	12	57,1%	terçol	8	4	12
três sol	2	9,5%	três sol		2	2
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

TABELA 18: Item R da Atividade 1

1R	N	%	1R	HAI	HDS	Total Geral
campainha	7	33,3%	campainha	3	4	7
goela	3	14,3%	goela		3	3
gurguim	2	9,5%	gurguim		2	2
linguinha	2	9,5%	linguinha		2	2
não sabe	2	9,5%	não sabe	2		2
úvula	5	23,8%	úvula	5		5

Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora (2016).

Nesta primeira parte das atividades do aplicativo, analisamos 18 designações de itens lexicais. A seguir, destacamos alguns dados em que obtivemos maior frequência:

- lábio (47,6%), maior incidência de uso por crianças e adolescentes, para os educandos da EJA a escolha foi beijo (42,9%);
- braço (66,7%), maior destaque no uso, por parte de crianças e adolescentes; os alunos da EJA utilizaram cana do braço (28,7%) e essa escolha está ligada à experiências vivenciadas por eles e já relatada neste trabalho;
- sovaco (57,1%) destaque de maior incidência de uso para a classe com educandos adultos e idosos da EJA, e axila (42,9%), designação mais utilizada por crianças e adolescentes;
- catarata (52,4%), apenas os alunos da EJA o utilizaram. Nesse caso, devemos levar em consideração a experiência dos sujeitos envolvidos que, em sua maioria, já fizeram exames para catarata e/ou tratamento dessa doença. Durante o uso do aplicativo, alguns relataram sobre os tratamentos oftalmológicos que já haviam feito: “dona professora, já fiz raspagem nos óios”, “professora, aquele doutor daqui fez um milagre pra minha vista”.

Merece registro também a designação para *seio* com variações *mamá* (23,8%) e *mama* (14,3%), sendo que, a primeira, utilizada por adultos e idosos da EJA,

indicando uma forma carinhosa e respeitosa com as mulheres, e o segundo, por fazer alusão a um tipo de patologia comum ao tratamento que eles fazem (câncer). Essas observações foram feitas, a partir do contato com o alunado e o estabelecimento do vínculo entre educador e educando, que é essencial para o trabalho do docente em uma classe hospitalar. Outra situação que remete também a experiências vivenciadas pelos alunos da EJA é a designação para *ombro: vamu* (9,5%), apesar de pouca incidência revela características de experiências anteriores dos sujeitos (já descritas nesse trabalho), quando eram solicitados a carregar outras pessoas nas costas (geralmente crianças).

Enfim, pela leitura e estudo de cada dado quantitativo, verificamos que, ao longo do trabalho, há inúmeras questões subjacentes às escolhas lexicais que revelam a identidade do sujeito e da sua comunidade. E as interações entre os sujeitos apresentaram-se favoráveis ao dinamismo da língua, ou seja, pela convivência e pelas interações, as variações vão se tornando comuns àquele grupo.

Os educandos da EJA trouxeram muitas contribuições no que se refere a variações linguísticas, mas também trouxeram de maneira arraigada a vergonha de se expor, por exemplo: “ah, dona professora, nem sei se é assim que se fala”, “professora, a senhora tem que corrigir eu”, “será que os outros não vão mangá se eu falar assim?” Constatamos que isso é decorrente da desvalorização de sua linguagem.

Várias intervenções foram feitas por nós, no sentido de resgatar a valorização da linguagem. Discutimos acerca da língua padrão e das variações lexicais, levando-os a compreender a diversidade da língua e a necessidade de trabalhar com as variedades linguísticas como forma de respeito e valorização.

Consideramos que essa é uma das formas de contribuir para que os educandos sejam reflexivos e críticos, capazes de se posicionarem como sujeitos e agentes transformadores do meio, perante momentos de atitudes preconceituosas. Sendo possível, assim, minimizar ou diminuir o preconceito, elevar a autoestima, mediante o reconhecimento legítimo do sujeito e de suas escolhas lexicais, além de minimizar o fracasso escolar e melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Análise série 2: Escolha a imagem correta e, em seguida, informe uma variação para o item da questão. Você sabe o que é?

TABELA 19: Item A da Atividade 2

2A	N	%	1A	HAI	HDS	Total Geral
gogó	17	81,0%	gogó	8	9	17
não sabe	2	9,5%	não sabe	2		2
nó	2	9,5%	nó		2	2
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora (2016).

TABELA 20: Item B da Atividade 2

2B	N	%	2B	HAI	HDS	Total Geral
não sabe	1	4,8%	não sabe	1		1
ombro	15	71,4%	ombro	9	6	15
pá	3	14,3%	pá		3	3
vamu	2	9,5%	vamu		2	2
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora (2016).

TABELA 21: Item C da Atividade 2

2C	N	%	2C	HAI	HDS	Total Geral
bolacha da perna	2	9,5%	bolacha da perna		2	2
joelho	17	81,0%	joelho	10	7	17
pataca	2	9,5%	pataca		2	2
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora (2016).

TABELA 22: Item D da Atividade 2

2D	N	%	2D	HAI	HDS	Total Geral
não sabe	2	9,5%	não sabe	2		2
sem olho	2	9,5%	sem olho		2	2
zarolho	17	81,0%	zarolho	8	9	17
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora (2016).

TABELA 23: Item E da Atividade 2

2E	N	%	2E	HAI	HDS	Total Geral
capela	5	23,8%	capela		5	5
não sabe	1	4,8%	não sabe	1		1
pálpebra	9	42,9%	pálpebra	9		9
pestana	6	28,6%	pestana		6	6
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora (2016).

QUADRO 3 - Variações por regiões geográficas

Origem	Gogó	Não sabe	Nó	Total Geral	Não sabe	Ombro	Pá	Vamu	Total geral
Açailândia	1			1			1		1
Anicuns	1			1				1	1
Aparecida de Goiânia	1			1	1				1
Bom Jardim			1	1		1			1
Caiapônia	1			1		1			1
Caturai	1			1		1			1
Coribe	1			1		1			1
Corumbá de Goiás			1	1				1	1
Dom Liseu		1		1		1			1
Goiânia	4			4		4			4
Imperatriz do Maranhão		1		1		1			1
Itaberaí	1			1		1			1
Leopoldo de Bulhões	1			1		1			1
Montes Claros	1			1		1			1
Paraíso do Norte	1			1		1			1
Pires do Rio	1			1		1			1
São Luiz de Montes Belos	1			1			1		1
(Vazio)	1			1			1		1
Total Geral	17	2	2	21	1	15	3	2	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016)

QUADRO 4 - Variações por regiões geográficas

Origem	Bolacha da perna	Joelho	Pataca	Total geral	Não sabe	Sem olho	Zarolho	Total geral	Capela	Não sabe	Pálpebra	Pestana	Total Geral
Açailândia		1		1			1	1	1				1
Anicuns			1	1			1	1				1	1
Aparecida de Goiânia		1		1			1	1			1		1
Bom Jardim	1			1			1	1				1	1
Caiapônia		1		1			1	1	1				1
Caturai		1		1			1	1		1			1
Coribe		1		1			1	1			1		1
Corumbá de Goiás	1			1			1	1				1	1
Dom Liseu		1		1	1			1			1		1
Goiânia		4		4		1	3	4	1		3		4
Imperatriz do Maranhão		1		1			1	1			1		1
Itaberaí		1		1	1			1			1		1
Leopoldo de Bulhões		1		1			1	1			1		1
Montes Claros		1		1		1		1	1				1
Paraíso do Norte		1		1			1	1	1				1
Pires do Rio			1	1			1	1				1	1
São Luiz de Montes Belos		1		1			1	1				1	1
(Vazio)		1		1			1	1				1	1
Total Geral	2	17	2	21	2	2	17	21	5	1	9	6	21

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora (2016).

Os dados registrados, acima, referem-se à série 2 das atividades do aplicativo. Observamos que a realização do item lexical *vamu* (já mencionada em nosso trabalho) ocorreu em duas cidades do interior de Goiás: Anicuns e Corumbá de Goiás. Como já registrado anteriormente, trata-se de uma variante utilizada pelos educandos da EJA e que apresenta um histórico de experiências vividas.

Outro item lexical que consideramos diferenciado foi nó (9,5%), oriundo de Bom Jardim e Corumbá de Goiás. Essa designação causou certa estranheza para alguns colegas que estavam próximos aguardando a sua vez de responder às questões: “nó, dona professora?”, “não pode ser isso”, “está errado”. Dessa vez, interrompemos o uso do aplicativo para refletirmos sobre o que seria uma gramática como um sistema que organiza o funcionamento da língua; e, sobre o dialeto padrão que é importante conhecer, uma vez que ele tem um valor social; em contrapartida, precisamos conhecer e respeitar o dialeto dos sujeitos e das comunidades, porque são legítimos e válidos. Falamos também que, nós, os professores, precisamos apresentar essas e outras variedades para que possamos ampliar o vocabulário de modo que, ao entrarmos em contato com outras formas linguísticas, também acrescentaremos novos conhecimentos aos já adquiridos.

Durante todo o período de intervenção utilizando o aplicativo, muitas inferências e questionamentos surgiram, por parte dos educandos. Vários desses questionamentos se deram no âmbito do “certo e errado”. Por esse motivo, foram duas semanas de trabalho intenso e com período integral.

À medida que as atividades do aplicativo iam sendo respondidas individualmente, os alunos que se encontravam próximos um dos outros entrecortavam a mediação com indagações e contribuições. Sempre que isso acontecia, fazíamos um momento de reflexão e apresentação do conteúdo de forma que pudessem dirimir suas dúvidas. Apresentávamos o dialeto-padrão, descrevendo o funcionamento e usos da língua sem impor uma gramática normativa. Buscamos, em todos esses momentos, considerar a dinamicidade da língua e valorizar a heterogeneidade, e, com cautela, para que evitássemos atribuir valores ou reforçar o preconceito linguístico com atitudes.

O item lexical *bolacha da perna*, pertence à região de Bom Jardim e de Corumbá de Goiás. E, *pataca*, muito comum na Bahia, encontrado em Anicuns e Pires do Rio. As maiores frequências encontradas acima de 50% foram: *joelho* (81%), *gogó*

(81%), *ombro* (71,4%), e *zarolho* (81%). Esses dados possibilitaram que fizéssemos um trabalho para ampliar o vocabulário do alunado em relação às variações menos frequentes: *pataca* e *bolacha da perna* (9,5%), *nó* (9,5%), *vamu* (9,5%), *sem olho* (9,5%), incluindo também aqueles que responderam *não sabe* (28,6%), no total.

Iniciamos, a partir da sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos em relação às variações geográficas. Questionamos: *Onde nasceram? A qual região pertencem? Conhecem as marcas da linguagem de sua região? Percebem as diferenças entre o vocabulário da região de origem e a que vivem agora?*

Ao mesmo tempo, íamos comparando as variações utilizadas por eles e pesquisando nos atlas a que nos referimos no decorrer do trabalho: ALERS, ALMS, ALS e ALIB. Com isso, conseguimos que compreendessem que é importante estudar em uma classe hospitalar ou em salas de aula regular, que existem modos diferentes de falar e que podemos escolher, de acordo com as circunstâncias.

Ressaltamos que o aplicativo é um canal, um meio utilizado como facilitador para a aprendizagem. Consideramos de fundamental importância o papel do docente para que o recurso tecnológico seja utilizado e explorado de maneira produtiva; o educador é o mediador na construção dessa aprendizagem.

Análise série 3: Qual nome se dá para?

TABELA 24: Item A da Atividade 3

3A	N	%	3A	HAJ	HDS	Total Geral
cheia	4	19,0%	cheia	4		4
empanzinada	6	28,6%	empanzinada		6	6
estufada	4	19,0%	estufada		4	4
gorda	5	23,8%	gorda	5		5
não sabe	2	9,5%	não sabe	1	1	2
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora (2016).

TABELA 25: Item B da Atividade 3

3B	N	%	3B	HAJ	HDS	Total Geral
arrolhada	2	9,5%	arrolhada	2		2
encalhada	9	42,9%	encalhada	2	7	9
entupida	3	14,3%	entupida	3		3
intestino preso	5	23,8%	intestino preso	1	4	5
ressecada	2	9,5%	ressecada	2		2
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora (2016).

TABELA 26: Item C da Atividade 3

3C	N	%	3C	HAJ	HDS	Total Geral
afta	2	9,5%	afta	2		2
boqueira	9	42,9%	boqueira	3	6	9
não sabe	2	9,5%	não sabe	1	1	2
sapinho	6	28,6%	sapinho	3	3	6
(vazio)	2	9,5%	(vazio)	1	1	2
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora (2016).

TABELA 27: Item D da Atividade 3

3D	N	%	3D	HAJ	HDS	Total Geral
catinga	2	9,5%	catinga		2	2
cecê	9	42,9%	cecê	4	5	9
sovaqueira	7	33,3%	sovaqueira	3	4	7
suor	3	14,3%	suor	3		3
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora (2016).

TABELA 28: Item E da Atividade 3

3E	N	%	3E	HAJ	HDS	Total Geral
dente do juízo	9	42,9%	dente do juízo	4	5	9
não sabe	7	33,3%	não sabe	1	6	7
siso	5	23,8%	siso	5		5
Total Geral	21	100,0%	Total Geral	10	11	21

Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora (2016).

QUADRO 5 - Variações por regiões geográficas

Origem	Cheia	Empanzi- nada	Estufada	Gorda	Não sabe	Total geral	Arrolhada	Encalha- da	Entupida	Intestino preso	Ressecad a	Total Geral
Açailândia		1				1		1				1
Anicuns		1				1				1		1
Aparecida de Goiânia	1					1			1			1
Bom Jardim		1				1		1				1
Caiapônia		1				1				1		1
Caturai	1					1	1					1
Coribe				1		1			1			1
Corumbá de Goiás			1			1		1				1
Dom Liseu				1		1			1			1
Goiânia				3	1	4		1		2	1	4
Imperatriz do Maranhão	1					1		1				1
Itaberaí					1	1					1	1
Leopoldo de Bulhões	1					1	1					1
Montes Claros		1				1				1		1
Paraíso do Norte			1			1		1				1
Pires do Rio		1				1		1				1
São Luiz de Montes Belos			1			1		1				1
(Vazio)			1			1		1				1
Total Geral	4	6	4	5	2	21	2	9	3	5	2	21

Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora (2016).

Para trabalhar com os itens lexicais registrados na atividade da série 3 do aplicativo, buscamos, após a utilização do aplicativo, pesquisar nos atlas que tomamos como referência (ALIB, ALERS, ALMS, ALS) para que os alunos pudessem verificar em que outras regiões ocorriam variações registradas, como: a) encalhada (42,9%); b) cecê (42,9%); c) *empanzinada* (28,6%); d) *aleijado* (14,3%); b) *catinga* (9,5%); d) *defeituoso* (9,5%) em “Qual nome se dá para?”¹⁸

- a) Quando uma pessoa não consegue evacuar, fazer cocô?
- b) Para o mal cheiro em baixo dos braços?
- c) Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou...
- d) Para a pessoa que não tem uma perna?

Após a pesquisa e socialização de alguns termos com os colegas, eles sugeriram que já haviam ouvido, por várias vezes, os próprios pares utilizando o item lexical e que, provavelmente, no caso específico com o dos sujeitos da classe, essas designações oferecem indicativos regionais para a comunidade em estudo, o que tornou possível observar as marcas da comunidade: a classe hospitalar em que adultos e idosos convivem (EJA), pois eles também residem nesse mesmo espaço geográfico.

Consideramos importante registrar o item lexical *afta* (9,5%) que aparece apenas na classe hospitalar com crianças e adolescentes, não sendo utilizado em nenhum momento pela classe com alunos da EJA. Ao questionarmos os alunos da classe hospitalar (quimioterapia) qual o motivo desse registro, descobrimos que estava associado ao tratamento clínico: “professora, quando a nossa imunidade baixa aparece as aftas em nossa boca”, e “o médico disse pra eu me alimentar direito, senão fico fraco e as aftas aparecem na boca”.

Ainda sobre a *questão*: a) *Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou...* Destacamos quatro registros para o item lexical *gorda*. Essas ocorrências foram registradas por sujeitos oriundos dos seguintes municípios do estado de Goiás: Aparecida de Goiânia, Caturaí, Leopoldo de Bulhões e também de Imperatriz no Maranhão. Ressaltamos que foram utilizados na classe hospitalar que recebe crianças e adolescentes e manifestados pelos alunos em tom pejorativo, jocoso.

Em vista dessa atitude e acompanhando a reação dos alunos, durante a

¹⁸ As questões não estão em ordem alfabética, porque se referem ao valor decrescente em porcentagem

intervenção, foi possível perceber que alguns educandos (crianças e adolescentes) apresentaram atitudes de desvalorização e não reconhecimento da existência de outra forma de dizer como se chama algo, sendo válida pra eles. Essa ação nos possibilitou uma intervenção pontual, durante a mediação da aprendizagem. Aproveitamos o momento para refletirmos sobre a oralidade que, sendo própria do ser humano para estabelecer a comunicação, precisa ser reconhecida e valorizada. Fizemos questionamentos sobre a importância da interação do indivíduo com os seus pares, sujeitos ativos e transformadores. Mostramos também que é possível, em determinados contextos, escolher entre uma forma ou outra para se comunicar, e que a língua muda, de acordo com a região, a idade, o sexo, dentre outros.

Utilizar o aplicativo, nesses momentos, contribuiu para o estudo das variações por apresentar-se como um instrumento dinâmico (possibilitando instantes de diálogo e reflexões e o pronto retorno à atividade por parte do educando) que a princípio atrai e mantém a atenção do aluno, motivando-o à aprendizagem. Aliado a isso, a interação entre os educandos e a cooperação entre eles favorecem uma aprendizagem colaborativa, além do mais é uma possibilidade para a realização de atividades extraclasse hospitalar. Contribuiu sobremaneira para que os educandos ficassem concentrados e atentos a cada etapa das atividades e à interpretação das orientações do aplicativo. A imagem também foi um fator relevante por trazer variações diferentes àquelas que estavam sendo solicitadas e por terem de escolher apenas uma das três imagens que aparecia na segunda parte das atividades do aplicativo: *Você sabe o que é?*

Segundo Furtado (2008, p.4):

Precisamos construir nossa forma própria de ‘desequilibrar’ as redes neurais dos alunos. Essa função nos coloca diante de um novo desafio com relação ao planejamento de nossas aulas: buscar diferentes formas de provocar instabilidade cognitiva. Logo, planejar uma aula significativa significa, em primeira análise, buscar formas criativas e estimuladoras de desafiar as estruturas conceituais dos alunos. Essa necessidade nos poupa da tradicional busca de maneiras diferentes de ‘apresentar a matéria’. Na escola, informações são passadas sem que os alunos tenham necessidade delas, logo, nossa função principal como professores é de gerar questionamentos, dúvidas, criar necessidade e não apresentar respostas. (Grifos do autor).

Questionados sobre por que gostavam de estudar, utilizando o recurso tecnológico, responderam: “gosto de estudar brincando”, “é bom conhecer coisas

novas”, “papel e lápis é chato”, “é bom demais digitar”, “não consigo usar a mão direita para escrever”¹⁹, “a gente também sabe mexer nisso”²⁰.

O último dia da intervenção, quando fomos autorizados a deixar instalado o aplicativo nos celulares dos educandos, foi marcante, porque pudemos observar que eles ficaram em seus leitos ou poltronas (fazendo a quimioterapia), ou foram para seus alojamentos com o celular na mão e acessando o aplicativo.

Esperamos que outros estudos dessa natureza sejam realizados em classes hospitalares, de modo que outras possibilidades possam ser encontradas e registradas para que seja possível questionar e aprofundar o que foi exposto, nesse trabalho, a fim de valorizar as variações e confirmar o caráter democrático da língua.

¹⁹ Nesse caso, o educando estava com o soro ligado na mão direita e conseguia digitar no celular, utilizando bem a mão esquerda.

²⁰ Aluno da EJA, ao reafirmar que sabia utilizar os recursos tecnológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho de intervenção constatamos, por meio das atividades desenvolvidas no aplicativo, que o alunado, algumas vezes, incorpora ao seu léxico itens comuns ao campo lexical da esfera médica em seus procedimentos clínicos diários, por exemplo: *micose* para se referir à *frieira*; *mama* para se referir ao *seio* (neste caso, lembra o câncer de mama, muito comum em uma das instituições hospitalares).

Uma expressão muito comum para os alunos da EJA é *cana do braço*. Alguns foram unânimes em dizer que se lembram de *quando engessaram* o esse membro ou *colocaram um cano, uma cana no braço*, isto é, imobilizaram o braço.

Outros trouxeram, por meio dos itens lexicais, parte de sua história. Por exemplo, para se referir ao ombro, dois dos participantes utilizaram o item lexical “*vamu*”, relatando que já haviam carregado crianças ou adolescentes nas costas, uma espécie de trabalho forçado. Nas atividades, para se referir a uma que não tinha uma perna, utilizaram o item lexical defeituoso, *aleijado*. Nesse caso, observamos que há uma relação direta com a condição atual da maioria dos alunos da instituição onde fazem tratamento permanente para hanseníase. Um grande número apresenta membros amputados devido à progressão da patologia. E, pelo tempo de convívio com eles na classe hospitalar, e conhecendo a história de cada um, entendemos que há, nessa escolha, o caráter social imposto ao sujeito, sendo possível compreender que as experiências de vida os colocaram em situações de vulnerabilidade e também de fragilidade.

Acreditamos ser importante fazer alguns destaques relacionados as nossas observações, durante as mediações de aprendizagem.

- As variações mais expressivas, aquelas que fogem um pouco da forma utilizada, diariamente, por exemplo: *vamu*, *cana do braço*, *capela*, *canela do braço*, *fiapeira* e *bucho* são mais comuns com os educandos idosos.
- Quanto ao uso do aplicativo, observamos maior interesse, por parte dos alunos da EJA que interagiram e participaram ativamente, enquanto as crianças e adolescentes da outra classe hospitalar, quase sempre desconsideravam as variações, pontuando-as como “erro ou acerto”.
- Alguns alunos da classe hospitalar com crianças e adolescentes, em vários momentos, fizeram críticas em relação ao uso das variações, possivelmente,

reproduzindo uma ideologia ainda dominante, em relação à padronização da língua.

- Os alunos da classe hospitalar formada pelos idosos (EJA) reconhecem as variedades linguísticas e as valorizam, contudo, mostram interesse em conhecer a norma padrão, para utilizá-la, em momentos de interação com as outras pessoas da comunidade (a equipe de saúde, os administradores e os visitantes) onde fazem tratamento e também residem. Percebemos que eles buscam a educação para transformar a sua realidade.

Na primeira parte das atividades do aplicativo, foram registrados 18 itens lexicais relativos à parte do corpo humano. Dentre eles, os itens que tiveram variações em menor escala e, por isso, diferenciados no grupo foram: *esfrieira* 4,8% (frieira), *janelinha* 4,8% (banguelo), *canela do braço* 4,8% (antebraço), *cuca* 4,8% (cabeça), *cinta* 4,8% (cintura), *fato* 4,8% (intestino), *fiapeira* 4,8% (cílios). O número mais expressivo dessas variações ocorreu na classe com educandos da EJA. Outro dado importante é que não houve nenhum registro para o item lexical antebraço em nenhuma das duas classes hospitalares.

Na segunda etapa das atividades do aplicativo, cinco imagens deveriam ser escolhidas, de acordo com o item lexical apresentado. Todas as imagens foram selecionadas de maneira assertiva ao que foi solicitado pelo item lexical. As variações que mais nos chamaram a atenção, por serem diferenciadas das demais, foram: *nó* 9,5% (pomo de adão), *vamu* 9,5% (ombro).

E, para a terceira e última etapa das atividades do aplicativo foram feitos seis questionamentos sobre “Qual nome se dá?” para situações corriqueiras em nossa vida, relacionadas ao funcionamento e uso das partes do corpo humano. As variações que se destacaram por serem menos utilizadas foram: *arrolhada* 9,5% e *ressecada* 9,5% para uma pessoa que não consegue evacuar, *catinga* 9,5% para mal cheiro nas axilas, *defeituoso* 9,5% para a pessoa que tem uma perna só.

Por outro lado, as variações linguísticas entre os sujeitos, oriundos de estados diferentes, não se apresentou de maneira muito diferente a do grupo a que pertenciam. Uma das possíveis causas pode ser o período prolongado do tratamento de saúde, que varia em escala crescente de dois anos a décadas (no caso dos alunos da EJA). Geralmente, nesse período, os educandos estabelecem residência em Goiânia e raramente retornam para visitas em sua cidade natal.

Conforme observamos, durante a participação dos educandos, a maioria conseguiu compreender satisfatoriamente os itens lexicais utilizados no aplicativo.

Porém, precisamos registrar que, apesar de os educandos da EJA contribuírem com as variações mais expressivas, também tiveram dificuldades cognitivas e físicas (membros das mãos amputados, alguns não tinham todos os dedos das mãos, sendo necessárias adaptações feitas pela equipe multidisciplinar da instituição de saúde).

Quanto à utilização do aplicativo, verificamos que houve um interesse maior dos alunos em participar, durante o momento de mediação da aprendizagem. Também relataram que "utilizar o celular para estudar foi mais divertido, só papel e o livro são cansativos demais".

Em síntese, as análises feitas, de acordo com os critérios estabelecidos para avaliação da proposta desenvolvida, apontaram o seguinte: todos os educandos cumpriram com as atividades do aplicativo; as respostas, ou seja, os itens lexicais digitados pelos educandos, apesar de apresentarem algumas incorreções ortográficas foram coerentes com o que foi solicitado, em cada parte das atividades do aplicativo.

De maneira geral, as atividades podem ser avaliadas positivamente e podemos afirmar que os resultados foram positivos e oportunos para que os educandos construíssem e também desconstruíssem alguns posicionamentos em relação a valorizar apenas o erro e o acerto no uso da língua. A observação do interesse e da postura dos educandos no desenvolvimento das atividades permitenos concluir que foi possível alcançar com êxito os objetivos determinados para a nossa proposta de intervenção.

Os educandos conseguiram perceber semelhanças e diferenças no uso dos itens lexicais em seu grupo ou comunidade e estabelecer comparações com as regiões representadas nos atlas linguísticos, selecionados para essa pesquisa. Também perceberam a importância de valorizarmos as variedades utilizadas por eles e, nas diversas regiões do país, além de ampliarem seus conhecimentos sobre variação linguística e sobre as variedades lexicais estudadas. Percebemos que muitos educandos desconstruíram ideias de menos valia das variações durante a resolução das atividades no aplicativo e durante as intervenções que faziam, e, conforme já mencionado, outro olhar para o que antes viam apenas como "erro e acerto".

Constatamos a dinamicidade da língua, quando, ao verificarmos as regiões de origem do aluno, compreendemos que já haviam incorporado ao seu léxico as características da fala do local onde se encontravam inseridos, nesse momento. Percebemos também que, nas relações entre os sujeitos ainda há o preconceito, e, nesse sentido, propiciamos momentos de reflexão em respeito às diferenças como

um todo, levando-os, mesmo que de maneira tímida, a tomar consciência do problema.

Finalmente, podemos afirmar, diante do trabalho desenvolvido, que os objetivos anteriormente apresentados, quais sejam: desenvolver uma proposta pedagógica com a criação de um aplicativo; colaborar com a ampliação do acervo lexical dos educandos acerca da variação semântico-lexical de caráter diatópico referente às partes do corpo humano, despertando o alunado para uma postura crítico-reflexiva em relação ao preconceito linguístico, além de contribuir com o professor de Língua Portuguesa, oferecendo um recurso tecnológico para o ensino de variação diatópica, foram atingidos com êxito.

As mediações da aprendizagem, durante a intervenção, foram bastante positivas nas duas classes hospitalares e foi possível contatar a democratização da língua. Temos uma variedade de sujeitos que interagem com várias outras esferas da sociedade e com pessoas de outros estados. Verificamos a naturalidade em abordar sobre as variações e o preconceito ainda existente na sociedade, principalmente com o público mais jovem. Nessa intenção, trabalhamos para colaborar na desconstrução da visão daqueles que consideram que só sabe falar português quem domina algumas regras da gramática normativa.

Refletindo sobre o trabalho desenvolvido, em nossa pesquisa, percebemos que o caminho percorrido foi válido e bastante proveitoso, uma vez que abre novas possibilidades para construirmos outras formas de mediar aprendizagens em relação à variação linguística, partindo da necessidade dos educandos e de suas experiências.

Os caminhos nem sempre foram fáceis e tranquilos. No percurso da pesquisa lidamos com dores e óbitos de dois dos educandos. Recompomo-nos e seguimos, porque precisávamos contribuir com a educação de tantos outros aprendizes. O prazer de ver o trabalho realizado superou a tristeza e a tensão. Permaneceram momentos de prazer em aprender, alegria e esperança.

Muitas foram as aprendizagens ao longo do Mestrado, e, ao terminar essa etapa, temos a certeza de que as aulas, as orientações, as pesquisas e todas as pessoas com quem tivemos a oportunidade de conviver contribuíram muito para o nosso crescimento profissional. Um novo olhar. E, com certeza, a possibilidade do novo nos move e nos encanta.

Começamos a construir o tema de pesquisa, a partir das inquietações

vivenciadas em classes hospitalares e a dificuldade em mediar a aprendizagem em Língua Portuguesa, especificamente sobre as variações linguísticas, utilizando apenas uma prancheta, papel, livro e lápis. Buscamos em livros e autores algo diferente que falasse do fenômeno da variação linguística. Entretanto, percebemos que o campo de trabalho era rico e, por isso, precisávamos ouvir a realidade. E, por isso, as nossas perguntas iniciais foram: As variações diatópicas relacionadas ao corpo humano e à saúde são utilizadas, durante a reconstrução do significado, para a ampliação do acervo lexical? A utilização de um aplicativo, durante a intervenção pedagógica, produz resultados positivos para o estudo de itens lexicais em classe hospitalar?

Não podemos negar que a utilização de tecnologias como o computador e os *softwares* educacionais é real em nossas práticas, entretanto, para espaços diferenciados e com sujeitos em situações adversas existe a necessidade de planejar e desenvolver uma ferramenta que atenda à demanda. Também precisamos lembrar de que mesmo tendo características que atendam ao que foi planejado, o processo de avaliação de um aplicativo deverá ser contínuo para que seja incrementado, posteriormente. E é nesse sentido que estamos trabalhando.

Ressaltamos que o professor é essencial no processo de mediação e construção da aprendizagem. Ele é quem orientará o educando para utilizar e explorar a tecnologia que, por sua vez, é uma aliada ao papel desempenhado pelo educador na formação de sujeitos críticos e competentes que atendam às demandas da sociedade.

Nessa investigação, percebemos que a variação linguística e o uso de uma ferramenta tecnológica para ser o canal, o meio de instigar a aprendizagem foi produtivo e cumpriu bem a sua função. Entendemos que o reconhecimento e estudo das variações são fundamentais no processo educacional, tanto do ponto da construção da singularidade dos sujeitos quanto da construção de sua identidade e o seu pertencimento ao grupo ou comunidade. Valorizar as variações linguísticas é contribuir para fortalecer as identidades sociais e a formação de sujeitos cidadãos em uma sociedade democrática e inclusiva.

Ressaltamos ainda que o estudo referente à variação diatópica não apresentou resultados expressivos, uma vez que o contexto de assimilação por parte dos alunos foi extremamente marcante, devido à integração sociocultural entre o grupo.

Finalizamos essa dissertação, com leveza, mas com a sensação de que estamos no início. Muito há que se fazer. O trabalho está iniciado e com perspectivas de mudanças em busca de maior qualidade, porque esse estudo sugere discussões e posteriores pesquisas sobre a variação linguística em classe hospitalar.

REFERÊNCIAS

ABBADE, C. M. de S. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, XV., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 1332-1343. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/105.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2016.

ALBERTONI, L. C. **A inclusão escolar de alunos com doenças crônicas: professores e gestores dizem que...** Curitiba: Appris, 2014.

ALKIMIN, T. M. Sociolinguística. In: BENTES, A. C.; MUSSALIN, F. (Orgs.). **Introdução à linguística** – domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

ALVAR, M. Diferencias en el habla de hombre y mujeres. **Revista do Livro**, Rio de Janeiro, n.121, p. 85, 1958.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino** – outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** 4. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

APRENDENDO Variações Linguísticas (AVL). Goiânia: 2016. *Software* educativo.

ARAÚJO, W. G. F.; ALMEIDA, I. R. de. **Processos de desenvolvimento de software educativo: um estudo sobre os modelos.** Disponível em: <<http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R1096-1.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

AUGUSTO, V. L. D. S. dos. **Atlas semântico-lexical do Estado de Goiás.** 650f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2012. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09012013-114759/pt-br>. Acesso em: 5 maio 2016.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso** – por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Língua linguagem linguística** – pondo os pingos nos ii. São Paulo: Parábola, 2014.

_____. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2008.

BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, ago. 2001.

BARBOSA, M. A. Da microestrutura dos vocabulários técnico-científicos In: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, IV., 1989, Recife. **Anais...** Recife: ANPOLL, 1989.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2006.

BRACHT, V. Educação Física/ Ciências do esporte: que Ciência é Essa? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 111- 118. 1993.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado Federal, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Diário Oficial da União**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9394, de 20/12/96. Brasília: Imprensa Oficial, 1996.

_____. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC/Seesp, 2002.

_____. Ministério de Educação e Cultura - MEC. **Classe hospitalar**. Política Nacional de Educação Especial. Livro 1. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. **Sistema de atendimento educacional, em ambientes hospitalares e domiciliares**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000423.pdf>> . Acesso em: 15 abr. 2016.

_____. Resolução CNE/CEB n. 2, de 11 de setembro de 2001. Estabelece as Diretrizes Nacional de Educação Especial. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 2001.

BRIGHT, W. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. E. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CAIXETA, M. C. S. O. **Variação diatópica de aspecto semântico-lexical e ensino de língua portuguesa**. 2015. 265 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, Universidade de Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais. 2015.

CAMARA Jr., J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

CALLOU, D. ; LEITE, Y. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

_____. Sistema, norma e fala. In: _____. **Teoria da linguagem e lingüística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

_____. **Sentido y tareas de la dialectologia**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSTA, F. A. Avaliação de *Software* educativo: ensinem-me a pescar! In: SEMINÁRIO SOBRE UTILIZAÇÃO DE *SOFTWARE* EDUCATIVO, 2004, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Universidade de Lisboa, 2004.

CRISTIANINI, A. C. **Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC**. 2007. v 3. 635 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Universidade São Paulo, São Paulo.

_____. Sociogeolinguística: uma abordagem para o estudo do léxico. In: SANTOS, I. P.; CRISTIANINI, A. C. Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises. São Paulo: Paulistana, 2012.

_____. **Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises**. São Paulo: Paulistana, 2012.

_____.; ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. A contribuição dos estudos sociogeolinguísticos para a escolha lexical na recepção e produção de textos orais e escritos. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, XII, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2009. p. 10-17. (Livro dos Mini cursos - Cadernos do CNFL. v. XII).

_____. **Norma**. Uberlândia: Imagem, 2014. 14 slides, color (*Datashow*).

CUNHA, C. **A política do idioma**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1975.

DUBOIS, J. et. al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). **Lingüística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FERNANDES, E. M. Pedagogia Hospitalar. In: ORRICO, H.; ISSA, R. M. (Orgs.). **Pedagogia hospitalar: princípios, políticas e práticas de uma educação para todos**. Curitiba: CRV, 2014.

FERREIRA, C. S. da. et al. **Atlas lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA; Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio – O Dicionário de Língua Portuguesa – Século XXI**. 4. Imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FUCHS, A. M. S.; FRANÇA, M. N.; PINHEIRO, M. S. F. D. **Guia para normalização de publicações técnico-científicas**. Uberlândia: EDUFU, 2013.

GOIÂNIA. **Secretaria de Estado de Educação Cultura e Esporte**: Currículo Referência da Rede Estadual . Goiânia: SEE, 2012.

GOIÁS. **Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar - NAEH**: Diretrizes para o trabalho. Disponível em: <<http://naehgoias.blogspot.com.br/p/documentos.html>>. Acesso em: 12 maio 2016.

KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.). **Atlas lingüístico-etnográfico da região Sul do Brasil**. Porto Alegre / Florianópolis / Curitiba: UFRGS/UFSC/UFPR, 2002. v. 1. v. 2.

LABOV, W. **Language in the innercity**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 53/54, p.60, abr./set. 1978.

LENHARO, A. C. Palavra, vocábulo, item lexical, listema ou nenhuma das opções? **Revista Vocábulo - Letras e Linguagens Midiáticas**, Ribeirão Preto, Centro Universitário Barão de Mauá. Disponível em: <https://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/pdf/10/11_palavra_ou_lexema_10.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2016.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2007.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MACEDO, A. V. T. de. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MATTOS & SILVA, R.V. Variação, mudança e norma. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. 2. ed. São Paulo, Edições Loyola: 2004.

MEIRELES, C. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MIAZZI, M. L. F. **Introdução à linguística românica**: histórico e métodos. São Paulo: Cultrix, 1976.

MOLLICA, C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. IN: _____.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEAGUDO, H. Variação e norma linguística: subsídios para uma (re)visão. In: XOAN, C. L. ; BAGNO, M. (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011.

MORIN, E. A. **inteligência da complexidade**. Tradução de Nurimar Maria Falci. São Paulo: Petrópolis, 2000.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Contexto, 2006. v.1.

NASCENTES, A. **O idioma nacional**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

OLIVEIRA, D. P. de. (Org.). **Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS**. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PARANÁ. **Comitê Nacional do Projeto ALIB**. Questionários 2001. Londrina: UEL, 2001.

PINTO, J. G. **Pesquisa-Ação**: Detalhamento de sua sequência metodológica. Recife, 1989, Mimeografado.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

PRETI, D. **Sociolinguística os níveis de fala**. São Paulo: Editora da USP, 1994.

ROCHA, A. R.; CAMPOS, G. H. B. D. E. Avaliação da qualidade de *software* educacional. **Revista Em Aberto**, Brasília, ano 12, n. 57, jan./mar. 1993. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/845/757>>. Acesso em: 2 set. 2016.

ROMANO, V. P. **Atlas Geossociolinguístico de Londrina**: um estudo em tempo real e tempo aparente. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

_____. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos - Revista Científica do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem**, Londrina, v.13, n. 2, 2013. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388>>. Acesso em: 13 mar.2016.

ROSSI, N. A. Dialectologia. **ALFA**, Marília, n. 11, p. 89 -116, 1967.

SANTOS, I. P. dos. A variação linguística e a política de ensino/domínio da língua materna. In: SÃO PAULO. Secretaria do Estado de Educação. Coordenadoria de

Estudos e Normas Pedagógicas. **Língua Portuguesa**: o currículo e a compreensão da realidade. São Paulo: CENP, 1991.

SANTOS, P. T. A. de. **Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora**: gerundismo, preconceito e expansão da mudança, 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SILVA, M. E. B. da. Os estudos dialetológicos e o seu compromisso com o ensino. **Cadernos da ABF**, Rio de Janeiro, v. II, n.1. Rio de Janeiro: Letras UERJ, 2003. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/volume2/numero1/06.html>> Acesso em: 3 abr. 2016.

SOMMERVILLE, I. **Ingeniería Del Software**. Madrid: Pearson, 2005.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1982.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1975].

VARIAÇÃO Linguística. Série Palavra Puxa Palavra. MultiRio. Educopédia: SME/RJ. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=_Y1-ibJcXW0>. Acesso em: 10 mar. 2016.

APÊNDICE A: PLANO 1

A seguir, disponibilizamos os planejamentos utilizados durante a intervenção e sugestões de atividades que poderão ser incrementadas, posteriormente, no aplicativo, se necessário.

PLANO 1

Atendimento Pedagógico Hospitalar

Conteúdo Programático: Variação Linguística

Eixo Temático: Prática de Oralidade e Escrita

Estratégias de Ensino:

- Assistir ao vídeo *Variação Linguística*.²¹ Leitura do Mapa do Brasil com as suas regiões e as diversas culturas;
- *Toró de ideias* sobre o assunto²²;
- Registro das falas dos alunos.

Expectativa de Aprendizagem:

- Identificar as variações linguísticas geográficas entre as pessoas;
- Valorizar e respeitar as diversas variantes da língua;
- Expressar-se naturalmente.

Avaliação (Instrumentos):

- Portfólio com fichas avaliativas de acompanhamento.

Desenvolvimento: Material necessário:

- Mapa do Brasil com a divisão regional do país e suas diversas culturas;
- Notebook.

²¹ Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=_Y1-ibJcXW0>.

²² Esse termo foi utilizado em substituição de *Tempestade de ideias*, para destacar o tema trabalhado, variação linguística.

Disposição dos alunos: Colocar as carteiras em círculo²³.

Professor(a), apresente aos alunos o mapa do Brasil com as regiões e pergunte a eles se já viajaram para alguma outra região. Peça-lhes para falarem sobre o que foi observado em relação ao modo de vida das pessoas que habitam estes lugares e se observaram como as pessoas se comunicam.

Explique a eles que o modo de vida (a cultura, a alimentação) é diferente em cada região, estado e até mesmo entre o grupo de pessoas a que pertencemos. Essa diversidade da língua falada se deve a vários fatores, por exemplo, à imigração de diferentes povos que vieram para povoar o Brasil e trouxeram também sua cultura, aos povos indígenas que já moravam por aqui. E, além destes fatores, a própria língua que com o tempo também sofre mudanças.

Utilize a estratégia *Toró de ideias* que significa fazer várias perguntas para serem respondidas oralmente pelos alunos, a partir de suas experiências e dos conhecimentos adquiridos, durante a vida. Faça um cartaz com todas as frases e palavras ditas por eles. Esses registros serão usados como ponto de partida para a compressão do significado de variações linguísticas.

Na roda de conversas, pergunte aos alunos, se convivem com pessoas que falam diferente, permita que expressem suas impressões. Peça a eles para relembrem as viagens que fizeram a outros estados e como as pessoas desses locais falavam. Cole, em mural, o cartaz com as contribuições dos alunos.

É importante que todos participem e exponham sua opinião. Posteriormente, comente cada uma delas, respeitando e valorizando o que foi dito pelos alunos.

²³ Nas duas classes hospitalares em que desenvolvemos a pesquisa foi possível disponibilizar a sala em círculo.

APÊNDICE B: PLANO 2

PLANO 2

Atendimento Pedagógico Hospitalar

Conteúdo Programático: Variação Linguística

Eixo Temático: Prática de Oralidade e Escrita

Estratégias de Ensino:

- Revisão da aula anterior;
- Leitura do poema *Retrato*, de Cecília Meireles;
- Substituição das palavras referentes às partes do corpo humano citadas no poema por variações linguísticas dos alunos.

Expectativa de Aprendizagem:

- Identificar as variações linguísticas referentes às partes do rosto humano;
- Valorizar e respeitar as diversas variantes da língua;
- Reescrever o poema *Retrato*, de Cecília Meireles, trocando palavras que referem à parte do corpo por variantes linguísticas citadas pelos alunos.

Avaliação (Instrumentos):

- Portfólio com fichas avaliativas de acompanhamento, observação, avaliação formativa e processual;
- Realização de atividade escrita.

Desenvolvimento:

Escuta da leitura do poema, *Retrato*, de Cecília Meireles.

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Professor(a), peça aos alunos para fazerem a leitura do poema. Explique que Cecília Meireles faz um autorretrato de si própria e constata as mudanças tanto físicas como psicológicas que ocorreram durante a vida. Assim como ela, todos nós também sofremos mudanças e, muitas vezes, não as percebemos. Ela escolheu o rosto, as mãos e o coração para ilustrar as mudanças. Pergunte a eles quais partes do corpo foram citadas, no poema. Distribua o poema com lacunas para eles completarem com palavras que nomeiam as partes do corpo. Anote cada palavra conforme for pronunciada e depois leia o poema com as palavras citadas pelos alunos. Finalize a aula agradecendo a atenção e dedicação de todos.

APÊNDICE C: PLANO 3

PLANO 3

Atendimento Pedagógico Hospitalar

Conteúdo Programático:Variação Linguística

Eixo Temático: Prática de Oralidade e Escrita

Estratégias de Ensino: Atividade escrita, xerocopiada, com figura anatômica do corpo humano.

Expectativa de Aprendizagem:

- Identificar as variações linguísticas referentes às partes do corpo;
- Valorizar e respeitar as diversas variantes da língua.

Avaliação (Instrumentos):

- Portfólio com fichas avaliativas de acompanhamento, observação, avaliação formativa e processual;
- Realização de atividade escrita.

Desenvolvimento:

Os alunos farão a atividade escrita, com orientação do professor, caso seja necessário.

APÊNDICE D: PLANO 4

PLANO 4

Atendimento Pedagógico Hospitalar

Conteúdo Programático: Variação Linguística

Eixo Temático: Prática de Oralidade e Escrita

Estratégias de Ensino:

Atividade escrita, xerocopiada, com figuras apresentando algumas alterações no corpo humano: torcicolo; frieira; catarata; rugas; conjuntivite; falhas de dente (desdentado); cicatriz.

Expectativa de Aprendizagem:

- Identificar as variações linguísticas referentes a algumas alterações no corpo humano por motivo de saúde: torcicolo; frieira; conjuntivite;
- Identificar as variações linguísticas referentes à alterações no corpo por diversos motivos: falhas de dente (desdentado); cicatriz e rugas.

Avaliação (Instrumentos):

- Portfólio com fichas avaliativas de acompanhamento, observação, avaliação formativa e processual;
- Realização de atividade escrita.

Desenvolvimento:

Os alunos farão a atividade escrita, com orientação do professor, caso seja necessário.

APÊNDICE E: PLANO 5

PLANO 5

Atendimento Pedagógico Hospitalar

Conteúdo Programático: Variação Linguística

Eixo Temático: Prática de Oralidade e Escrita

Estratégias de Ensino: Atividade escrita, xerocopiada, com figuras do corpo humano: unha, cílios, coração, fígado.

Expectativa de Aprendizagem:

- Identificar as variações linguísticas referentes às partes do corpo humano;
- Valorizar e respeitar as diversas variantes da língua.

Avaliação (Instrumentos):

- Portfólio com fichas avaliativas de acompanhamento, observação, avaliação formativa e processual;
- Realização de atividade escrita.

Desenvolvimento

Os alunos farão a atividade escrita, com orientação do professor, caso seja necessário.

APÊNDICE F: PLANO 6

PLANO 6

Atendimento Pedagógico Hospitalar

Conteúdo Programático: Variação Linguística

Eixo temático: Prática de Oralidade e Escrita

Estratégias de Ensino:

Atividade escrita, xerocopiada, com figuras de excrementos humanos, sangue, machucado, curativo e terçol.

Expectativa de Aprendizagem:

- Identificar as variações linguísticas referentes aos itens: machucado, curativo, sangue terçol;
- Identificar as variações linguísticas referentes a excrementos humanos;
- Valorizar e respeitar as diversas variantes da língua.

Avaliação (Instrumentos):

- Portfólio com fichas avaliativas de acompanhamento, observação, avaliação formativa e processual;
- Realização de atividade escrita.

Desenvolvimento

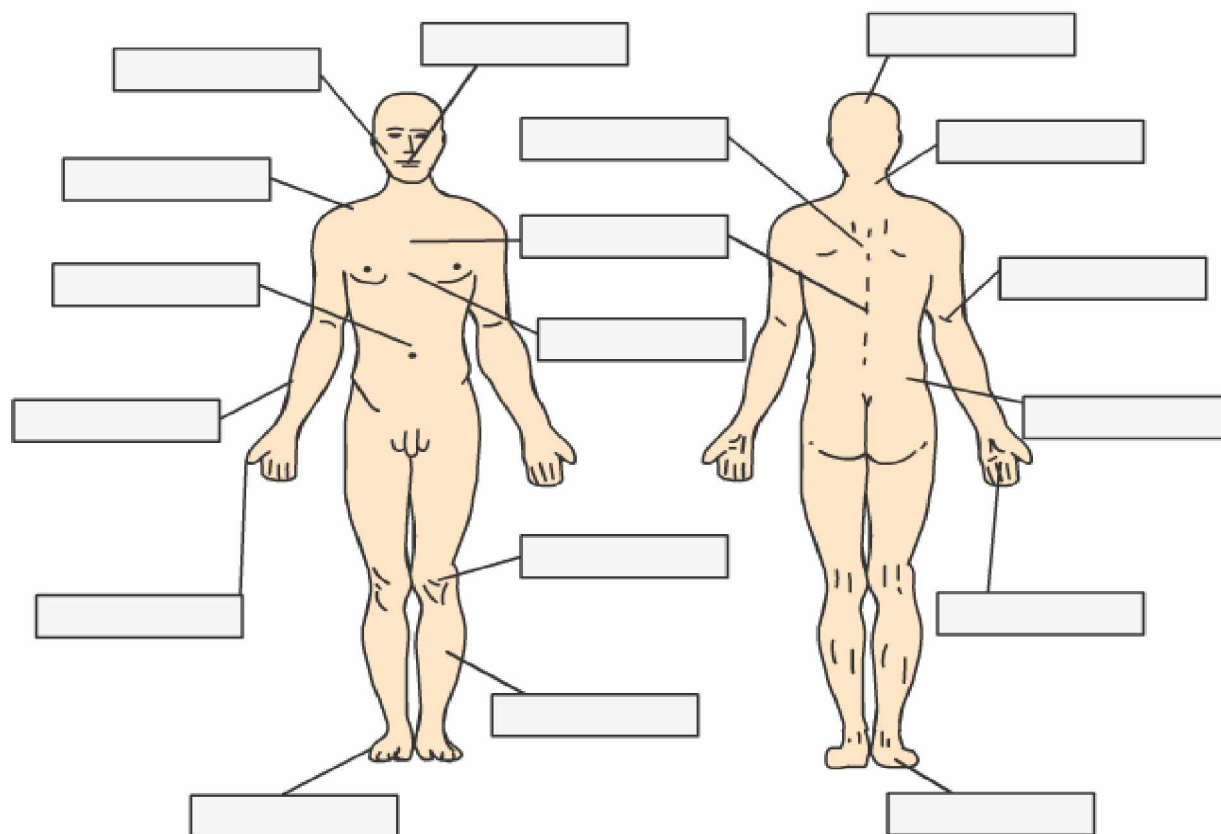
Os alunos farão a atividade escrita, com orientação do professor, caso seja necessário.

APÊNDICE G - ATIVIDADE 1

ATIVIDADE 1

1) Observe a imagem do corpo humano e escreva nos retângulos que nome se dá para cada parte:

FIGURA 9 - Corpo humano



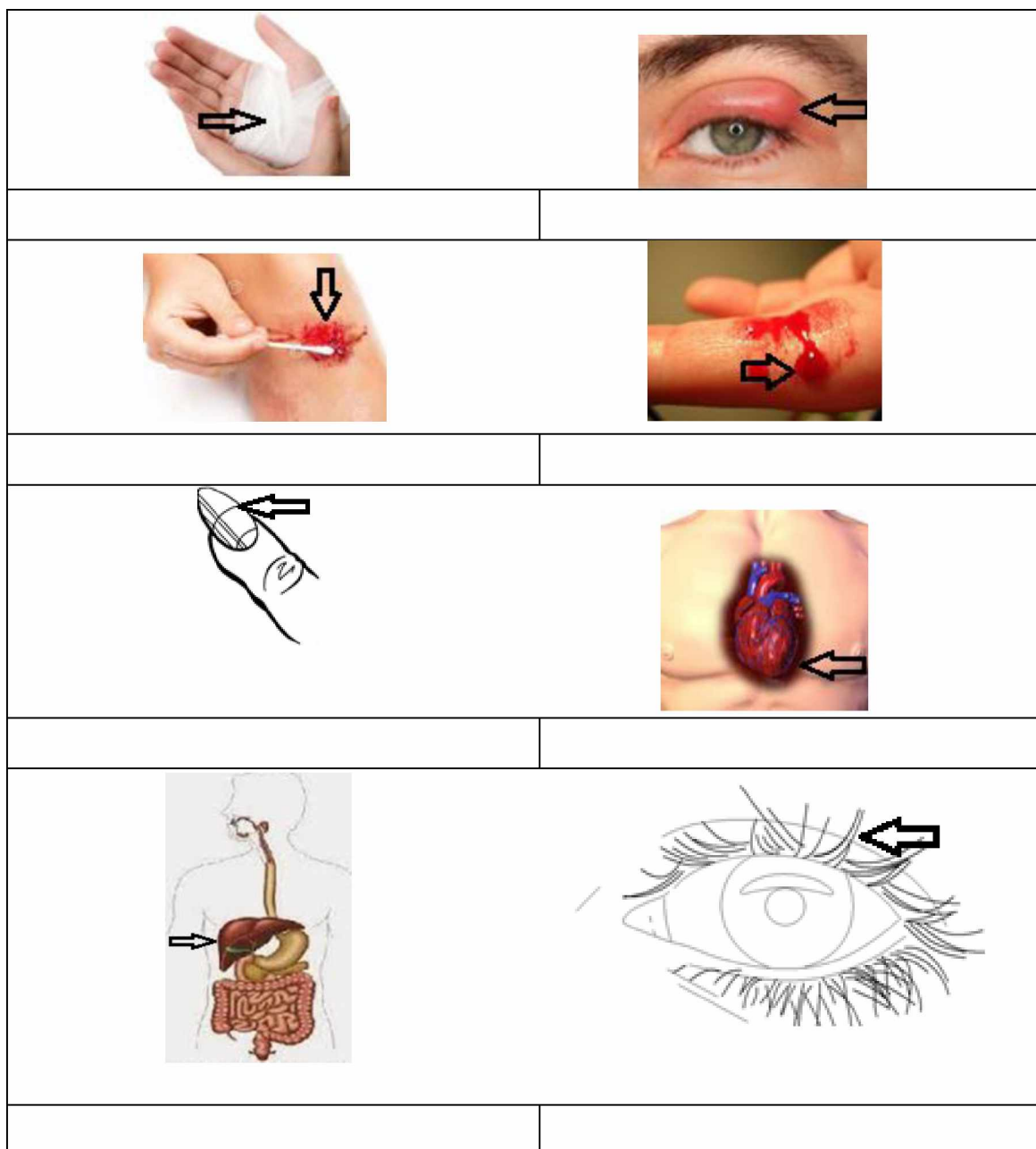
Fonte: < <http://jovensaprendizes2013.blogspot.com.br/>>.

APÊNDICE H - ATIVIDADE 2

ATIVIDADE 2

1) Na figura, abaixo, escreva que nome se dá para:

FIGURA 10 - Partes do corpo humano e cuidados com a saúde²⁴



²⁴ Os sites de onde foram retiradas as imagens apresentadas nesta figura estão elencados, respectivamente, no final desta atividade - Atividade 2.

Fonte: Imagens acessadas em 10 de julho 2016, disponíveis em:

<http://static3.depositphotos.com/1002007/141/i/110/depositphotos_1419528-Bandage.jpg>.

<http://static7.depositphotos.com/1000998/793/i/170/depositphotos_7936652-Illness-person-eye-with-sty.jpg>;

<<http://www.menshealth.com/sites/menshealth.com/files/articles/2015/08/wound-first-aid.jpg>>

<https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQM-Pm_2nwT9ITmMuj2fI0iFMJo1V75QAOZ7aB8DzoBVSy4w_VISg>.

<<http://www.tudodesenhos.com/uploads/images/12526/dedo-e-unha.jpg>>.

<https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQx8rUhep9sbAoBX9s3O_p1PxnlKlf3bPksNhKrl3MYKFoEvafSB>

<<http://lh4.ggpht.com/-nlqZUYtCmWk/SXZ17YHwh4I/AAAAAAAAADOK/BMGLXH-TgCo/boca%252520garganta%252520e%252520figado.jpg?imgmax=640>>.

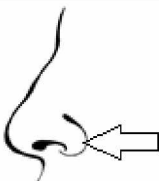

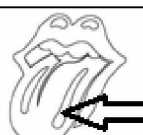
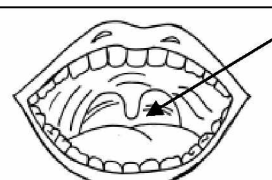


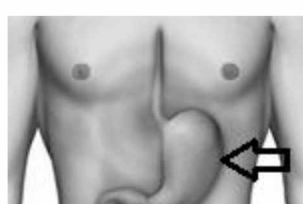
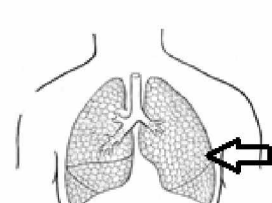
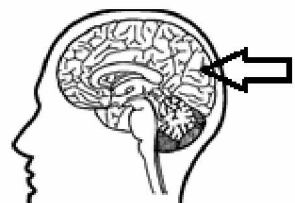
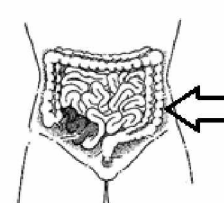
<http://1.bp.blogspot.com/-KjklBONlIH4/Uo-nHCqKmlI/AAAAAAAAAET0/Md4lVIWRMiQ/s1600/Eye_MSPaint.PNG>.

APÊNDICE I - ATIVIDADE 3

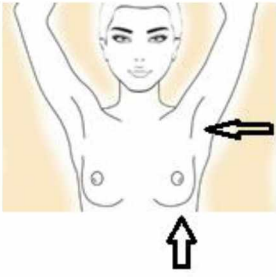

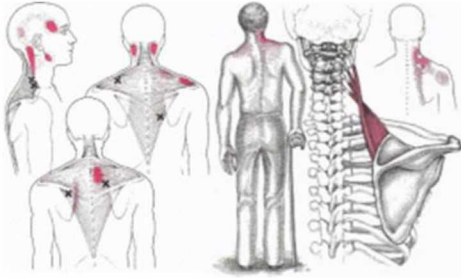
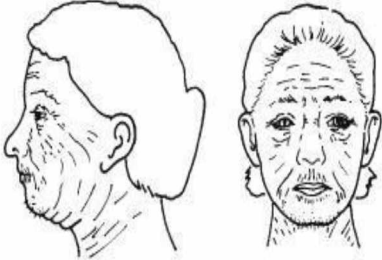


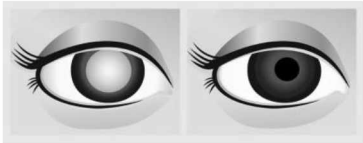

ATIVIDADE 3

1) Na figura, abaixo, escreva nos retângulos, por qual nome você conhece as estruturas abaixo:

FIGURA 11 - Partes do corpo humano²⁵ (**continua...**)

²⁵Os sites de onde foram retiradas as imagens apresentadas nesta figura estão elencados, respectivamente, no final desta atividade - Atividade 3.

Fonte: Imagens acessadas em 10 de julho 2016, disponíveis em:

<http://1.bp.blogspot.com/-sq7JfcvU78Q/T_nBBUxV0mI/AAAAAAAAACBQ/iGXCfIjMw68/s1600/desenho_colorir_corpo_humano_nariz_02.gif>

< <http://www.educolorir.com/paginas-para-colorir-orelha-dl26932.jpg> >.

<<http://www.pintarcolorir.com.br/wp-content/uploads/2013/06/desenho-para-pintar-boca-172x196.jpg>>.

<<http://www.pintarcolorir.com.br/wp-content/uploads/2013/06/boca-colorir-172x119.png>>.

<<http://coloringcrew.estaticos.net/coloring-book/coloring/mouth-and-teeth.gif>>.

<http://www.supercoloring.com/sites/default/files/styles/coloring_medium/public/cif/2009/07/an-eye-coloring-page.jpg>;

< <http://www.okuloncesi.net/upload/dosyalar/20111019/2242/874d6d33dec388e.jpg>>.

<<http://www.okuloncesi.net/upload/dosyalar/20111019/2242/874d6d33dec388e.jpg>>.

<http://1.bp.blogspot.com/_ThOsznUH0vA/SWNsXBc_JXI/AAAAAAAAAI8g/4MpxCdvLB_U/s400/anatomy2>.

<http://www.estofadosjardim.com.br/blog/wp-content/uploads/2013/10/cancer_de_mama_autoexame1.jpg>

<<http://www.pessemdor.com.br/wp-content/uploads/2015/09/frieira1.png>>.

<<http://www.evolutrbh.com.br/wp-content/uploads/2015/02/torcicolo-foto-4.jpg>>.

<http://www.fotosantesedepois.com/wp-content/uploads/2011/01/charlize_theron-37045.jpg>

<<https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRyjq2LSRQmF0ArdQU3VK2wMwgGyGGYONO4zomHmwKRUB4wFIuMKA>>.

<<http://s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2011/02/24/conjativite.jpg>>.

APÊNDICE J: ATIVIDADE 7

ATIVIDADE 7

1) A que partes do corpo humano se referem as adivinhas?²⁶

a) Altos palácios, lindas janelas, abrem e fecham, ninguém mora nelas.

b) Somos duas irmãs gêmeas, despidas, mas enfeitadas, nunca nos podemos ver e nunca andamos zangadas.

c) Tenho dez amigos certos, com quem me dou muito bem; eles vêm procurar-me, eu procurá-los não vou.

d) Quais as maçãs que chegam à boca, mas não se comem?

e) Qual o céu que não possui estrelas?

f) Qual a planta de que se faz uso?

²⁶ Disponível em: < <http://educamais.com/adivinhas-sobre-o-corpo-humano/> >.

APÊNDICE K: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O APLICATIVO

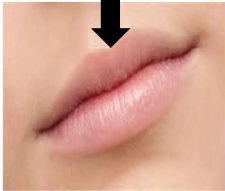


ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O APLICATIVO

Bem-vindo à aprendizagem, prezado educando! Vamos estudar itens lexicais que se referem ao corpo humano e à saúde. Vamos lá?

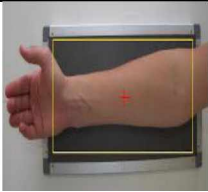


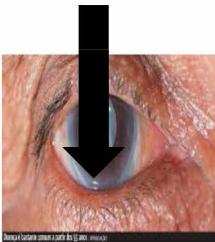

PARTE 1

Na figura, abaixo, digite o nome que se dá para as seguintes partes do corpo:

FIGURA 12 - Itens lexicais referentes a partes do corpo humano²⁷ (**continua...**)

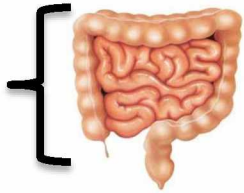
<p>a)</p> 
<p>b)</p> 
<p>c)</p> 
<p>d)</p>

²⁷ Os sites de onde foram retiradas as imagens apresentadas nesta figura estão elencados, respectivamente, no final desta atividade - Parte 1.

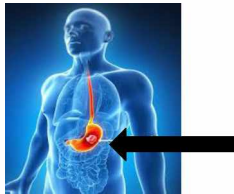

<p>e)</p> 
<p>f)</p> 
<p>g)</p> 
<p>h)</p> 
<p>i)</p>



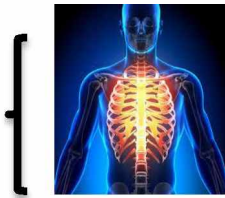
j)



k)



l)



m)



n)



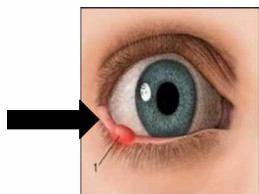
o)



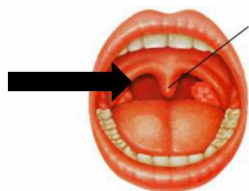
p)



q)



r)



Você concluiu essa etapa! Muito bem!

Fonte: Imagens acessadas em 12 maio. 2016, disponíveis em:

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7o&source=lmns&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICCGB&biw=1024&bih=475#imgc=1WhnL4ndFqpWMM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7o&source=lmns&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICCGB&biw=1024&bih=475#tbm=isch&q=orelha&imgc=ZVoRSsxsrtwXoM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7o&source=lmns&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICCGB&biw=1024&bih=475#tbm=isch&q=%C3%BAvula&imgc=8LEWOnL8l4-XM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7o&source=lmns&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICCGB&biw=1024&bih=475#tbm=isch&q=p%C3%A1lpebra+com+seta+indicando&imgc=IL-S1TyEGZuWdM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7o&source=lmns&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICCGB&biw=1024&bih=475#tbm=isch&q=intestino&imgc=mjx4eBlkqhbGM%3A
http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0_5EMI65446-15224_00-QUAL+E+O+SEXO+DO+SEU+CEREBRO.html>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7o&source=lmns&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICCGB&biw=1024&bih=475#tbm=isch&q=mama+-+parte+do+corpo+humano&imgc=8emVHolxWUC1xM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7o&source=lmns&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICCGB&biw=1024&bih=475#tbm=isch&q=axila>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7o&source=lmns&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICCGB&biw=1024&bih=475#tbm=isch&q=c%C3%ADlios>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7o&source=lmns&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICCGB&biw=1024&bih=475#tbm=isch&q=face&imgc=NzcvMZgnjE4NbM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7ol&source=lmns&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICcgB&biw=1024&bih=475#tbn=isch&q=ombro>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7ol&source=lmns&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICcgB&biw=1024&bih=475#tbn=isch&q=antebra%C3%A7o&imgre=h6ZYK9VIRLlPWWM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7ol&source=lmns&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICcgB&biw=1024&bih=475#tbn=isch&q=p%C3%A9&imgre=OZSywLKwi1GztM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7ol&source=lmns&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICcgB&biw=1024&bih=475#tbn=isch&q=perna&imgre=y6NNYSInfwKnLnM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7ol&source=lmns&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICcgB&biw=1024&bih=475#tbn=isch&q=joelho&imgre=IU3mNSRmTMacM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7ol&source=lmns&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICcgB&biw=1024&bih=475#tbn=isch&q=ter%C3%A7ol&source=lmns&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICcgB&biw=1024&bih=475#tbn=isch&q=t%C3%B3rax&imgre=GcEudC6XQSIZDM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7ol&source=lmns&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICcgB&biw=1024&bih=475#tbn=isch&q=cintura&imgre=-lf3zpETd2fq7M%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7ol&source=lmns&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICcgB&biw=1024&bih=475#tbn=isch&q=torcicolo&imgre=JRGekPVWMp59SM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?q=ter%C3%A7ol&source=lmns&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifn72j0OvNAhVHHpAKHY7oBrIQ_AUICcgB&biw=1024&bih=475#tbn=isch&q=frieira&imgre=3LCZMWeyH1w8bM%3A>.

PARTE 2

Escolha a imagem correta e, em seguida, informe uma variação para o item da questão.

FIGURA 13 - Você sabe o que é?²⁸ (**continua...**)

a) Um pomo-de-adão?



Você conhece por outro nome?

b) Uma clavícula?



Você conhece por outro nome?

c) Uma rótula?



²⁸ Os sites de onde foram retiradas as imagens apresentadas nesta figura estão elencados, respectivamente, no final desta atividade - Parte 2.

Você conhece por outro nome?

d) um(a) caolho?



Você conhece por outro nome?

e) Uma pálpebra?



Você conhece por outro nome?

Mais uma etapa concluída! Ótimo!

Fonte: Imagens acessadas em 13 maio. 2016, disponíveis em:

<https://www.google.com.br/search?noj=1&tbm=isch&sa=1&q=catarata&oq=catarata&gs_l=img.3..0l10.235.1774.0.1981.8.7.0.0.0.0.572.572.5-1.1.0....0...1c.1.64.img..7.1.569.-DtOnCKYDUk#imgcr=3Mqg94_U6G4ahM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?noj=1&tbm=isch&sa=1&q=rugas&oq=rugas&gs_l=img.3..0l10.96186.97626.0.97918.5.5.0.0.0.0.253.926.2-4.4.0....0...1c.1.64.img..1.4.923.3JRgojPgu-U#imgcr=bvWi7G5XeCrbZM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?noj=1&tbm=isch&sa=1&q=desdentado&oq=desdentado&gs_l=img.3..0l8j0i30l2.54400.56902.0.58256.10.10.0.0.0.0.513.1901.2-1j2j1j1.5.0....0...1c.1.64.img..5.5.1897.CXMvfA4HOAA#imgcr=2hdOatLWcjY1nM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?noj=1&tbm=isch&sa=1&q=l%C3%A1bios&oq=l%C3%A1bios&gs_l=img.3..0l10.96491.99272.0.99405.6.6.0.0.0.0.390.1070.2-3j1.4.0....0...1c.1.64.img..2.4.1061.LS7f7l0DPTo#imgcr=9XvOqGzLcF8mRM%3A>.

<https://www.google.com.br/search?noj=1&tbm=isch&sa=1&q=cabe%C3%A7a&oq=cabe%C3%A7a&gs_l=img.3..0l10.67268.68878.0.69807.6.6.0.0.0.0.405.977.2-1j1j1.3.0....0...1c.1.64.img..3.3.972.GbO7O-l32_4#imgcr=GN68LEozba-CbM%3A>.

PARTE 3

Qual nome se dá para?

a) Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou...

b) Quando uma pessoa não consegue evacuar, fazer cocô?

c) Para a doença que enche a boca de coisinhas brancas?

d) Para o mau cheiro em baixo dos braços?

e) Aos últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral, quando a pessoa já é adulta?

f) Para a pessoa que não tem uma perna?

Você finalizou as atividades com sucesso! Parabéns!

APÊNDICE L - ORIENTAÇÕES SOBRE AJUDA DO APLICATIVO

ORIENTAÇÕES SOBRE ITEM AJUDA DO APLICATIVO

Olá, prezado estudante! Como vai?

Este é um *software* educativo. Um aplicativo desenvolvido especialmente para você e que irá colaborar em seus estudos e aprendizagens em Língua Portuguesa. Trata-se do aplicativo **Aprendendo Variações Linguísticas (AVL)**.

• Como você deve proceder?

Ao acessar o AVL, pela primeira vez, ele irá solicitar os seus dados pessoais. Preencha-os e clique em "Ok". Em seguida, abre-se uma página com as atividades sobre variação linguística de itens lexicais referentes ao corpo humano: **Que nome se dá para – Parte I**. Digite a sua resposta e, ao final, clique em Ok para concluir esta etapa e iniciar a próxima.

Prosseguindo você encontrará as seguintes atividade “

Você sabe o que é? – Parte II. A partir do item lexical dado, escolha a opção de imagem que julgar pertinente. Depois, se você conhecer o que está representado na imagem por outro nome, insira-o no espaço correspondente. Ao finalizar esta fase clique em Ok. Aproveite e continue aprendendo!

Então, caro educando, você fará a última etapa das atividades do aplicativo: **Que nome se dá? – Parte III** - também sobre partes do corpo humano e saúde. Ao finalizar esta fase, clique em Ok. Finalmente, surgirá uma mensagem indicando que você respondeu a todas as questões com sucesso. Parabéns! Divirta-se com a aprendizagem!

Atenciosamente,
Prof. Wânia Elias

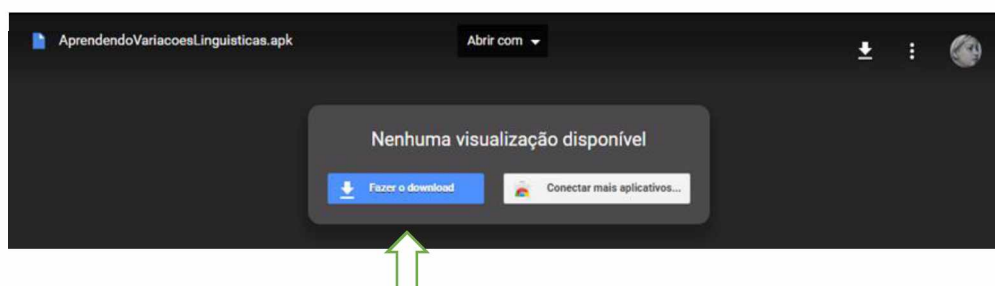
APÊNDICE M – APRENDENDO VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS (AVL)

APRENDENDO VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS (AVL)

Este é um software educativo. Um aplicativo desenvolvido para colaborar com os estudos e aprendizagens em variação linguística relativas às partes do corpo humano. Trata-se do aplicativo Aprendendo Variações Linguísticas (AVL).

Procedimento para instalação em celulares e/ou tablets (plataforma Android)

Etapas	Procedimento
1ª	<p>Copie o arquivo: < <i>AprendendoVariaveisLinguisticas.apk</i> > para o smartphone e salve na pasta download ou em seu aparelho vá diretamente ao link para baixar o arquivo:</p> <p>https://drive.google.com/open?id=0B_b59S0NUdBDSUxZamlqRFBMUExQbENQaXNVZGgtdTduNV9j</p>



- | | |
|----|--|
| 2ª | Abra as configurações do dispositivo: < Menu → Segurança → Fontes desconhecidas → clique na chave ao lado e faça a confirmação de sua escolha para permitir a instalação de arquivos de aplicativos baixados por fontes alternativas autorizando a instalação de arquivos não certificados pela playstore. |
| 3ª | Instale o aplicativo normalmente. |
| 4ª | Abra a tela inicial para utilizar o aplicativo. |

COPIANDO O ARQUIVO DO CD

Observação: Recomendamos que a instalação seja feita através do link disponibilizado nas orientações acima (1ª Etapa)

Procedimento para instalação em celular via desktop (CD)

1. Abra o arquivo do CD. Copie-o e salve no desktop. (**Observação:** Você também poderá copiar o arquivo direto do CD para o celular sem salvá-lo no computador)
2. Conecte o cabo do celular no computador e copie o arquivo para o android. Salve-o na pasta download.
3. Execute-o seguindo os passos já descritos na 2ª, 3ª e 4ª etapas das orientações já indicadas anteriormente.

Utilizando o aplicativo AVL após a instalação.

Ao acessar o AVL pela primeira vez, ele irá solicitar os seus dados. Preencha-os e Clique em "ok" para finalizar essa etapa.

Em seguida, ele abrirá as atividades sobre variação linguística de itens lexicais referentes ao corpo humano. Escolha uma alternativa a partir da imagem visualizada ou insira um item lexical que achar pertinente. Divirta-se com a aprendizagem!

Após essa fase, você encontrará adivinhas, também sobre as partes do corpo humano: "O que é, o que é?" Aproveite e continue aprendendo!

Finalmente, surgirá uma mensagem indicando que respondeu a todas as questões. Parabéns!

Orientações importantes para após o uso do aplicativo

- a. As atividades não possuem gabarito. Consideramos a língua um canal de interação entre os sujeitos e a sua função é a de unir as pessoas evitando discriminações. Não existem falares errados, e sim falares diferentes.
- b. Sugerimos que seja realizado um trabalho com os alunos que contemple o

reconhecimento da variação linguística como algo vivo na língua que está sendo usada. Assim como o ser humano está em constante processo de mudança, o mundo acompanha as mudanças e a língua também varia. Portanto, entendemos que a língua está ao serviço da conciliação entre todos, e não de discriminação ou exclusão.

Atenciosamente,
Prof. Wânia Elias